

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
LABORATÓRIO DE ANÁLISE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA

GISELLE ALEJANDRA PINCHEIRA NAVARRO

CARTOGRAFIA DO CORPO EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIAS VÍTIMAS DE
VIOLÊNCIA SEXUAL

SÃO CARLOS -SP
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
LABORATÓRIO DE ANÁLISE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA

GISELLE ALEJANDRA PINCHEIRA NAVARRO

**CARTOGRAFIA DO CORPO EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIAS VÍTIMAS DE
VIOLÊNCIA SEXUAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGpsi) da Universidade Federal de São Carlos, para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Comportamento social e processos cognitivos.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Sabrina Mazo D’Affonseca

SÃO CARLOS-SP
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Giselle Alejandra Pincheira Navarro, realizada em 12/02/2021.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Sabrina Mazo D'Affonseca (UFSCar)

Prof. Dr. Sidnei Rinaldo Priolo Filho (UTP)

Profa. Dra. Maria de Jesus Dutra dos Reis (UFSCar)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Silêncio no patriarcado e a voz da cumplicidade.

Meus silêncios não têm me protegido.

O seu silêncio não te protegerá.

Audre Lorde.

AGRADECIMENTOS

Nunca deixei por completo minha alma de estudante, desde que eu terminei a graduação em Sociologia no sul do Chile. Sempre fiquei curiosa e fazendo quantos cursos eu podia. Mas, entrar numa pós-graduação em um país estrangeiro, longe das minhas raízes, foi um desafio que exigiu, além de novos hábitos e disciplina, uma entrega emocional e maturidade que ainda estou assimilando. É por isso, que eu quero manifestar meus sinceros agradecimentos à minha família, meu ninho de amor e aconchego na distância: meus pais Ana Maria e Eduardo, meus irmãos Claudia e Eduardo, e minha sobrinha Antonella. Vocês foram, sem dúvida minha fortaleza para continuar neste desafio, que às vezes tornava-se difícil, mesmo assim continuava caminhando graças a seu apoio incondicional.

A minha orientadora, Sabrina Mazo D'Affonseca, não sabe quanto nestes dois anos você foi importante no percurso do mestrado e da minha vida. Obrigada por aceitar orientar meu projeto, por acreditar em mim, por me motivar quando as dificuldades apareciam e ser a luz de energia que eu precisava.

Ao meu companheiro Jair, pela paciência e carinho sincero, por acompanhar no tempo justo e compartilhar seus dias comigo. Obrigada pelas constantes sugestões e contribuições neste projeto, que ao final ajudaram-me a melhorar sempre.

Aos participantes desta pesquisa, eu fico imensamente grata pela disposição, generosidade, confiança e, acima de tudo, pela coragem de falar suas experiências e contribuir com parte da sua história. Eu espero sinceramente haver deixado um espaço de reflexão em vocês, pois em mim vocês mexeram o suficiente para continuar conscientizando e sanando nossas dores compartilhadas.

Aos membros do Laboratório de Análise e Prevenção à Violência - Laprev agradeço o acolhimento, as dicas, a troca de conhecimento constante, a alegria e sempre boa energia. Ainda na modalidade remota em 2020, e com novos integrantes, a essência do grupo foi sempre maravilhosa. Meu reconhecimento especial a Maria Beatriz Reis Dionísio pela contribuição na pesquisa, parceria amigável e profissional.

Aos amigos latino-americanos, em geral, que esta passagem da minha vida trouxe. A minhas amigas no Chile e família estendida pela preocupação constante e por torcer para que tudo aconteça de modo certo.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Com vigência de 03/2019 a 02/2021.

E a banca que aceitou participar na minha defesa, ainda com a urgência dos tempos, agradeço cada uma das contribuições para com a pesquisa.

Finalmente, fico imensamente agradecida pela oportunidade de estudar numa universidade federal, pública e gratuita. Desejo que, assim como eu tive a oportunidade de chegar neste lugar para adquirir conhecimentos, compartilhar com o mundo da ciência e pesquisa brasileira, outros e outras possam continuar meus passos e a educação seja o motor de mudanças e igualdade que tantos almejam.

Obrigada vida, obrigada meu Deus.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	15
ESTUDO I - A violência de gênero nas universidades e as consequências em suas vítimas: Revisão integrativa da literatura	18
RESUMO	18
ABSTRACT	18
INTRODUÇÃO	19
RESULTADOS	24
DISCUSSÃO.....	48
CONCLUSÕES.....	54
REFERÊNCIAS	55
ESTUDO II - SITUACIONES DE VIOLENCIA EXPERIMENTADAS POR ESTUDIANTES EN EL CONTEXTO UNIVERSITARIO.....	61
RESUMEN.....	61
INTRODUCCIÓN	62
MÉTODO.....	64
RESULTADOS.....	66
REFERÊNCIAS	76
ESTUDO III - Meu consentimento desrespeitado: sequelas corporais e sexuais em estudantes universitárias vítimas de violência sexual.	81
RESUMO	81
INTRODUÇÃO	82
MÉTODO.....	88
RESULTADOS.....	94
MAPAS CORPORAIS.....	105
DISCUSSÃO.....	117
CONCLUSÕES.....	124
REFERÊNCIAS	125
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	131
ANEXO I. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	134

ANEXO II. (PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS)	137
ANEXO III - DIVULGAÇÃO DA PESQUISA EM MEIOS DIGITAIS	140
ANEXO IV - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS SEMI ESTRUTURADAS	142
ANEXO V: LINHAS DO TEMPO DAS PARTICIPANTES.	145
APÊNDICE I- REGISTRO DO PARECER DA PESQUISADORA NO PROCESSO DE ENTREVISTAS.....	152

LISTA DE TABELAS

Estudo I	Pág.
Tabela 1. Descritores utilizados nos três idiomas.....	24
Tabela 2. Sistematização das principais informações dos 25 estudos selecionados na revisão.....	28
 Estudo II	
Tabla 1. Tipo de violencia reportada por las (os) participantes (n=27)	68
Tabla 2. Opinión de las participantes al respecto a la motivación de la violencia ejercida (n=27)	69
Tabla 3. Áreas donde ocurrió la violencia de acuerdo con los participantes.	
 Estudo III	
Tabela 1. Caracterização das participantes (N=11) segundo a ocupação, idade e tipo de relacionamento afetivo.....	95
Tabela 2. Escores da Escala EPSUS-A das participantes.....	97
Tabela 3. Instrumento de Eventos Estressores, com as categorias e pontuação total para cada participante.....	98

LISTA DE FIGURAS

Estudo I

Figura 1. Fluxograma PRISMA da seleção de artigos incluídos na revisão.
Adaptado de Moher et al. (2009) 27

Estudo II

Figura 1. Número de episódios de violência descritos por las participantes.69

Estudo III

Mapas corporais das participantes105-111

LISTA DE SIGLAS

UFSCar: Universidade Federal de São Carlos.

LAPREV: Laboratório de Análise e Prevenção da Violência.

UNILA: Universidade Federal da Integração Latino-americana.

OMS: Organização Mundial da Saúde.

RESUMO

A violência de gênero é uma manifestação do modelo estrutural do patriarcado, baseado no poder dos homens perante as mulheres e que perpassa todas as camadas da sociedade. É por isso que dentro da universidade também se reproduzem dinâmicas abusivas as quais, dependendo do tipo de violência, tempo de exposição e quem exerceu a agressão, pode gerar diversos impactos. A presente dissertação buscou visibilizar a violência de gênero que acontece no interior das instituições de educação superior, centrando a análise nas possíveis consequências no corpo e sexualidade das estudantes. Dividida em três estudos, o primeiro teve por objetivo geral sintetizar e analisar a produção científica nacional e internacional associada às consequências que sofrem as vítimas de violência de gênero dentro do âmbito universitário. A revisão sistemática foi realizada em quatro bases de dados: SciELO, Web of Science, Lilacs e Scopus, com as seguintes palavras chaves (*Assédio sexual, Violência sexual, Agressão sexual, Abuso sexual, Universidade*), traduzidas no espanhol e inglês. Do total de 1.257 artigos achados, 25 deles foram selecionados para a análise. A revisão evidenciou que as principais vítimas são as estudantes, professoras e funcionárias das instituições, tendo consequências físicas, psicológicas, emocionais, na imagem corporal, nas relações interpessoais, no desempenho acadêmico, na sexualidade e biológicas. Além disso, se constata a escassez de estudos latino-americanos deste tipo. O segundo estudo teve como objetivo geral descrever as diversas situações de violência de gênero experimentadas pelas estudantes dentro do âmbito universitário ou por parte da comunidade universitária. Participaram 29 estudantes de universidades federais brasileiras que responderam a um questionário online de caracterização da violência. Os principais resultados apontam que a maioria das participantes tinha experimentado algum tipo de violência ou assédio dentro do campus universitário (salas de aula, laboratórios), fora dele (repúblicas, festas universitárias) e no trajeto ida e volta da universidade, com uma média de entre três e quatro episódios de violência declarados. Discute-se a necessidade das instituições acadêmicas ter um papel ativo na prevenção e conscientização da violência de gênero, além de gerar lugares de acolhimento e protocolos de escuta que não revitimizem as alunas. O terceiro estudo teve como objetivo geral identificar possíveis consequências e impactos na corporeidade e sexualidade em estudantes que sofreram violência sexual dentro do contexto universitário. 11 estudantes participaram de uma entrevista remota baseada em métodos visuais como linhas do tempo e cartografias corporais. Os resultados mostraram fortes impactos no desenvolvimento integral na vida das universitárias, sendo evidente a correlação entre a violência sexual e a imagem corporal distorcida delas, a complexa relação com sua corporeidade como a sensação de desconexão com seu próprio corpo e o distanciamento com sua sexualidade após o abuso. Destaca-se a importância de indagar questões subjetivas das experiências de violência sexual e a partir desse conhecimento, tentar minimizar os impactos, fornecendo apoio profissional e gerando políticas institucionais com perspectiva de gênero dentro das universidades.

Palavras-chave: Assédio sexual; agressão sexual; violência sexual; universidade; sexualidade.

RESUMEN

La violencia de género es una manifestación del modelo estructural del patriarcado, basado en el poder del hombre antes que la mujer y que permea todos los estratos de la sociedad. Es por ello que también se reproducen dentro de la universidad dinámicas abusivas que, dependiendo del tipo de violencia, tiempo de exposición y quién ejerció la agresión, pueden generar varios impactos. La presente disertación buscó visibilizar la violencia de género que ocurre al interior de las instituciones de educación superior, enfocando el análisis en las posibles consecuencias sobre el cuerpo y la sexualidad de los estudiantes. Dividido en tres estudios, el primero tuvo el objetivo general de sintetizar y analizar la producción científica nacional e internacional asociada a las consecuencias que sufren las víctimas de violencia de género en el ámbito universitario. La revisión sistemática buscó en cuatro bases de datos: SciELO, Web of Science, Lilacs y Scopus, con las siguientes palabras clave (acoso sexual, violencia sexual, agresión sexual, abuso sexual, universidad), traducido al español y al inglés. Del total de 1.257 artículos encontrados, 25 de ellos fueron seleccionados para el análisis. La revisión muestra que las principales víctimas son estudiantes, docentes y empleados de las instituciones, con consecuencias físicas, psicológico, emocional, imagen corporal, relaciones interpersonales, en lo desempeño académico, sexualidad y biología. Además, hay escasez de estudios latinoamericanos de este tipo. El segundo estudio tuvo como objetivo describir las diversas situaciones de violencia de género vividas por estudiantes en el ámbito universitario o por la comunidad universitaria. Participaron 29 estudiantes de universidades federales brasileñas que cumplimentaron un formulario online de caracterización de la violencia. Los principales resultados indican que la mayoría de los participantes había experimentado algún tipo de violencia o acoso dentro del campus universitario (aulas, laboratorios), fuera del mismo (repúblicas, fiestas universitarias) y en el camino hacia y desde la universidad, con una media de entre tres y tres años. cuatro episodios de violencia denunciados. Se discute la necesidad de que las instituciones académicas tengan un papel activo en la prevención y sensibilización de la violencia de género, así como de generar lugares de acogida y protocolos de escucha que no revictimicen a las estudiantes. El tercer estudio tuvo como objetivo identificar posibles consecuencias e impactos sobre la corporalidad y sexualidad en estudiantes que sufrieron violencia sexual en el contexto universitario. Once estudiantes con antecedentes de violencia a nivel universitario participaron de una entrevista virtual basada en métodos visuales como líneas de tiempo y mapas corporales. Los resultados mostraron fuertes impactos en el desarrollo integral en la vida de los estudiantes universitarios, siendo evidente la correlación entre la violencia sexual y su imagen corporal distorsionada, la compleja relación con su corporalidad como la sensación de desconexión con su propio cuerpo y la distancia con su propio cuerpo. sexualidad después del abuso. Finalmente, debe ser una prioridad indagar en las cuestiones subjetivas de las experiencias de violencia sexual y, a partir de este conocimiento, tratar de minimizar los impactos, brindando apoyo profesional y generando políticas institucionales con perspectiva de género dentro de las universidades.

Palabras claves: acoso sexual; agresión sexual; violencia sexual; Universidad; sexualidad.

ABSTRACT

Gender-based violence is a manifestation of the structural model of patriarchy, based on the power of men before women and which permeates all layers of society. That is why abusive dynamics are also reproduced within the university which, depending on the type of violence, time of exposure and who exercised the aggression, can generate several impacts. The present dissertation sought to make visible the gender violence that happens inside the institutions of higher education, focusing the analysis on the possible consequences on the body and sexuality of the students. Divided into three studies, the first had the general objective of synthesizing and analyzing the national and international scientific production associated with the consequences suffered by victims of gender violence within the university environment. The systematic review was carried in four databases were searched: SciELO, Web of Science, Lilacs and Scopus, with the following keywords (sexual harassment, sexual violence, sexual assault, sexual abuse, university), translated into Spanish and English. Of the total of 1,257 articles found, 25 of them were selected for the analysis. The review showed that the main victims are students, professors and employees of the institutions, with physical, psychological, emotional, body image, interpersonal relationships, academic performance, sexuality and biological consequences. In addition, there is a scarcity of Latin American studies of this type. The second study aimed to describe the various situations of gender violence experienced by students within the university environment or by the university community. Participants included 29 students from Brazilian federal universities who responded to an online questionnaire characterizing violence. The main results indicate that most participants had experienced some type of violence or harassment within the university campus (classrooms, laboratories), outside it (republics, university parties) and on the way to and from the university, with an average of between three and four reported episodes of violence. The need for academic institutions to play an active role in the prevention and awareness of gender violence is discussed, as well as to generate welcoming places and listening protocols that do not re-victimize female students. The third article aimed to identify possible consequences and impacts on corporeality and sexuality in students who suffered sexual violence within the university context. Eleven students with a history of violence at the university level participated in a virtual interview based on visual methods such as timelines and body maps. The results showed strong impacts on the integral development in the life of the university students, being evident the correlation between sexual violence and their distorted body image, the complex relation with their corporeality as the sensation of disconnection with their own body and the distance with their sexuality after abuse. Finally, it should be a priority to inquire into the subjective questions of the experiences of sexual violence and, based on this knowledge, try to minimize the impacts, providing professional support and generating institutional policies with a gender perspective within the universities.

Keywords: sexual harassment; sexual aggression; sexual violence; university; sexuality.

APRESENTAÇÃO

A violência de gênero é uma problemática social complexa de abordar, que atinge mulheres de todas as idades, níveis educacionais, classes sociais e culturais (Valls et al., 2007). Condutas hostis e agressivas podem ser internalizadas nos processos de socialização primária na infância. Berger e Luckmann (1968), definiram o processo de socialização, onde o indivíduo torna-se um membro da sociedade, sendo a estrutura básica de toda socialização secundária em que o indivíduo começa o aprendizado de novos papéis dependo do contexto. As expressões violentas que são naturalizadas nessa etapa pelos indivíduos, posteriormente passam a ser aceitas e legitimadas socialmente, portanto, não é estranho que sejam reproduzidas no contexto universitário como parte do convívio cotidiano (Tlalolin, 2017).

Assim as instituições familiares, econômicas, políticas e educativas tem grande influência no desenvolvimento social e afetivo dos indivíduos. É possível encontrar diferenças na socialização entre homens e mulheres quanto aos comportamentos e crenças que logo têm relação exclusiva com o sexismo e a violência de gênero, um modelo de masculinidade que potencializa a violência de gênero, principalmente pelo convencimento de ter o poder de dominação a respeito das mulheres (Simkin et al., 2013).

Nesse sentido, as relações de poder que são manifestadas de diversas formas no interior das universidades, geram cenários de alta vulnerabilidade para as estudantes, tendo como principais agressores os professores, colegas de curso (Castaño-Castrillón et al., 2010), administrativos e funcionários técnicos (Tlalolin, 2017). A universidade atua em muitos casos como um espaço de reprodução de dinâmicas abusivas, distinguindo situações de assédio sexual, comentários sugestivos, situações de discriminações de gênero e humilhações públicas que questionam a intelectualidade dos professores para com as alunas, e, em alguns casos, pode chegar até o estupro. Tentar problematizar a respeito da existência da violência nas universidades e sua posterior transformação destas relações, supõe uma avaliação da instituição como integrante da sociedade, a qual não fica isenta do fenômeno da violência e que precisa prioritariamente de um posicionamento responsável para entender, prevenir, e intervir sobre a violência de gênero em seu interior (Ramírez, 2019).

Diante desse contexto, a pesquisa responde a uma série de questionamentos e interesses tanto a nível pessoal quanto profissional. Após ter passado por situações constrangedoras por ser mulher, passei a me inquietar com a cultura machista e patriarcal que perpassa as relações homens-mulheres, o que me impulsionou a posicionar-me pessoalmente e sensibilizar outras mulheres no meu entorno, deixando claro que ninguém tem o direito de transpassar os limites de nosso espaço íntimo, nem menosprezar nossa capacidade como indivíduos. Entendi que a luta não se consegue em silêncio e que ampliá-la e falar com mais mulheres deve ser um dos passos principais para prevenir e erradicar qualquer tipo de abuso. Tenho certeza que ainda fica trabalho por fazer e que as mulheres, pesquisadoras ou não, latino-americanas ou não, feministas ou não, sentem com mais força as cordas que no cotidiano nos oprimem. Só tento me encorajar na minha própria vida, cada dia é um novo desafio e este aqui é meu aporte para com vocês mulheres que ainda não tem a coragem suficiente para projetar sua voz. Acreditem em seu poder e saibam que sempre existe a possibilidade de encontrar ajuda em alguém. Não se sintam e não fiquem sozinhas!

Assim, a dissertação está integrada por três estudos, que tem como finalidade posterior ser submetida no formato de artigos em periódicos científicos. Aponta contribuir teoricamente na temática da violência de gênero nas universidades, buscando responder à pergunta: Após episódios de violência sexual em contextos universitários, as estudantes vítimas de violência de gênero são capazes de identificar e mencionar as consequências relacionadas em seu corpo e sua sexualidade?

O primeiro estudo intitulado *“A violência de gênero nas universidades e as consequências em suas vítimas: Revisão sistemática de literatura”* teve como objetivo sintetizar e analisar a produção científica nacional e internacional associada às consequências que sofrem as vítimas de violência de gênero dentro do âmbito universitário. Foram selecionados, a partir dos critérios de inclusão, 25 artigos de uma amostra total de 1.257 estudos científicos. Os resultados mostram as diversas consequências na qualidade de vida das vítimas tanto no âmbito psicológico, físico, emocional, social quanto no plano sexual. Além disso, tem escassez de pesquisas no território brasileiro e latino-americano que falem das consequências da violência de gênero no âmbito universitário. O segundo estudo apresentado no idioma espanhol está intitulado, como; *“Situaciones de violencia de género experimentadas por estudiantes en el contexto universitario”*, teve como objetivo geral descrever as diversas situações de violência de gênero e

assédio experimentadas pelas estudantes dentro do âmbito universitário ou por parte da comunidade universitária. Os resultados sinalizam que a violência acontece dentro do campus universitário (salas de aula, laboratórios, áreas abertas), fora do campus (repúblicas, festas universitárias) e no trajeto de ida e volta da universidade. No terceiro artigo intitulado “*Meu consentimento desrespeitado: sequelas corporais e sexuais em estudantes universitárias vítimas de violência sexual*”, tinha como objetivo geral Identificar possíveis consequências e impactos na corporeidade e sexualidade em estudantes que sofreram violência de gênero dentro do contexto universitário, no específico abuso e violência sexual. Foram realizadas onze entrevistas a estudantes de universidades federais brasileiras, feitas no formato remoto devido à pandemia da Covid-19. Foi possível evidenciar a ligação entre a violência sexual e os fortes impactos na percepção negativa do seu corpo e sua sexualidade além de impactos emocionais, nas relações interpessoais. Pesquisas futuras precisam focar-se na intervenção e no acolhimento das vítimas de violência em contextos universitários.

Em definitivo, espero complementar a pesquisa com meu olhar de socióloga e mulher latina através de uma postura crítica, frente a contextos de violência e suas manifestações. Iniciei minha fase de desenvolvimento profissional como estagiária no Serviço Nacional da Mulher e Equidade de Gênero (Sernameg), no Chile, permitindo-me trabalhar no âmbito público e conhecer a gestão administrativa do serviço público para as mulheres. Dessa maneira, outros empregos também possibilitaram as relações diretas com mulheres que vivenciaram violência, conscientizando ainda mais a importância de profissionais adequados e com ética no desenvolvimento de novas formas de acolhimento e estratégias de prevenção. No percurso, também fui adquirindo conhecimentos desde a dança como mecanismo de conexão do corpo com a mente, gestando espaços de interdisciplinaridade que fizeram tomar a decisão de continuar o aprendizado e hoje ter a possibilidade de fazer a Pós-graduação em Psicologia após anos de experiência profissional.

ESTUDO I - A violência de gênero nas universidades e as consequências em suas vítimas: Revisão integrativa da literatura

RESUMO

As instituições de educação superior são espaços que não estão isentos das dinâmicas de violência e relações de poder, que resultam prejudiciais para quem são alvo dessas expressões sutis até outras mais explícitas, causando o desconforto das vítimas e com efeitos negativos. A presente revisão integrativa tem o objetivo de sintetizar e analisar a produção científica nacional e internacional associada às consequências que sofrem as vítimas de violência de gênero dentro do âmbito universitário. As bases de dados pesquisadas foram SciELO, Web of Science, Lilacs e Scopus, utilizando descritores como: “*assédio sexual, violência sexual, agressão sexual, abuso sexual e universidade*” traduzidos em inglês e espanhol com o recorte temporal de 2010 a 2020. De um total de 1.257 artigos rastreados, foram selecionados 25 para a análise final, os quais mencionam consequências do tipo: físicas, na imagem corporal, psicológicas, emocionais, nas relações interpessoais, seu impacto social, acadêmicas, sexuais e biológicas. As principais vítimas eram mulheres universitárias, professoras e funcionárias. A revisão visibiliza a lacuna na produção científica que tenha foco nas consequências da violência de gênero na universidade e a escassez no contexto brasileiro e latino-americano, sendo a maioria dos artigos analisados de origem norte-americana e com desenvolvimento do método quantitativo. Estudos futuros podem indagar os impactos das diversas situações de abuso e violência no contexto universitário, especificamente nas vítimas que precisam com urgência da descrição em profundidade para acompanhar a tomada de decisões na criação de estratégias de prevenção.

Palavras chaves: revisão sistemática; violência de gênero; consequências; universidade.

ABSTRACT

Higher education institutions are spaces that are not exempt from the dynamics of violence and power relations, which are harmful for those who are the target of these subtle expressions, even more explicit ones, causing discomfort for the victims and with generally negative effects. The present systematic review aims to synthesize and analyze the national and international scientific production associated with the consequences suffered by victims of gender violence within the university environment. The databases searched were SciELO, Web of Science, Lilacs and Scopus, using descriptors such as "sexual harassment, sexual violence, sexual assault, sexual abuse and university" translated into English and Spanish with a time frame from 2010 to 2020. The result was a total of 1,257 articles found, 25 of which were selected for the final analysis, which mention consequences such as: physical and body image; psychological and emotional; in interpersonal relationships and their social impact; academics; in sexuality and biological. The main victims are university women, teachers and employees. The review highlights the gap in scientific production focused on the consequences of gender violence in the university and the scarcity in the Brazilian and Latin American context, with the majority of the articles analyzed being of North American origin and using the quantitative method. Future studies may subjectively inquire into the impacts of different situations of abuse and violence in the university context on victims, which urgently need to be described in depth for decision-making in the creation of prevention strategies.

Keywords: systematic review; gender-based violence; consequences; University.

INTRODUÇÃO

O primeiro Tratado Internacional que incorporou a temática da Violência Contra as Mulheres dentro de sua análise, foi a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, mais conhecida como a “Convenção de Belém Do Pará”, sendo aprovada o 9 junho de 1994 pela Organização dos Estados Americanos o qual significou um antes e depois na abordagem dos Direitos Humanos. A Convenção foi assinada e ratificada por mais de 32 países assumindo um compromisso político na luta contra as violências em seus territórios, violência que constitui uma manifestação explícita das relações de poder historicamente desiguais entre homens e mulheres (OEA, 2013).

Assim, no artigo 1º da Convenção, entende a violência como [...] qualquer ação ou conduta, com base em seu gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico às mulheres, tanto na esfera pública quanto no privado (p.3).

Estabelecendo os três tipos de violência:

- **Violência física:** Golpes, puxões, empurrões, beliscões, lesões, entre outros
- **Violência sexual:** imposição de relações sexuais ou estupro, abuso sexual ou tocando sem consentimento, entre outros.
- **Violência psicológica:** humilhação, ameaças, ciúmes, chantagem, intimidação, desqualificação, entre outros.

Visibilizando três âmbitos de ação da violência:

- **Na vida privada:** Quando a violência é exercida no seio da família, na unidade doméstica ou em qualquer outra relação interpessoal, mesmo quando a infrator não mora com a vítima.
- **Na vida pública:** Quando a violência é exercida por qualquer pessoa, seja na comunidade, no local de trabalho, em instituições de ensino, unidades de saúde ou em qualquer outro lugar.
- **Perpetrado ou tolerado pelo Estado** ou seus agentes, onde quer que ocorra.

Em seguida nos artigos 3º a 6º são mencionados os direitos que reconhece e protege a “Convenção de Belém do Pará”, enfatizando que toda mulher tenha uma vida livre de violência,

de toda discriminação, que sejam valorizadas, reconhecidas e tenham acesso a uma educação livre de estereótipos de gênero, ao exercício livre de seus direitos civis políticos, sociais, econômicos e culturais (CDNH, 2013).

Questão que continua sendo necessária com políticas públicas desde a prevenção até a erradicação da violência. Segundo dados da ONU Mulheres (2020), em média 1 de cada 3 mulheres e meninas sofrem violência ao longo da sua vida diariamente - levando a refletir sobre as experiências dessas mulheres em diferentes contextos. No Brasil, e devido à desigualdade racial, o número de vítimas de homicídio na população negra em geral chegou a 75,7% dos casos de homicídios de mulheres nos anos 2008 a 2018, ou seja, uma mulher é assassinada cada 2 horas no Brasil (Atlas da Violência, 2020).

A luta contra a violência e visibilização do cenário desigual para as mulheres vem de muito antes, marcando um evento histórico as mobilizações nos anos 1960 com o ativismo feminista que levou as demandas do espaço privado para a esfera pública, popularizando as campanhas de rejeição do assédio e violência de gênero, com manifestações na rua, plataformas virtuais, redes sociais e também nas universidades, causando grande comoção nas autoridades das instituições acadêmicas e em toda a população (Sardenberg, 2019).

Alguns dos ativismos mais recentemente, que ajudaram nessa visibilização dos assédios foram as iniciativas nas redes sociais com o hashtag no *Twitter* #MeToo, cunhado em 2006 pela ativista afro-americana Tarana Burke para denunciar os crescentes casos de assédio na sociedade norte-americana, e que dez anos depois mulheres do cinema colocaram novamente na atenção midiática (Lamas, 2007). Em 2016 a jornalista e ativista colombiana Catalina Ruiz-Navarro impulsionou o hashtag #MiPrimerAcoso, que no Brasil foi traduzido como #PrimeiroAssédio, ganhando uma rápida e forte repercussão nos espaços acadêmicos em que as estudantes por fim conseguiram denunciar seus professores e colegas que exerciam assédio deliberado sobre elas.

Essa repercussão no ambiente acadêmico e profissional tem lógica considerando que os atos de violência de gênero, as dinâmicas e comportamentos abusivos dentro das instituições de educação superior já tem um histórico (López, 2019), com manifestações sutil numa linha ainda muito conservadora, pelo que qualquer iniciativa implantada é importante para visibilizar as situações de desconforto, humilhações, desigualdades e violência que acontecem dentro das salas de aulas, bibliotecas, laboratórios e em diferentes espaços acadêmicos (Varela, 2020).

A comunidade universitária, e com mais força os estudantes, representam um grupo de risco exposto a múltiplas formas de violência dentro desse espaço educativo (Bjorklund, 2010). Destaca-se, por exemplo, os rituais de passagem para o ensino superior, os chamados “trotos”, os quais podem causar desconforto nas estudantes (Cranney, 2015). Em parte devido a hiperssexualização das jovens e do corpo feminino, e, por outro lado, o consumo excessivo de álcool em festas universitárias (Roso et al., 2021).

Para além das violências presentes nas relações acadêmicas no ambiente universitário, outras formas de violência podem estar presentes como, por exemplo, a violência entre parceiros íntimos, seja em uma relação de namoro, coabitação ou na relação marital. Ter consideração dela pode ser útil para determinar um padrão de relacionamento ao longo de seu ciclo vital trazendo resultados aversivos para a saúde física e mental das pessoas envolvidas (Flake et al., 2013).

Ródenas (2009) avaliou o contexto universitário como um lugar que desvaloriza e marginaliza as mulheres devido ao ambiente machista e de hierarquia que se estabelece pelos homens em relação às mulheres. Contextos que continuam reproduzindo essas dinâmicas, como misóginos e sexistas, entendendo que o sexismo pode ser expressado tanto em condutas verbais como em atos corporais, orientados a uma forma de controle social no campo de ação das mulheres (Mingo & Moreno, 2017). Podem existir dois tipos de sexismo: um institucional e outro interpessoal. No sexismo institucional ocorrem atos discriminatórios, associados a práticas de exclusão promovidas pelas entidades, que vão criando barreiras para impedir o acesso a melhores oportunidades para as mulheres. Já o interpessoal, refere-se a atitudes negativas dos homens perante as mulheres, sendo sua maior expressão a violência de gênero (Bertho, 2020).

O assédio sexual na universidade, experimentado no cotidiano universitário, manifesta-se como uma violência banalizada nos currículos acadêmicos, nas discussões e debates nas aulas universitárias, sendo um mecanismo de subordinação e opressão sobre as mulheres (Ródenas, 2009). Pode incluir favores sexuais diretos ou por implicação, por exemplo, quando o sucesso acadêmico ou promoção no curso fica como condição de um favor sexual ou quando a recusa de uma proposta dessa natureza implica consequências para os estudantes (Eller, 2016). Ademais, inclui beijos, carícias e toques sem o consentimento da estudante, compreendendo que a questão do consentimento traz consigo uma complexidade quando as relações de poder estão presentes, como ocorre na relação professor-aluno; ou por coerção, seja por parte do professor, funcionário ou outro aluno da instituição. Inclui-se também comentários sobre a aparência física da estudante,

comentários obscenos ou com conotação sexual, e/ou questionamentos sobre sua forma de vida, além da pressão para olhar material erótico, vídeos, fotografias ou pornografia (Kheswa, 2014).

As consequências destas experiências são variadas para as sobreviventes (Belknap, 2014). Alguns autores concordam que situações de assédio podem trazer problemas de autoestima, impactos na sua vida psíquica, social, profissional, familiar e afetiva (DeLoveh, 2017). Também no âmbito acadêmico, as vítimas podem ter prejuízos, seja pela falta de concentração nas aulas, a perda de confiança em suas habilidades e competências, além das faltas frequentes às aulas, podendo culminar no trancamento da disciplina ou, até, na desistência do curso (Kheswa, 2014). Além disso, as situações de assédio sexual podem levar ao sentimento de culpabilização, desesperança e medo nas vítimas. Muitas vezes as vítimas tendem a perceber o ambiente universitário como um espaço em que elas estão vulneráveis, o que pode culminar em comportamentos de fuga-esquiva, isto é, evitação dos espaços educacionais e/ou dos colegas, o que pode levar a mudança de curso, abandono de projetos de pesquisa ou extensão ou até mesmo o abandono do curso (Lizama-Lefno & Quiñones, 2019).

Vale destacar que culpabilizar as vítimas pelas situações de violência pode ter como consequência o silenciamento das mesmas diante das situações vivenciadas, além do sentimento de fadiga, tristeza, vergonha, impotência, ansiedade, confusão e desgaste emocional (Mingo & Moreno, 2015). Quando uma pessoa está situada numa posição de subordinação, perde sua energia emocional, tendo três formas de agir: i) resistir a esse posicionamento, ii) evitar ou minimizar a interação no futuro ou iii) continuar participando das interações e tentar gerenciar internamente as respostas emocionais desse posicionamento. Esta última prevalece nas mulheres como uma forma de evitar os conflitos, mas consome a maior parte da energia intrapsíquica (Summers-Effler, 2002).

As pesquisas internacionais sobre assédio sexual e violência de gênero dentro das universidades, foram iniciadas nos Estados Unidos, Canadá e Espanha (Lopez, 2019). Particularmente as pesquisas na América do Norte levam uma vantagem significativa na implementação de programas de intervenção e prevenção da violência, assim também na tipificação dos tipos de violência existentes no âmbito universitário (Valls, 2007). Especificamente, foram encontradas duas pesquisas baseadas em revisões sistemáticas da literatura, que tinham como objetivo identificar a prevalência da violência de gênero nas universidades incluindo fatores de risco e contextos de assédio sexual (Klein e Martin, 2019;

Hernández-Romero et al., 2019), e outro estudo sobre os recursos universitários que apoiam aos estudantes na divulgação da violência sexual (Bogen et al., 2019).

A presente pesquisa tem como objetivo sintetizar e analisar a produção científica nacional e internacional associada às consequências que sofrem as vítimas de violência de gênero dentro do âmbito universitário. Com isso, espera-se contribuir com o acervo da informação científica ao respeito das consequências que podem repercutir no bem-estar das vítimas.

MÉTODO

Estratégia de busca

As bases de dados utilizadas foram: *Web of Science (Institute for Scientific Information (ISI) Web of Knowledge*, SciELO (*Scientific Electronic Library Online*), Lilacs (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e Scopus. A revisão foi atualizada e finalizada em março de 2020. Os descritores empregados foram “*assédio sexual*” OR “*violência sexual*” OR “*agressão sexual*” OR “*abuso sexual*” AND “*universidade*”, traduzidas nos idiomas espanhol e inglês, como segue na tabela 1. Os campos de busca foram no Título/resumo e palavras chaves.

*Tabela 1.
Descritores utilizados nos três idiomas.*

Espanhol	(<i>acoso sexual OR violencia sexual OR agresión sexual OR abuso sexual AND universidad</i>)
Português	(<i>assédio sexual OR violência sexual OR agressão sexual OR abuso sexual AND universidade</i>)
Inglês	(<i>Sexual harassment OR sexual violence OR sexual assault OR sexual abuse AND college/university</i>)

Crítérios de elegibilidade

Foram incluídos documentos no formato de artigos científicos com acesso aberto e revisado por pares, dos últimos dez anos (2010 a 2020); escritos no idioma inglês, português ou espanhol; que descreveram em seus resultados possíveis consequências e impactos da violência de gênero em diversos contextos universitários.

Foram excluídos estudos duplicados, fora do recorte temporal, num idioma distinto ao já estabelecido, artigos não disponíveis; e todo aquele que abordava situações de violência fora do âmbito universitário (abuso infantil, assédio no espaço laboral, violência doméstica, e implementação ou avaliação de programas de intervenção/prevenção da violência, e outros tópicos diversos com outra população de estudo). Também não foram inclusos dissertações, teses, relatórios, protocolos, seminários.

Seleção dos estudos e extração de dados

A seleção e armazenamento dos artigos foi condensada numa planilha Excel e conduzida por duas revisoras. As referências duplicadas foram eliminadas no gerenciador Mendeley. As revisoras avaliaram de forma independente o título e o resumo de cada artigo extraído das bases de dados utilizando os critérios de inclusão e exclusão como diretriz. Após essa etapa, foi analisada o coeficiente de concordância interobservadores com o teste estatístico Kappa no software SPSS – versão 22.0. O presente trabalho considerou-se valores maiores a 0,61, como adequados para passar à seguinte etapa, tendo obtido um valor de kappa de 0,715. Após essa etapa, foram eliminados os artigos que não se enquadravam nos critérios de inclusão. Posteriormente, foi realizada a leitura integral dos artigos selecionados, continuando a exclusão de artigos sem pertinência temática ou relacionados à questão central do estudo.

Análises dos dados

Foi extraída e categorizada a informação relevante dos artigos e armazenados numa planilha Excel. Tendo como alvo os seguintes itens: autor/ ano, continente, local em que foi realizada a pesquisa, participantes, tamanho da amostra, faixa etária dos participantes, método, tipo de estudo, objetivo, instrumentos, principais achados. Em seguida, a avaliação dos artigos e síntese foi realizada através de agrupamentos para análises qualitativas e quantitativas (frequência, porcentagem).

RESULTADOS

Foram identificados 1.257 estudos nas quatro bases de dados (*Web of Science*, *SciELO*, *Lilacs*, *Scopus*). As referências duplicadas e os estudos fora dos últimos 10 anos (2010 a 2020)

foram excluídos, assim como os artigos não disponíveis para download. Com base nesses critérios, permaneceram 664 artigos dos quais, pela leitura do título e o resumo foram excluídos 462. Procedeu-se à leitura na íntegra de 202 artigos finalizando a filtragem em 33 artigos. Em seguida, 8 artigos foram excluídos por serem estudos principalmente teóricos e que não descreviam consequências da violência; ou seu conteúdo era de prevalência da violência na universidade. A amostra final ficou com 25 artigos selecionados. A Figura 1 apresenta uma sistematização dessas etapas.

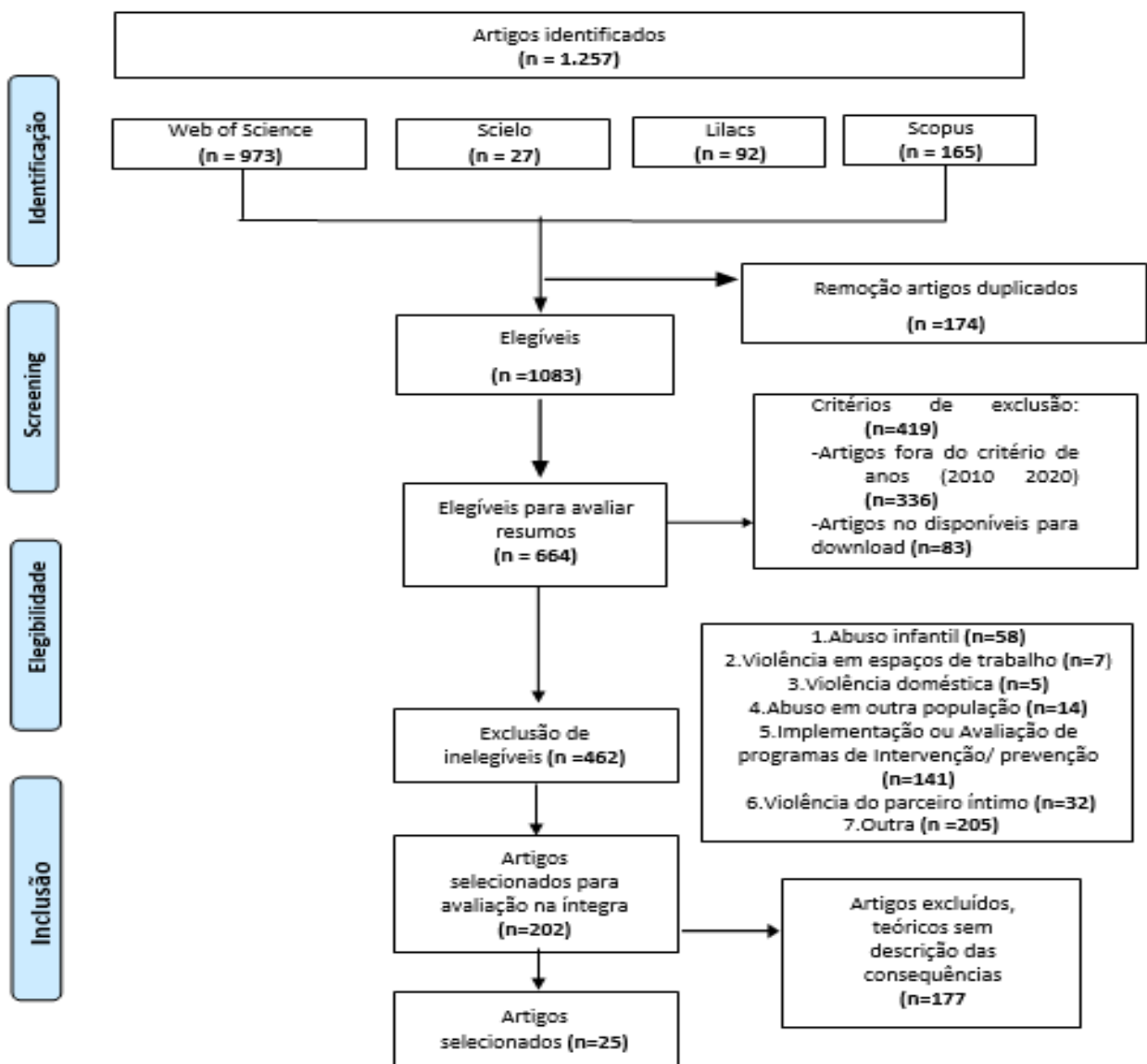


Figura 1.

Fluxograma PRISMA da seleção de artigos incluídos na revisão. adaptado de Moher et al. (2009).

A Tabela 2 apresenta uma síntese dos artigos selecionados. Em relação ao ano de publicação, verificou-se que entre 2016-2019 foi o período com maior número de publicações. A predominância do idioma nos artigos foi a língua inglesa (96%). A maior parte dos artigos (80%) estava concentrada na América do Norte (EUA e Canadá), 12% na Europa (Espanha e Itália) e 8% na Latino-américa (Colômbia) e África (Etiópia).

Em relação com os tipos de método, a maioria (72%) utilizou um delineamento quantitativo, seguido do método misto (16%) e qualitativo (12%). Quase a metade dos estudos (48%) trabalhou num desenho transversal, seguido do retrospectivo e longitudinal (32%), observacional (8%), sendo que apenas dois artigos realizaram estudos correlacionais e prospectivos. O tamanho da amostra dos estudos selecionados foram variadas e não apresentaram um padrão definido. Por exemplo, existiam pesquisas com mais de 70 mil participantes (Oswalt et al., 2018), seguida de um estudo com 9 mil participantes (Bergeron et al., 2019), o estudo com menor quantidade contou com 14 participantes (DeLoveh et al., 2017).

O intervalo da faixa etária dos participantes estendeu-se desde os 18 até os 65 anos de idade. Essa abrangência de idade tem muito a ver com o tipo de participante das pesquisas. Dois estudos (8%) integram em sua amostra, além de estudantes de graduação e pós-graduação, a professores e funcionários. Dez estudos (40%) estavam focados somente em estudantes mulheres universitários, desses um estudo em particular foi desenvolvido numa universidade exclusiva para estudantes mulheres negras. Dois estudos especificaram em sua amostra às estudantes do primeiro ano da universidade, um estudo trabalhou com usuários do serviço programa de violência sexual e relacionamento dentro das universidades, outros estudos mencionaram como critério de inclusão que os estudantes tiveram historial de agressão sexual, estupro e/ou sobreviventes da agressão sexual. Finalmente, os estudos restantes trabalharam com estudantes universitários de graduação e pós-graduação, sejam homens ou mulheres.

De acordo com o lugar de pesquisa, destaca-se que a maioria (52%) foi conduzida em universidades públicas, apenas um 1% foram em universidades privadas, sendo que em alguns estudos não há menção ao nome da instituição, não sendo possível categorizá-las.

Tabela 2.

Sistematização das principais informações dos 25 estudos selecionados na revisão.

Autor/ano	Objetivo	Método Tipo de estudo	Participantes	Instrumentos	Principais achados
Bergeron et al., 2019 ¹ de Universidades Québec/USA	Fornecer um retrato da violência sexual em campus universitários (SVUC) em seis universidades de Québec (Canadá) e explora diferenças e semelhanças nas experiências de alunos, professores e funcionários	Quantitativo Transversal	n= 9.145 18-56 anos Alunos de graduação e pós graduação. Professores e funcionários	1-Questionário sociodemográfico 2-Questionário de Experiências Sexuais (SEQ—DoD). 3-Questionário sobre as consequências de SVUC 4-Questionário de relatórios/divulgação Cantin e Proulx (1995) e Krebs et al. (2007)	Mais de um terço dos estudantes, professores e funcionários que participaram no estudo relatou ter sofrido pelo menos um incidente de violência sexual nos campi desde o início dos seus estudos ou do seu emprego na universidade. Indica que o ambiente universitário não é um ambiente seguro, especialmente para alguns grupos. Além disso, o facto de os indivíduos pertencentes às minorias de género e as mulheres são particularmente responsáveis por taxas elevadas de vítimas do SVUC (55,7% para minorias de género; 40,5% para as mulheres; 26,5% para os homens) apoia a ideia de que a sensibilização para as relações de poder baseadas no género pode reduzir a prevalência da violência sexual. Impactos no nível académico, sucesso profissional ou atlético (por exemplo, pretendendo ou tendo que mudar sua carreira académica, atlética ou profissional). Vida pessoal / social (por exemplo, problemas emocionais, relações sexuais / íntimas), Consequências físicas (por exemplo, aumento consumo de álcool ou drogas) ou saúde mental (por exemplo, estar constantemente em guarda, em estado de alerta ou nervoso). Estresse pós-traumático como evitação, hiper vigilância e re vivência (por exemplo, impressão de reviver o incidente).
Fielding-Miller et al., 2019 ²	Medir a prevalência de agressão sexual nos campi em	Misto Transversal	n= 752 Mulheres estudantes universitárias	1-Roteiro semiestruturado da entrevista. 2-Questionário Agressão sexual	A agressão sexual é extremamente comum na vida de mulheres universitárias no Reino de Eswatini. 38% das mulheres da UNESWA sofreram agressão sexual nos últimos 12 meses. As mulheres universitárias têm um risco

Universidade de Eswatini (UNESWA)/ USA	Eswatini (antiga Suazilândia) e descrever o mais amplo contexto de agressão usando estatísticas descritivas e dados qualitativos.	21-25 anos	<p>usando Pesquisa de experiências Sexual-versão resumida (SES-SFV) (Johnson, Murphy, & Gidycz, 2017).</p> <p>3-Teste de identificação de pedidos de uso de álcool (AUDIT) (Fleming, Barry e Mac-Donald, 1991)</p> <p>4-Teste de Suporte social</p> <p>5-Dados demográficos (Fielding-Miller, Dunkle, & Murdock, 2015)</p>	<p>significativamente maior de sofrer violência sexual em comparação com outras mulheres de sua idade. As atitudes e o estigma de culpar as vítimas foram generalizados e altamente estressantes na vida dos sobreviventes.</p> <p>Em entrevistas qualitativas, a culpa da vítima e o medo de revelação estavam fortemente interligados. Os sobreviventes achavam que revelar significava correr o risco de estigma, culpa, ridículo e raiva ou decepção.</p> <p>Mulheres que foram agredidas relataram significativamente menos sintomas de PTSD se sentiram que seus amigos as apoiariam no caso de uma agressão hipotética por um conhecido.</p> <p>A criação de redes formais e informais para apoiar os sobreviventes e reduzir a culpa das vítimas pode ser uma abordagem chave para a programação e os formuladores de políticas devem considerar.</p>
Mennicke et al., 2019 ³ Universidade pública no sudeste dos Estados Unidos. /USA	Explorar características demográficas e sociais entre indivíduos que divulgam aos recursos formais no campus e aqueles que não o fazem após uma agressão sexual e explorar barreiras à revelação formal.	<p>n= 644</p> <p>19,4 idade meia Estudantes de graduação e pós graduação. a maioria mulheres brancas heterossexuais</p>	<p>1-Questionário de Vitimização por agressão sexual (Centerfor Research on Violence Against Women, 2014) chamado CATS (Campus Atitudes em relação à segurança)</p> <p>2-Questionário de Consequências.</p> <p>3-Polivitimização.</p> <p>4-Mitos de estupro (Payne et al., 1999).</p> <p>5-Afiliações sociais.</p>	<p>Estudantes vítimas de agressão eram principalmente mulheres brancas heterossexuais, tinham altas taxas de polivictimização e experimentaram consequências físicas e emocionais como resultado agressão.</p> <p>Vítimas de agressão sexual identificaram barreiras para a divulgação formal nos recursos do campus (centro de saúde do estudante, programa de defesa de vítimas no campus ou conselho-centro de treinamento e a polícia do campus).</p> <p>Como resultado de agressão sexual, 18% das vítimas relataram consequências físicas, enquanto 68% relataram consequências emocionais.</p>

Moore et al., 2019 Universidades de Reino Unido/USA	Explorar déficits de empatia, examinando discrepâncias nos resultados de assédio sexual e percepções de apoio institucional entre vítimas e perpetradores de assédio sexual em um campus universitário.	Quantitativo Transversal	n=579 18-24 anos Estudantes universitárias (os)	Questionários de experiência com assédio sexual, foram utilizados itens da Pesquisa de Clima no Campus da Associação para Universidades (AAU) (Cantor et al., 2015) e as Atitudes no Campus Toward Safety Survey (Center for Research on Violence Against Women, 2014).	Os perpetradores de assédio sexual subestimam os resultados negativos que seus comportamentos criam para as vítimas. Além disso, as vítimas percebem a instituição ser menos justa em resposta às alegações de má conduta sexual do que os perpetradores. Estes achados podem ser usados para melhorar a eficácia dos programas de intervenção, reforçando o apoio para enfatizar avaliar o papel da tomada de perspectiva promovendo um clima institucional saudável que não tolere o assédio sexual, que pode levar a reduções nas taxas de assédio sexual. O assédio sexual interferiu em seu desempenho acadêmico ou profissional. Limitou sua capacidade de participar de atividades ou programas na universidade. Criou um ambiente intimidante ou desconfortável para eles.
Rothman et al., 2019 Universidades de EE.UU/USA	Examinar as consequências imediatas e de longo prazo da agressão sexual universitária (C-SA) entre mulheres sem história anterior de agressão sexual	Quantitativo Retrospectivo	n=404 28 a 30 anos Mulheres com estudos universitários, com e sem historial de agressão sexual	1-Questionário sociodemográfico e Informações da agressão sexual. 2-Sintomas de TEPT foram medidos usando o (PTSD-8; Hansen et al., 2010); 3. Sintomas depressivos. (CES-D; Cole, Rabin, Smith, & Kaufman, 2004). 4-Sintomas de ansiedade. (GAD-7; Spitzer, Kroenke, Williams e Löwe, 2006). 5- Índice de Satisfação de Casais de quatro	A experiência de uma agressão sexual na universidade está associada a declínios de curto prazo na faculdade, em sua realização acadêmica e nas relações românticas sérias. Também está associada a uma saúde mental mais pobre a longo prazo. Menos relações românticas sérias após seu assalto do que no período de faculdade antes de sua agressão. Portanto, é possível que as mulheres que experimentam um C-SA possam ser menos motivadas a buscar, ou capazes de manter, relacionamentos românticos sérios. Maior frequência de faltas a aulas devido ao uso de álcool ou substâncias após C-AS. O presente estudo revelou que, vários anos após a formatura (que foi em média quase 9 anos após-assalto), a C-SA foi significativamente associada a maiores sintomas de PTS, depressão e ansiedade e, para aqueles em uma

			<p>itens (CSI-4; Funk & Rogge, 2007).</p> <p>6- Avaliação Pessoal de Intimidade nos Relacionamentos (PAIR; Schae-Fer e Olson, 1981).</p> <p>7-Álcool problemático e uso de substâncias. usando três itens correspondentes ao DSM-IV-TR (texto Reveja; American Psychiatric Association, 2000)</p> <p>8-Questionário de domínios psicossociais.</p>	<p>corrente relação romântica, intimidade emocional e sexual mais pobre.</p> <p>A pesquisa atual sugere que as vítimas de agressão sexual exibem desregulação no hipotalâmico hipofisário eixo adrenal (HPA), que resulta em redução dos níveis de cortisol.</p>
<p>Investigar comparações nas taxas de estupro e reconhecimento de 2018</p> <p>Donde et al., reconhecimento de 2018</p> <p>Universidade do nordeste de EE. UU/USA</p> <p>agressão sexual e (b) um modelo logístico multinomial multivariado abrangente prevendo estupro e reconhecimento de</p>	<p>Quantitativo Retrospectivo</p>	<p>n=174</p> <p>20, idade meia</p> <p>Mulheres universitárias que sofreram estupro</p>	<p>1-Questionário demográfico.</p> <p>2-Questionário de Experiências de agressões sexuais SES-SFV</p> <p>3-Roteiro de perguntas de reconhecimento de estupro e agressão sexual.</p> <p>4-Questionário Características situacionais da agressão, adaptado de (Bondurant, 2001; Fisher et al., 2003; Koss, 1985; Layman et</p>	<p>O estudo revelou que a idade era um indicador único de reconhecimento de estupro; ou seja, as mulheres mais velhas eram mais propensas a reconhecer o estupro.</p> <p>Impacto emocional, impacto cognitivo sentimento de culpa e probabilidade futura de sexo indesejado.</p>

agressão sexual.

al., 1996; McMullin & White, 2006).

5-Impacto emocional percebido usando Schwartz e a medida de item único de Leggett (1999) de sofrimento emocional subjetivo em resposta a agressão sexual.

6- Escala de Autoestima de Rosenberg (Rosenberg, 1965).

7-Questionários que mede a culpa externa e pessoal foram adaptados de pesquisas anteriores (Botta & Pingree, 1997; Frazier, 1990; Murnen, Perot, & Byrne, 1989).

8-Controle percebido e probabilidade de ataques futuros, duas subescalas de cinco itens de Frazier's (2003)

<p>Carey et al., 2018⁷ Examinar o impacto da agressão sexual que ocorreu no primeiro semestre da Universidade privada do Nordeste sobre saúde mental no final desse</p>	<p>Quantitativo Prospectivo</p>	<p>n=483 18-25 anos Estudantes mulheres de 1º ano de graduação de uma universidade privada</p>	<p>1-Questionário sociodemográfico. 2- Sexual Experiences Survey-Revised (SES-R) [21]. 3-Patient Health</p>	<p>28% dos participantes do estudo relataram pelo menos uma agressão sexual antes de entrada na faculdade, e 12% relataram uma agressão sexual durante o primeiro semestre da faculdade, a incidência de violência sexual permanece alta durante o primeiro ano da faculdade. Sintomas elevados de ansiedade e depressão ocorrem</p>
--	-------------------------------------	--	---	--

EE. UU/USA	semestre, controlando para agressão sexual de base e saúde mental.			Questionnaire-9 (PHQ-9) [23]. 4-Transtorno de Ansiedade Generalizada-7 (GAD-7)	com frequência no primeiro ano nas mulheres da faculdade. Pelo menos 1 em 6 mulheres relatou ansiedade e pelo menos 1 em 8 começou com sintomas de depressão que excederam os limiares clínicos. Os resultados deste estudo têm implicações para a prevenção de violência sexual e cuidados de saúde mental. A agressão à saúde mental da mulher pode ser entendida dentro de um modelo ecológico. Especificamente, a probabilidade de auto culpa e angústia após uma agressão é influenciada não apenas por características do indivíduo (por exemplo, vitimização anterior) e a natureza da agressão, mas também pelas respostas de seus ambientes interpessoais, comunitários e culturais.
Keefe et al., 2018 ⁸ Universidades de EE. UU/USA	Examinar o papel moderador da raiva avassaladora na relação entre violência sexual recente e comportamentos relacionados ao suicídio entre estudantes universitários.	Quantitativa Correlacional	Estudantes de graduação e pós graduação	ACHA-NCHA II - Questões demográficas, de saúde e de saúde mental	O papel da raiva em comportamentos suicidas para indivíduos que tiveram experiências de agressão sexuais é importante, a raiva parece ser apenas uma parte de um complexo sistema. Estudantes universitários que sofrem violência sexual e são impulsivos podem ser mais propensos a tentar para escapar da raiva avassaladora com tentativas de suicídio.
Oswalt et al., 2018 ⁹ Universidades de EE. UU/USA	Preencher uma lacuna na literatura incluindo o exame de estudantes de minorias étnicas e estudantes do primeiro ano como a	Qualitativo Transversal	n=70.012 20,15 idade meia Estudantes Universitários	O ACHA-NCHA	A agressão sexual tem efeitos profundos e negativos nas pessoas envolvidas bem como a comunidade geral do campus (Jones, 2014) e é imperativo dedicar tempo e recursos para resolver isso em um indivíduo e na universidade. Como parte de Título IX, as universidades devem

pesquisa existente com essas populações é limitada (Fedina et al, 2016) ou contraditórias (Demers et al., 2015; Finley & Corty, 1993; Flack et al, 2008; Kimble et al., 2008).

fornecer atendimento personalizado e intervenções para ajudar os alunos a continuar a frequentar as aulas e a permanecer envolvidos em seus cursos, bem como fornecer programação de prevenção de violência sexual adequada.
Impacto acadêmico negativo.

Examinar os bem documentados problemas de saúde física e mental sofridos por mulheres universitárias agredidas sexualmente enquanto estavam em EE.no campus com uma exploração de como o trauma impacta a trajetória educacional ao longo da vida de um sobrevivente e o sucesso na carreira.

n=81

Potter et al., 2018¹⁰
Universidades de UU/USA

Mista
Transversal

18-63 anos
Estudantes universitários que tinham sido abusados sexualmente.

VioIence Women (2000).

Against Survey

Impactos na experiência de educação universitária dos sobreviventes,
Impactos na experiência no mercado do trabalho, e Impactos físicos, mentais, e saúde reprodutiva.
Os participantes que não estavam mais matriculados na escola pediram para examinar retrospectivamente como eles fizeram carreira após a agressão sexual, os resultados foram (1) desempenho insatisfatório percebido, (2) força de trabalho desempenho e (3) limitações de segurança que influenciaram capacidade de um participante de garantir um emprego. o primeiro impacto, desempenho insuficiente percebido, refere-se aos participantes que indicou o ataque e as consequências da agressão teve implicações negativas para seu mercado de trabalho realizações.
Os participantes afirmaram que perderam a autoestima após o ataque e paralisaram seus objetivos de educação, prejudicando assim seus objetivos de carreira. Outros participantes atribuíram diretamente a agressão ao seu subemprego, não usando seus diplomas, e / ou sentindo que suas posições não foram o melhor uso de suas habilidades.

As limitações de segurança referem-se aos efeitos sobre os participantes que descreveu barreiras em sua carreira relacionadas a medos ou gatilhos que resultou do ataque. problemas de saúde, os pesquisadores diferenciam 3 categorias de saúde: (1) física saúde, (2) saúde mental e (3) saúde reprodutiva. problemas gastrointestinais, PTSD, problemas de saúde mental (por exemplo, insônia, depressão, ansiedade e / ou transtorno de estresse pós-traumático), infecções sexualmente transmissíveis o perpetrador transferido para eles durante o assalto e gravidez indesejada da agressão. consequências financeiras.

O estudo sinaliza a necessidade de novas pesquisas combinando educação, ocupação e impactos na saúde mulheres que foram abusadas sexualmente enquanto inscritas como estudantes universitários e observando as implicações para a saúde pública relacionadas com os resultados. o estudo buscou entender o capital humano custos atribuídos à agressão.

Conley et al., 2017 Virginia Commonwealth University/ USA	Examinar a prevalência e correlatos de pré-faculdade, início da faculdade e repetição de agressão sexual (SA) em uma amostra representativa de alunos.	Quantitativo Longitudinal	n=7.603 Maiores de 18 anos Estudantes universitários primeiro ano.	1-Exposição pré-universitária PTE (avaliação inicial) que avaliou a exposição a interpessoal (SA, agressão física) e acidental (natural desastres naturais, acidentes de transporte) eventos traumáticos. 2-Exposição ao PTE no início da faculdade (avaliações de	Compreender os fatores de risco e correlatos de experimentar uma violência sexual é um passo para melhorar os programas de prevenção de violência sexual em resposta, reforçando os fatores de proteção e minimizando fatores de risco. Sintomas de PTSD, frequência de uso de álcool e depressão.
--	--	------------------------------	--	---	---

				acompanhamento). 3-Rastreamento de TEPT 4-Inventário de Estilos Parentais 6-Uma versão modificada do Big Five Inventory (BFI) Versão modificada do Medical Outcomes Study (MOS) módulo. 8- Connor-Davidson - Escala de Resilience (CD-RISC)41 9- “Com que frequência você toma uma bebida contendo álcool”. 10-Versão curta da lista de verificação de sintomas (SCL) -90	
DeLoveh et al., 2017 ¹² Campus universitário da Atlantic/USA	Fornecer um modelo teórico de decisões dos sobreviventes em busca de ajuda a partir de suas próprias perspectivas.	Qualitativo Retrospectivo	n=14 19-25 anos Sobreviventes de agressões sexuais universitárias, 13 mulheres, 1 homem	Entrevistas semi estruturadas com perguntas abertas.	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Atribuições de culpa, sentir vergonha. Impacto físico (variando de ferimentos leves a uma infecção sexualmente transmissível) ou preocupação com um possível impacto físico resultante de suas "experiências de relações sexuais indesejadas" como ter engravidado. ➤ Impacto Psicológico variando de angústia leve a uma tentativa de suicídio, a maioria das descrições eram consistente com sintomas de depressão e PTSD. Afastando-se dos outros, lutando com o curso, ficar chateado quando lembrado do incidente, evitar de lembretes físicos e emocionais, dificuldade para dormir e raiva.

Romito et al., 2017 ¹³ Universidade de Trieste (Itália) /Europa	Descrever a associação de assédio sexual e distúrbios menstruais entre mulheres universitárias.	Quantitativo Observacional Transversal	n=349 20,4 idades meia Estudantes universitárias (os)	1-Questionário de experiências sexuais	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Impacto social focado especificamente em seus relacionamentos com outros. Impactos no namoro / relações sexuais, em suas amizades. Preocupações sobre como seus USEs afetariam o futuro dos relacionamentos românticos. Desconfiança nos outros <hr/> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Em comparação com a violência do parceiro íntimo ou agressão sexual, assédio sexual pode ser menos sério forma de vitimização, mas, como descobrimos, tem um forte impacto negativo sobre distúrbios menstruais entre mulheres jovens. ➤ Desordens menstruais interferem com atividades acadêmicas e desempenho feminino e mais geralmente, afetam negativamente sua qualidade de vida. Se esses distúrbios se tornarem crônicos e se as ligações com experiências cotidianas de vitimização das mulheres permanecem desconhecidos, um ciclo vicioso pode começar, com visitas ginecológicas repetidas, terapia medicamentos a e, em casos resistentes, intervenções cirúrgicas, com grandes custos para a mulher e serviços de saúde. ➤ O assédio sexual também deve ser incluído como uma variável em todos os estudos que investigam o social e psicológico, fatores ecológicos associados a ginecológicos e distúrbios menstruais. As diretrizes da OMS enfatizam a importância da pesquisa sobre a frequência, características e impacto da violência contra a mulher. ➤ Distúrbios menstruais como pré sintomas menstruais (31,9%), sangramento intenso (35,3%), dor (51,4%), amenorreia (6,7%), ciclos
---	---	--	--	---	--

				irregulares (55,5%). Em relação à terapia hormonal, 61 mulheres receberam para contracepção, 37 para irregularidades menstruais e 49 por ambos os motivos. Todos os sintomas menstruais, com exceção de amenorreia, estavam fortemente ligados à coerção sexual e assédio de gênero; sintomas pré-menstruais e ciclos irregulares também foram significativamente mais frequentes com e sem assédio cibernético. Quanto mais severo o assédio, o mais frequentes os sintomas, exceto para amenorreia, que não estava relacionada com assédio sexual.
Mengo et al., 2016 ¹⁴	Examinar o impacto das relações sexuais e violência física / verbal no desempenho escolar de universitários.	Quantitativo Transversal	n=74 18-56 anos Usuários do serviço de Programa de Violência Sexual e Relacionamento em uma grande universidade pública na parte sudoeste do EE. UU	<p>de</p> <p>de</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Relação negativa da vitimização sexual e verbal com o a média de qualificações dos alunos. ➤ Alunos que sofreram violência abandonaram a universidade. O desempenho acadêmico é afetado quando os alunos experimentam vitimização da violência. A vitimização sexual parece ter um impacto negativo mais forte sobre os alunos NO desempenho acadêmico do que vitimização física / verbal. ➤ Alunos que experimentam violência sexual encoberta tinha maior probabilidade de deixar a escola em comparação com os alunos que vivenciaram violência física / verbal. É provável que negativamente influenciam sua concentração no curso.
Martin-Baena et al., 2016 ¹⁵	Analisar o efeito de diferentes formas de violência interpessoal na	Quantitativo Transversal	n=540 18-25 anos Estudantes mulheres universitárias	<p>Questionário com questões sobre violência, saúde e características sociodemográficas</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ As taxas de violência contra as mulheres espanholas e alunos de universidades, permanecem elevados e confirma que todas as formas de violência comprometem seriamente a saúde dos estudantes universitários. ➤ Como a maioria dos atos de violência envolveu pessoas perto das mulheres, os programas

Valência/Euro saúde de estudantes
pa universitárias.

preventivos devem ser adaptados para cada contexto social onde jovens mulheres e homens interagem uns com os outros.

- Angústia psicológica e um maior uso regular de antidepressivos ou benzodiazepínicos do que estudantes não abusados. Os alunos abusados foram quase duas vezes mais prováveis de relatar saúde precária e psicológica angústia, e para usar drogas psicoativas do que estudantes não abusados. No entanto, o impacto na saúde difere de acordo com o agressor: se a violência foi infligida apenas por um parceiro íntimo, os estudantes eram quase duas vezes mais propensos a relatar problemas psicológicos angústia, enquanto, se perpetrado por outros que não eram um parceiro, os estudantes eram mais propensos a perceber sua saúde como pobre. Qualquer tipo de abuso aumenta o uso regular de drogas psicotrópicas. No entanto, as mulheres que experimentaram violência por um parceiro ou ex-sócio e por outros mostram as maiores probabilidades de uso de psicotrópicos drogas.

Groff
Stephens et al., 2016¹⁶
Universidade Pública
sudeste EE. UU/USA
Examinar as relações entre as experiências de violência sexual, corpo impreciso e a presença de indicadores de transtorno alimentar (DE) em uma amostra de mulheres americanas estudantes

Quantitativo
Transversal

n=6.090

25 anos Estudantes
mulheres

National
Health
(NHCA).

College
Assessment

- A experiência sexual moderada (tentativa de penetração) foi um preditor mais forte de indicadores de transtorno alimentar do que experimentar penetração completa.
- A violência sexual severa no os últimos 12 meses foram os melhores meses de purga previstos no passado 30 dias, seguidos de violência sexual moderada e leve nos últimos 12 meses.
- Estas descobertas dão suporte ao relacionamento entre alimentação desordenada e violência sexual e sugerir que as pessoas possam estar se

universitários.

engajando em comportamentos de transtorno alimentar por diferentes razões.

- Diferentes comportamentos de purga (vômito auto induzido ou restrição de ingerir alimentos), tem um relacionamento entre alimentação desordenada e violência sexual e sugerir que as pessoas possam estar se engajando em comportamentos de transtorno alimentar por diferentes razões. Muitas vítimas de violência sexual experimentam vergonha e culpa.

Romito et al.,
2016
Universidade
de Trieste
(Itália)
/Europa

Descrever o assédio sexual entre italianos estudantes universitários e analisar a relação entre assédio e comportamentos alimentares desordenados.

Quantitativo
Observacional

=759 alunos (347
homens e 412
mulheres)

18-29 anos
Estudantes
universitários

1. Questionário de Experiências Sexuais (Fitzgerald, 1990).
2. O assédio de gênero foi medido por uma única pergunta: comentários impróprios sobre o aspecto físico.
3. Violência contra as mulheres (European Union Agency for Fundamental Rights [FRA], 2014).
4. O índice global de.
5. Os comportamentos alimentares desordenados foram medidos pelas questões desenvolvidas por Killen et al. (1994).

- O assédio sexual possa parecer uma forma menos séria de vitimização, como em comparação com a violência do parceiro íntimo ou agressão sexual, tem uma forte negação impacto positivo em vários problemas de saúde, incluindo DEBs. Assédio sexual, EDs e DEBs foram considerados problemas principalmente femininos. Contudo, os homens não estão isentos dos problemas e em alguns casos podem ser mais afetados do que as mulheres. O estudo foi único ao observar as associações entre assédio e DEBs em uma amostra homogênea para a idade e em universitários masculinos e femininos alunos da cidade. Este estudo é um dos poucos sobre este tópico em um país europeu.
- Prevalência de comportamentos alimentares desordenados (DEBs). As mulheres eram mais propensas do que os homens a relatar comer sem serem capazes de parar (31,6% vs. 24,9%), e fazer dieta (16,3% vs. 6,1%); não houve diferença de gênero-dores de vômito (2,4% das mulheres vs. 2,3% dos homens), uso de laxantes ou diuréticos (1,7% vs. 0,6%) e monitorando seu peso todos os dias (7,5% vs. 6,6%). As diferenças foram significativas para cada

<p>Eller., 2016¹⁸ Universidade pública urbana Benin/USA</p>	<p>Examinar a distinção entre sexo transacional e assédio sexual no contexto das relações professor- aluno e suas dinâmicas de poder inerentes.</p>	<p>Qualitativo Longitudinal</p>	<p>n=39 17-26 (alunos) 31-65 (professores) Estudantes de Benin e professores</p>	<p>Entrevistas Observação participante e grupos focais.</p>	<p>componente do índice de assédio: assédio sexual, comentários sobre aspectos físicos e assédio cibernético. A frequência de sintomas de DEBs foi alta: 31,6% das mulheres e 24,9% dos homens relataram comer sem conseguir parar ou até passar mal pelo menos uma ou duas vezes por mês no ano anterior, e 16,3% e 6,1%, respectivamente, fizeram dieta frequentemente no ano anterior.</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ A dinâmica heteronormativa de gênero exerce pressão sobre as mulheres para que adquiram homens em posições de autoridade, e a autoridade sobre as notas é ainda mais reforçada pela idade e nível educacional do professor. As disparidades de poder em termos de credibilidade e capital social limitam simultaneamente as possibilidades de recurso de uma jovem. O assédio sexual e o sexo transacional devem ser tratados pela administração da universidade porque impactam negativamente o bem-estar do aluno e a cultura acadêmica. ➤ Consequências no âmbito acadêmico, por exemplo reprovar aulas, repetir cursos, ter que se mudar de campus ou deixar a universidade. Os impactos negativos incluem notas baixas, faltas às aulas, estresse psicológico e estigma social. As relações professor-aluno também prejudicam o desempenho feminino quando os colegas suspeitam que as mulheres estão usando a sexualidade para progredir. As mulheres que não aproveitam essas relações podem ser negligenciadas para empregos, e os alunos do sexo masculino aprendem que tais abusos de pessoas são tolerados pela sociedade (Sene
--	---	-------------------------------------	---	---	---

Mamaru et al., 2015 Universidade Jimma (Etiópia)/África	Avaliar as taxas de prevalência das diversas formas de assédios e suas associações com sofrimento psicológico entre mulheres da Universidade Jimma	Quantitativo Transversal	n=385 20-25 anos Estudantes mulheres universitárias	Questionário dados sociodemográficos, assédio sexual físico, verbal e não verbal . Questionário (SRQ-20) para medir o sofrimento psíquico.	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Alunas relataram que eles foram assediados por estudantes universitários seguidos por meninos fora do campus e raramente por seus professores e equipes administrativas. ➤ Professores foram os terceiros assediadores mais comuns em que seria traumático, pois os assediadores estavam em uma posição ou poder que pode promover a o desamparo. ➤ Alunos que foram assediados física e não verbalmente foram mais propensos a sofrer sofrimento psicológico em relação às alunas que não eram assediadas física e não verbalmente. ➤ A probabilidade de ter sofrimento psicológico entre estudantes do sexo feminino que foram assediados física e não verbalmente foi superior. Isso pode ser devido ao efeito de comprometimento psicossomático, incluindo sintomas de depressão, ansiedade e problemas de saúde que acompanham assédios. Está bem documentado que sofrimento psicológico não só interfere com direitos das mulheres e deterioram seus saúde psicológicos, mas também afeta negativamente sua escola e os torna menos produtivos
Jordan et al., 2014 Universidade de Kentucky/US	Explorar a associação de estupro e agressão sexual com o desempenho	Quantitativo Longitudinal	n=750 18 anos Estudantes mulheres	1.Questionário sociodemográfico. 2. Inquérito de experiências sexuais (SES). (Koss & Oros, 1982).	<ul style="list-style-type: none"> ➤ As mulheres que são sexualmente agredidas e estupradas na sua adolescência entram na faculdade com uma desvantagem distinta no que respeita a sua capacidade de alcançar o sucesso acadêmico e que a sua segurança enquanto um estudante na faculdade está diretamente relacionado com as suas notas.

A	acadêmico entre mulheres da faculdade.	<ul style="list-style-type: none"> ➤ O impacto mais dramático é visto para mulheres que experimentam uma violação forçada no primeiro semestre de faculdade. ➤ Depressão ou ansiedade pode diminuir a energia com que uma mulher tem de se comprometer no trabalho acadêmico ou diminuir a sua capacidade de se envolver com outros estudantes devido a ansiedade social, vergonha ou embaraço. 			
Turchik et al., 2014 Universidade do Meio Oeste/USA	<p>Examinar a relação entre experiências de vitimização sexual de mulheres universitárias, comportamentos de risco à saúde e funcionamento sexual.</p>	Quantitativo Transversal	<p>n=309 18-22 anos Mulheres universitárias</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1) Questionário sociodemográfico 2) Questionário de funcionamento sexual. 3) The Sexual Desire Inventory (SDI; Spector, Carey, & Stein-Berg, 1996) 4) Drinking and Drug Habits Questionnaire (DDHQ; Collins, Parks, & Marlatt, 1985). 5) Risco Sexual (SRS; Turchik e Garske, 2009) 6) Escala de Desejabilidade Social de Marlowe - Crowne (MCSD; Crowne & Marlowe, 1960). 7) Sexual Escala de Táticas de Coerção (SCTS), (Struckman-Johnson, Struckman-Johnson e Anderson, 2003). 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Um aumento do número de disfunções sexuais foi relatado por aqueles que sofreram violência sexual, particularmente falta de desejo sexual e falta de orgasmo. ➤ Este estudo fornece a primeira evidência conhecida da relação positiva entre disfunções sexuais e vitimização em mulheres universitárias. Nossas descobertas têm implicações importantes para a redução do risco de agressão sexual esforços nos campi universitários e abordagens de tratamento para os sobreviventes de violência. ➤ Comportamentos de disfunção sexual, falta de desejo, dificuldade em atingir o orgasmo ➤ No entanto, uma descoberta inesperada e contraditória foi que as mulheres que têm contato sexual indesejado relataram aumento do desejo sexual em comparação com aqueles que não têm histórico de vitimização.

Lindquist et al., 2013 ²² Universidades de mulheres negras nos EE. UU/USA	Descrever o contexto, as ações pós-ataque e as consequências da agressão sexual entre mulheres universitárias que frequentam quatro HBCUs nos Estados Unidos, com diferenças por tipo de agressão sexual (fisicamente forçado e incapacitado) explorado.	Quantitativo Transversal	n=3.951 18 a 30 e mais anos Mulheres estudantes universitárias	1. Escala de depressão (CES-D 10) (Andresen, Malmstrom, Miller, Miller e Wolinsky, 2005). 2. PTSD de Atenção Primária (PC-PTSD) (Prins et al., 2004).	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Sobreviventes de agressão sexual forçada fisicamente foram mais propensos a se envolver em busca de ajuda formal e divulgação às autoridades do que sobreviventes de agressão sexual incapacitada. ➤ Alunos da HBCU que sofreram violência sexual desde que entraram na faculdade relataram significativamente mais sintomas de depressão e eram mais propensos a triagem positiva para PTSD do que mulheres que não foram vítimas. Algumas mudaram de residência.
Griffin et al., 2012 ²³ Universidades do nordeste e sudeste de EE. UU/USA	Comparar os efeitos prospectivos de duas formas de VS em mulheres durante o primeiro ano de faculdade - aquelas ocorrendo por meio de ameaças /força (Força SV) e aqueles que ocorrem por incapacitação (Incap SV).	Misto Longitudinal	n=649 18-20 anos Mulheres universitárias	1. Uma versão revisada do SES (Koss et al., 1987; RSES: Testa, VanZile-Tamsen, Livingston, & Koss, 2004); 2. The Traumatic Life Events Questionnaire (TLEQ; Kubany et al., 2000). 3. Daily Drinking Questionnaire (DDQ; Collins, Parks, Marlatt, 1985). 4. consequências do álcool para jovens adultos -questionário (Read, Kahler, Strong, & Colder, 2006)	<ul style="list-style-type: none"> ➤ SV antes da matrícula na faculdade está associada a uma infinidade de vários resultados durante o primeiro ano da faculdade. Os dados aqui mostram que o risco específico para esses resultados pode variar dependendo do método de coerção (ou seja, força vs. incapacitação) que foi usada no ataque. Uma identificação cedo e intervenção serão importantes para fornecer suporte para esses novos alunos. Além disso, as conclusões aqui sugerem que intervir programas de aplicação podem se beneficiar da avaliação do método de coerção usado em agressão sexual para conter o impacto potencial único desses eventos. Juntas, essas etapas podem aumentar os esforços de todo o colégio para reduzir a ocorrência e impacto de todas as formas de VS. ➤ Consequências relacionadas ao álcool durante o primeiro ano de faculdade.

				5. Lista de verificação de sintomas pós-traumáticos de 17 itens - CivilVersão (PCL, Weathers, Litz, Herman, Huska, & Keane, 1993)	
Zinzow et al, 2011 ²⁴ Universidade da Carolina do Sul/USA	Examinar os correlatos da autoavaliação da saúde em uma amostra de mulheres universitárias, com ênfase particular em questões sexuais, história de agressão e resultados de saúde mental relacionados.	Quantitativo Retrospectivo	n=2000 20,13 idade média Mulheres universitárias da Universidade de Midwestern	1)Entrevista semiestruturada 2) Questionário de Saúde 3) questionário de Saúde mental: PTSD e depressão - National Women's Study (NWS) s	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Destaca a importância de atender à repetida vitimização sexual, saúde mental e sub-transtorno de uso de postura e renda ao identificar jovens mulheres em risco de problemas de saúde física. ➤ Saúde mental e respostas inflamatórias. Interrupção de HPA pode levar a doenças inflamatórias crônicas, dor crônica, síndromes, e uma variedade de sintomas somáticos. Trauma relacionado com problemas de saúde mental, como PTSD e depressão pode mediar a relação entre vitimização repetida e funcionamento imunológico desregulado
Castaño-Castrillón et al., 2010 ²⁵ Universidade de Manizales, Colômbia. /	Analisar assédio sexual, sua frequência e imaginários na comunidade estudantil da universidade de Manizales, Caldas (Colômbia)	Quantitativo Transversal	Estudantes universitários Universidade Manizales, Colômbia.	da Questionário elaborado de pelos pesquisadores	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Na Universidade de Manizales há uma distribuição homogênea do assédio sexual entre todas as faculdades. ➤ Também havia diferenças consideráveis entre faculdades sobre o impacto que gera na vítima de assédio sexual. ➤ Finalmente, nesta população estudada o assédio sexual ocorre especialmente em primeiros três semestres, apresentando uma diminuição do primeiro ao terceiro semestre e em forma semelhante entre a população masculina e mulheres. ➤ Dificuldades nas relações interpessoais e nas

relações afetivas, baixo desempenho acadêmico, baixa autoestima, sintomatologia depressiva, ansiedade, medo de ser perseguido.

A maioria dos estudos descreveram consequências **psicológicas** (Bergeron et al., 2019; Fielding-Miller et al., 2019; Rothman et al., 2019; Mennicke et al., 2019; Potter et al., 2018; Conley et al., 2017; DeLoveh et al., 2017; Zinzow et al., 2011; Fielding-Miller et al., 2019; Donde et al., 2018; Groff et al., 2016; Keefe et al., 2018; Mamaru et al., 2015; Jordan et al., 2014; Lindquist et al., 2013; Martin-Baena et al., 2016; Zinzow et al., 2011; Castaño-Castrillón et al., 2010); seguidas de **acadêmicas/profissionais** (Bergeron et al., 2019; Moore et al., 2019; Rothman et al., 2019; Oswalt et al., 2018; Mengo et al., 2016; Jordan et al., 2014; Eller 2016; Castaño-Castrillón et al., 2010); **comportamentais** (Bergeron et al., 2019; Rothman et al., 2019; Conley et al., 2017; DeLoveh et al., 2017; DeLoveh et al., 2017; Martin-Baena et al., 2016; Griffin et al., 2012); **físicas** (Mennicke et al., 2019;; DeLoveh et al., 2017; Romito et al., 2017; Zinzow et al., 2011); **sexuais** (Donde et al., 2018; Potter et al., 2018; DeLoveh et al., 2017; Turchik et al., 2014); **sociais** (Bergeron et al., 2019; Rothman et al., 2019; DeLoveh et al., 2017; Castaño-Castrillón et al., 2010) e **alimentares** (Groff et al., 2016; Romito et al., 2016).

Dentre os quadros psicopatológicos destaca-se **depressão** (Rothman et al., 2019; Keefe et al., 2018; Potter et al., 2018; Conley et al., 2017; DeLoveh et al., 2017; Mamaru et al., 2015; Jordan et al., 2014; Lindquist et al., 2013; Martin-Baena et al., 2016; Zinzow et al., 2011; Castaño-Castrillón et al., 2010), **Transtorno de Estresse Pós Traumático - TEPT** (Bergeron et al., 2019; Rothman et al., 2019; Potter et al., 2018; Conley et al., 2017; DeLoveh et al., 2017; Zinzow et al., 2011) e **ansiedade** (Rothman et al., 2019; Keefe et al., 2018; Potter et al., 2018; Mamaru et al., 2015; Jordan et al., 2014).

Os sentimentos relatados pelas participantes que foram vítimas de violência na universidade foram: **medo** (Fielding-Miller et al., 2019; Castaño-Castrillón et al., 2010), **nervosismo** (Bergeron et al., 2019), **culpa** (Fielding-Miller et al., 2019; Donde et al., 2018; DeLoveh et al., 2017; Groff et al., 2016), **raiva** (Fielding-Miller et al., 2019; DeLoveh et al., 2017), **decepção** (Fielding-Miller et al., 2019), **angústia** (Keefe et al., 2018; DeLoveh et al., 2017; Martin-Baena et al., 2016; Castaño-Castrillón et al., 2010); **vergonha** (DeLoveh et al., 2017; Jordan et al., 2014; Groff et al., 2016); e **desconfiança dos outros** (DeLoveh et al., 2017).

Quanto as consequências acadêmicas/profissionais verificou-se mudança de carreira (Bergeron et al., 2019; Eller, 2016), impacto no desempenho acadêmico ou profissional (Moore et al., 2019; Rothman et al., 2019; Oswalt et al., 2018; Mengo et al., 2016; Jordan et al., 2014; Eller,

2016; Castaño-Castrillón et al., 2010), maior ausência nas aulas (Rothman et al, 2019; Eller, 2016), diminuição da participação de atividades ou programas na universidade (Moore et al, 2019; Eller, 2016), podendo chegar a evasão escolar ou abandono do emprego (Mengo et al, 2016; Eller, 2016). Mengo et al (2016) destaca-se que a vitimização sexual parece ter um impacto negativo mais forte sobre os alunos no desempenho acadêmico do que vitimização física/verbal, sendo que alunos que experimentam violência sexual tinha maior probabilidade de abandonar os estudos em comparação com os alunos que vivenciaram violência física/verbal. Já Potter et al, (2018) descrevem alguns casos em seus resultados, impactos positivos no âmbito acadêmico, pois alguns sobreviventes como forma de lidar com o trauma da agressão aumentam a concentração em seus estudos.

As consequências comportamentais estavam associadas a aumento no consumo de álcool e outras drogas (Bergeron et al., 2019; Rothman et al., 2019; Conley et al., 2017; Martin-Baena et al., 2016; Griffin et al., 2012), dificuldade para dormir (DeLoveh et al., 2017), evitar locais e pessoas (DeLoveh et al., 2017), e aumento no uso regular de antidepressivos ou benzodiazepínicos (Martin-Baena et al., 2016). Martin-Baena et al. (2016) destacam que as mulheres que experimentaram violência por um parceiro íntimo ou ex-parceiro tinham uma probabilidade maior de uso de psicotrópicos e outras drogas.

Já as consequências físicas estavam relacionadas a ferimentos leves (DeLoveh et al., 2017), problemas gastrointestinais (Potter et al., 2018), dor crônica (Zinzow et al, 2011), e funcionamento imunológico desregulado (Zinzow et al, 2011) distúrbios menstruais entre mulheres jovens como pré sintomas menstruais (31,9%), sangramento intenso (35,3%), dor (51,4%), amenorreia (6,7%), ciclos irregulares (55,5%). (Romito et al., 2017). Romito et al. (2017) identificaram uma relação entre os sintomas menstruais, com exceção de amenorreia, e assédio sexual e violência de gênero. Quanto mais severo o assédio, mais frequentes eram os sintomas, exceto para amenorreia, que não estava relacionada com assédio sexual.

Quanto às consequências sexuais, verificou-se uma probabilidade futura de sexo indesejado (Donde et al., 2018; Potter et al., 2018; DeLoveh et al., 2017; Turchik et al., 2014) e infecções sexualmente transmissíveis (Potter et al., 2018; DeLoveh et al., 2017). Turchik et al. (2014) destacaram que um aumento do número de disfunções sexuais foi relatado por aqueles que sofreram violência sexual, particularmente falta de desejo sexual e incapacidade de atingir ao orgasmo.

Sofrer violência no contexto universitário afetou também a vida pessoal/social das vítimas, as quais tendiam a se afastar dos outros (DeLoveh et al., 2017), afetando as relações interpessoais (Castaño-Castrillón et al., 2010; DeLoveh et al, 2017), de intimidade (Bergeron et al., 2019; DeLoveh et al, 2017; Castaño-Castrillón et al., 2010), e as relações românticas sérias (Rothman et al., 2019; DeLoveh et al, 2017).

Groff et al. (2016) tiveram como objetivo examinar as relações entre as experiências de violência sexual, percepções de peso e transtorno alimentar em uma amostra de 6090 estudantes universitárias do sexo feminino e verificaram uma relação entre sofrer violência sexual e ter uma percepção incorreta do corpo e a presença de transtornos alimentares.

Enquanto aos principais achados de cada estudo foi possível sinalizar alguns pontos equivalentes entre eles, ajudando numa contextualização geral da violência de gênero no âmbito universitário. Como a ocorrência da violência acontece com mais frequência durante os primeiros semestres de ingresso na universidade (Castaño-Castrillón et al., 2010); sendo que as vítimas que mais se repetem eram as estudantes do sexo feminino (Flack, 2008). Alguns estudos revelam que a vitimização também atinge com maior força as minorias de gênero.

Alguns estudos destacaram a importância de ter uma resposta rápida para as vítimas no momento da denúncia, como maneira de reduzir danos e a importância das redes de apoio como estratégia de acolhimento e minimização da culpa nas sobreviventes de violência (Fielding, 2019; Oswald et. al 2018). Ademais, destaca-se que sobreviventes de agressão sexual forçada fisicamente procuram a forma de buscar ajuda formal, ao contrário das sobreviventes de agressão sexual estando incapacitadas (seja sob os efeitos de álcool, medicamentos, etc.), as quais evitam fazer a denúncia formal seja por vergonha, culpa ou não passar pela revitimização (Lindquist et al., 2013).

DISCUSSÃO

A partir dos estudos analisados pode-se verificar um predomínio de pesquisas com abordagem metodológico quantitativo, no total 25 estudos. Por outro lado, se obteve unicamente três estudos com base no método qualitativo (DeLoveh, 2017; Eller, 2016; Oswald et al., 2018). Historicamente a forma de olhar do mundo científico e as diferentes visões na compreensão e construção de conhecimento científico, fizeram a comparação entre as pesquisas quantitativas e

qualitativas, ficando numa disputa sobre a qualidade destas últimas. Nesse sentido, alguns pesquisadores tem sua crítica fundamentada no método qualitativo, segundo eles por ser um método muito flexível, imprecisa, vaga, sem rigor ou métodos adequados, sem possibilidade de replica. A abordagem quanti é vista como mais rigoroso, com dados estatísticos, com a percepção da realidade única e objetiva (Dapieve, 2019). A eleição de um método ou outro vai depender dos objetivos de cada pesquisa e investigador, assim a lacuna identificada aqui pode significar uma oportunidade para que outras pesquisas integrem em seus procedimentos metodológicos o caráter qualitativo ou estudos com delineamento misto (quanti-quali), como suporte na recoleção de percepções das subjetividades implícitas, em suas experiências passadas e presentes dos participantes. Assunto importante para desvelar uma realidade, de modo de compreender as necessidades dos sobreviventes de qualquer tipo de violência (Calafell, 2014). Assim, utilizar metodologias diferentes, permitem falar desde o ponto de vista do entrevistado ajudando a desenvolver maior sensibilidade na detecção dos sinais da violência até nos mesmos profissionais encarregados do acolhimento das denúncias nas instituições (Silva, 2016).

Em relação ao ano das publicações, pode-se observar que nos últimos anos houve um aumento exponencial no número de publicação de artigos científicos nessa temática. De acordo com Castaño-Castrillón et al (2010) é possível dimensionar três momentos chaves nesta sequência em relação a investigações de violência de gênero, começando com as manifestações feministas dos anos 1970 que possibilitou a ação da denúncia, logo nos anos 1990 as ênfases foi focada na punição legal, e até hoje com a fase da pesquisa científica acadêmica.

Em relação com o ponto geográfico das pesquisas, a maioria (80%) estava concentrado em países como Estados Unidos e Canadá. Tal interesse dos pesquisadores nessa área nos Estados Unidos é atribuído à Lei Federal de direitos civis nos EUA, conhecida como *Tithe IX*, a qual foi aprovada como parte das Emendas à Educação de 1972: “*Nenhuma pessoa nos Estados Unidos será excluída, com base no sexo, da participação, dos benefícios de, ou sujeita a discriminação ao abrigo de qualquer programa ou atividade educativa que receba assistência financeira federal*” (tradução nossa)

Essencialmente, o Título IX proíbe a discriminação sexual em instituições educacionais que recebam financiamento federal (a grande maioria das escolas). Embora o Título IX seja um estatuto muito curto, as decisões do Supremo Tribunal e a orientação do Departamento de

Educação dos EUA deram-lhe um amplo âmbito que abrange o assédio sexual e a violência sexual. Ao abrigo do Título IX, as escolas são legalmente obrigadas a responder e a remediar ambientes educacionais hostis e o fato de não o fazerem é uma violação que significa que uma escola pode correr o risco de perder o seu financiamento federal. Logo, as universidades devem divulgar as informações do *Title IX*, o procedimento de denúncia e o encarregado responsável (Bull, 2017).

O segundo continente com mais publicações neste estudo, foi a Europa, principalmente Espanha. De fato, Espanha é um dos países que tem desenvolvido pesquisas relacionadas com a violência de gênero nas universidades devido ao esforço dos coletivos de mulheres que tem conseguido levar ao âmbito público a discussão e introduzi-la na agenda política. Além disso, é pioneiro na implementação de medidas abrangentes para prevenir e superar a violência de gênero (Soler et al., 2020).

Na presente revisão, não foram obtidos resultados de pesquisas no contexto brasileiro que tivessem o objetivo do presente estudo e ademais que a revisão compreendesse o período delimitado de anos, questão que sugere um convite para pesquisadores nacionais tenham interesse na temática que tem uma grande projeção futura. Sem dúvida, é um avanço enquanto estudos de prevalência da violência em universidades os desenvolvidos na Colômbia (Amortegui Osorio, 2005; Castaño Castrillón, 2010; Ramírez, 2019), México (Ming & Moreno, 2017) e Chile (Lizama-Lefno & Hurtado Quiñones, 2019) o que visibiliza contribuições específicas da região Latino-Americana.

Mas é possível mencionar alguns estudos nacionais os quais, devido os critério de exclusão, não cumpriam com os requisitos para esta revisão, mas que significam um aporte na visibilização da violência de gênero no contexto acadêmico como por exemplo d'Oliveira (2019), outros artigos que descrevem a prevalência da violência Zotareli et al. (2012), pesquisas de prevenção e programas de intervenção podem ser achadas em Capovilla, (2016); Bellini, (2018), elaboração de diretrizes e parâmetros normativos para o enfrentamento da violência em Maito et al., (2019), assim como também dos fatores de risco que participam como alicientes das práticas abusivas.

Características da violência na universidade

Embora o objetivo do estudo esteve focado nas consequências da violência na população universitária (alunos e alunas), os resultados também mencionaram pesquisas que tinham em sua amostra, docentes e pessoal administrativa da universidade que sofreram algum tipo de violência na instituição de ensino superior. Expondo, que a violência é abrangente para todos os integrantes da comunidade universitária. Assim, uma investigação dos “Fatores psicossociais e presença de Mobbing em professores universitários (2008) conclui que 82% dos professores e professoras são vítimas de violência psicológica na universidade. Dos fatores psicossociais negativos encontrados nesta instituição, estão associados significativamente com o uso de violência psicológica no trabalho, o que indica que a presença de violência pode ser devido a fatores organizacionais e falta de treinamento de gerentes de nível médio em habilidades gerenciais como comunicação eficaz, inteligência emocional e negociação de conflitos (Moreno et.al, 2008. p.5).

No outro estudo realizado no ano 2020 em três instituições públicas de ensino superior do Amazonas (Ufam, UEA e Ifam) com uma amostra de 1166 participantes, analisaram a violência e vitimização contra as mulheres no espaço acadêmico. Do total das estudantes 40% declararam ter sido vítimas de violência, 68% equivalente aos professores e 50% da amostra que corresponde as técnicas também afirmaram ter sido vítima de algum tipo de violência dentro da universidade. No mesmo estudo apontaram que o autor dessas violências é predominantemente homens (85, 68%).

Olhando as violências mencionadas nos estudos, é possível também identificar que as agressões acontecem independentemente do tipo de instituição de ensino superior, seja pública ou privada, pois ao ser um fenômeno social ela está presente em todos os níveis educativos, desde os mais básicos até os superiores (Tlalolin, 2017). Mas cabe destacar que, segundo a Tabela 2, mais da metade das pesquisas foram desenvolvidas em universidades públicas e uma quantidade bem menor em universidades privadas. Isso traz uma reflexão da importância de contar com dados que apresentem e expor as situações de assédio, mas também da relevância de contar com instrumentos formais e mecanismos institucionais focados na violência do gênero nas universidades (Gamboa, 2019).

Ao contrário, as universidades privadas, em razão da questão do modelo educativo que enaltece o cuidado da imagem institucional decidem resolver a problemática a portas fechadas, respondem também à falta de espaços para falar sobre esse tipo de comportamentos abusivos no

seu interior, dificultando, portanto, a denúncia das alunas e alunos que sofreram violência. Não há uma cultura de comunidade nem um histórico com experiência em movimentos sociais, por isso a dificuldade de criar consciência social e garantir o direito de greve e luta por uma universidade sem violência nem discriminação. Estudantes de universidades privadas de América latina no caso do Chile, refletem sobre a falta de cultura política, de questionamento sobre os problemas sociais que permeiam por parte dos estudantes no interior das instituições e como algumas universidades privadas para evitar as mobilizações, exercem o controle através do medo, criando uma segregação entre aqueles que querem continuar com a greve e aqueles que estão mais interessados em seu bem estar individual e não ter consequências em seu desempenho acadêmico (Diario U.Chile, 2018).

Violência nas universidades: Consequências e impactos nas vítimas.

De acordo com os resultados apresentados anteriormente, os impactos da violência estão ligados indiscutivelmente ao gênero feminino. É conhecido que a universidade provê um ambiente adverso para as mulheres manifestando-se no currículo acadêmico, e com uma baixa presença de mulheres em espaços de decisão e cargos diretivos (Ordorika, 2015). Além disso, nesses espaços as mulheres ficam num constante escrutínio público que questiona seu comportamento, sua vestimenta, como arruma seu cabelo, maquiagem entre outras questões (Dirección de igualdad de género, Universidad de Chile, 2019). Experimentar violência de qualquer tipo pode desencadear diversas sintomatologias visíveis ou não (Mennicke et al, 2019). A maior parte dos estudos apontaram os impactos da violência na saúde mental das vítimas, resultando em prejuízos no desenvolvimento geral delas.

As consequências relacionadas com a sexualidade nas vítimas, mencionaram uma serie de impactos: como disfunções sexuais, falta de desejo e dificuldades tanto para atingir o orgasmo (Turchik et al, 2014) como para concretizar relações sexuais após ter sofrido a agressão sexual (Bergeron et al, 2019). A pesquisa de Pereira (2007) também descreve a diminuição dos orgasmos nas mulheres, inclusive a capacidade de recuperar o prazer, levando quase um ano em algumas sobreviventes. O anterior é refletido na menor quantidade de relações românticas após o assalto sexual e a leve ou menor seriedade nos relacionamentos que aceitam envolver-se (Rothman et al., 2019). É importante mencionar que essa atitude está fortemente vinculada com os sentimentos de medo, ao tentar iniciar um relacionamento com outras pessoas, a vergonha e a

culpa aparecem frequentemente nesse processo. (Castaño-Castrillón et al, 2010; De Loveh et al, 2017; Groff et al, 2016) e as probabilidades de ter episódios de sexo sem consentimento são altas (Donde et al, 2018).

Os impactos no âmbito acadêmico apresentam uma forte relação com o gênero, pois tem graves repercussões no nível de escolaridade feminino, são as mulheres estudantes que em maior porcentagem abandonam as escolas como resultado do assédio dependendo do nível de exposição e a relação com o agressor (UNESP, 2019). Pesquisas neste sentido descrevem como alguns estudantes veem-se forçados a mudar sua carreira acadêmica afetando seu sucesso profissional (Bergeron et al., 2019; Jordan et al, 2014; Moore et al, 2019); baixo desempenho acadêmico (Castaño-Castrillón et al, 2010); reprovação, faltas consecutivas, repetição de cursos, deixar a universidade e falta de concentração no curso (Eller, 2016; Mengo et al., 2016; Oswalt et al., 2018; Potter et al., 2018).

Num estudo longitudinal com mulheres universitárias (Smith, White & Holland, 2003), durante quatro anos analisaram os impactos da violência física sofrida, evidenciando graves consequências psicológicas que causaram altos níveis de ansiedade, sendo mais propensas de abandonar os estudos. As situações de assédio sexual geram um ambiente muito aversivo para as vítimas, pelo que finalmente seu tecido social é diminuído, suas interações interpessoais são mais seletivas ao ponto de deixar seus projetos acadêmicos ou mudar de curso.

Estudos coincidem nos diversos impactos que tem a violência no nível social e nas relações interpessoais e afetivas (Castaño-Castrillón et al., 2010; DeLoveh et al., 2017). O dano na qualidade de vida tem uma explicação desde o enfoque do trauma, isto é, quando uma pessoa sofre um evento traumático e desumanizante tem como resultado uma quebra no psicológico alterando sua capacidade de confiar nos outros (Dirección de igualdad de género, U. de Chile, 2019).

Mencionar conforme o anterior, que o silenciamento das vítimas e em consequência a não denúncia é uma das principais problemáticas que impede o seguimento dos casos e a visibilização das violências nas universidades, em seguida a atenção profissional eficiente e pertinente para com as vítimas ajuda na diminuição dos impactos da violência em suas vidas. Estudos afirmam que muitas vezes a justificativa de não denunciar por parte das vítimas, é porque consideram que não é importante apontando a uma perda do tempo, outros falam que não tem conhecimento de onde e como fazer a denúncia, o medo de represálias dos agressores e as iminentes consequências

impede a verbalização e outros consideram uma situação muito constrangedora causando sentimentos de vergonha e culpa (Intersecta, s.n).

CONCLUSÕES

Através desta revisão sistemática da literatura, espera-se contribuir para o conhecimento das consequências e impactos da violência de gênero no âmbito universitário. A síntese da informação pode colaborar na tomada de decisões para próximos estudos ou programas de intervenção no nível institucional, considerando que “a revisão sistemática permite maximizar o potencial de uma busca, encontrando o maior número possível de resultados de uma maneira organizada” (Koller, 2020, p.56).

Espera-se que as instituições de ensino superior propiciem um espaço de bem estar para os estudantes e comunidade universitária em sua totalidade, que possa desenvolver-se num ambiente livre de violência e discriminação de gênero. Por tanto, uma das formas de expor as diversas situações de assédio e abuso de poder no âmbito público é registrar, sistematizar e pesquisar em torno as problemáticas, assim, a ciência latino-americana em geral precisa posicionar-se em com urgência e compreender que ficar neutro neste momento, não é uma possibilidade.

A multiplicidade de consequências nas vítimas de violência está relacionada com a diversidade de manifestações cometidas e com o tipo de agressor. Os impactos alcançam todas as etapas da vida dos sujeitos afetados, questão que interfere na qualidade e bem estar das vítimas no curto, médio e longo prazo. É evidente a necessidade de pesquisas que tenham interesse na descrição das consequências e que possa interagir com outras categorias de análises como raça, etnia, orientação sexual, em universidades públicas, federais e privadas, desta forma detectar se a presença destas categorias tem alguma correlação no nível do impacto da violência.

REFERÊNCIAS

- Atlas Da Violencia (2020). **Instituto de pesquisa econômica aplicada**, v. 2.7, p. 1–96.
- Belknap *et al.*, (2014). The Significant Frequency and Impact of Stealth (Nonviolent) Gender-Based Abuse Among College Women. **Trauma, Violence, and abuse**, v. 15, n. 3, p. 181–190.
- Bellini, (2018). Violência contra mulheres nas Universidades: contribuições da produção científica para sua superação (Scielo e Web of Science 2016 e 2017).
- Bergeron, M. et al. (2019). Sexual Violence on University Campuses: Differences and similarities in the experiences of students, professors and employees. v. 3, n.49, p. 88-103.
- Bertho, (2020). A influência das relações de gênero na divisão de tarefas familiares e na violência entre parceiros íntimos.
- Björklund, K. et al. (2010). Violence victimization among Finnish university students: Prevalence, symptoms and healthcare usage. *Social Science and Medicine*, v. 70, n. 9, p. 1416–1422.
- Bogen, K. W. *et al.* (2019). Supporting students in responding to disclosure of sexual violence: a systematic review of online university resources. **Journal of Sexual Aggression**, v. 25, n. 1, p. 31–48.
- Bull, B. K. (2017). Raped abroad: Extraterritorial application of title IX for American university students sexually assaulted while studying abroad. *Northwestern University Law Review*, v. 111, n.2, p. 439-482.
- CNDH. (2013). Convención Interamericana para prevenir, sancionar y erradicar la violencia contra la mujer. Convención de Belém Do Pará. Comisión Nacional de los Derechos Humanos, México.
- Capovilla, S. H. (2016). Mapeamento de experiências existentes nas universidades federais no combate à violência de gênero e contra as mulheres: Subsídios para a construção do Observatório de Gênero Mulheres e Violência na UFSCar. p. 1–97.
- Carey, K. B. et al. (2018). Mental health consequences of sexual assault among first-year college women. *Journal of American College Health*, v. 66, n. 6, p. 480–486.
- Castaño-Castrillón, J. J. et al. (2010). Sexual harassment in the University of Manizales' student community. (Colombia), 2008. A cross-sectional study. **Revista Colombiana de**

Obstetricia y Ginecologia, v. 61, n. 1, p. 18–27.

Conley, A. H. et al. (2017). Prevalence and predictors of sexual assault among a college sample. **Journal of American College Health**, v. 65, n. 1, p. 41–49.

Cranney, S. (2015). The Relationship Between Sexual Victimization and Year in School in U.S. Colleges: Investigating the Parameters of the “Red Zone”. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 30, n. 17, p. 3133–3145.

Dapieve, N. Von Hohendorff, J. (2019). Critérios de qualidade para artigos de pesquisa qualitativa. *Psicologia em estudo*. V.24, p. 1-14.

Diario Universidad de Chile. (2018). Estudiantes de universidades privadas, la voz de los invisibles. <https://radio.uchile.cl/2018/06/05/estudiantes-de-universidades-privadas-la-voz-de-los-invisibles/>

Dirección de igualdad de género. (2019). Acoso en el campus. El acoso sexual en la Universidad de Chile. Santiago, Chile: Universidad de Chile.

D’oliveira, A. F. (2019). Invisibilidade e banalização da violência contra as mulheres na universidade: reconhecer para mudar. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 23, p. 1–5.

Deloveh, H. L. M.; Cattaneo, L. B. (2017). Deciding Where to Turn: A Qualitative Investigation of College Students’ Helpseeking Decisions After Sexual Assault. **American Journal of Community Psychology**, v. 59, n. 1–2, p. 65–79.

Donde, S. D. et al. (2018). If It Wasn’t Rape, ¿Was It Sexual Assault? Comparing Rape and Sexual Assault Acknowledgment in College Women Who Have Experienced Rape. *Violence Against Women*, v. 24, n. 14, p. 1718–1738.

Eller, A. (2016). Transactional sex and sexual harassment between professors and students at an urban university in Benin. **Culture, Health and Sexuality**, v. 18, n. 7, p. 742–755.

Flake, T. A. et al. (2013). Violência por parceiro íntimo entre estudantes de duas universidades do estado de São Paulo, Brasil. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v. 16, n. 4, p. 801–816.

Fielding-Miller, et al. (2019). Epidemiology of campus sexual assault among university women in Eswatini. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 0, n. 00, p.1-26.

Gamboa, (2019). Acoso sexual en la universidad: de protocolos y protocolos. *Nómadas*, v.51. p.211-221.

Godinho, et al. (2018). A violência no ambiente universitário. *Revista Brasileira em Promoção da*

Saúde, v. 31, n. 4, p. 1–8.

- Griffin, M. J.; Read, J. P. (2012). Prospective Effects of Method of Coercion in Sexual Victimization Across the First College Year. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 27, n. 12, p. 2503–2524.
- Groff Stephens S. Wilke, D. (2016) Sexual violence, weight perception, and eating disorder indicators in college females, *Journal of American College Health*, 64:1, 38-47.
- Hernández-Romero et al, (2019). Prevalence of victimization and perpetration of sexual aggression in undergraduate students: A systematic review 2008-2018. **Revista Ciencias de la Salud**, v. 17, n. 1, p. 85–107.
- Intersecta Organización para la Igualdad, A.C. (s.n). Discriminación y violencias en las universidades. Datos, leyes y buenas prácticas. Volumen 1. Ciudad de México.
- Jordan, C. E.; Combs, J. L.; Smith, G. T. (2014). An Exploration of Sexual Victimization and Academic Performance Among College Women. *Trauma, Violence, and Abuse*, v. 15, n. 3, p. 191–200.
- Keefe, K. M. et al. (2018). Recent Sexual Assault and Suicidal Behaviors in College Students: The Moderating Role of Anger. *Journal of College Counseling*, v. 21, n. 2, p. 98–110.
- Kheswa, (2014). Exploring the causal factors and the effects of sexual harassment on female students at the universities in Africa. An overview. **Mediterranean Journal of Social Sciences**, v. 5, n. 20, p. 2847–2852.
- Klein, et al, (2019). Sexual Harassment of College and University Students: A Systematic Review. **Trauma, Violence, and Abuse**.
- Lamas, (2007). El Acoso Y El #Metoo. p. 53–59.
- Lindquist, C. H. et al. (2013). The Context and Consequences of Sexual Assault Among Undergraduate Women at Historically Black Colleges and Universities (HBCUs). *Journal of Interpersonal Violence*, v. 28, n. 12, p. 2437–2461.
- Lizama-Lefno, et al, (2019). Sexual harassment in the university context: Projective diagnostic study of gender situation at the Universidad de Santiago de Chile. **Pensamiento Educativo**, v. 56, n. 1, p. 1–14.
- López, (2019). Violencia contra las mujeres en el ámbito universitario: una realidad emergente en la región. **Interface comunicação, saúde, educação**, p. 1–5.
- Maito, D. C. et al. (2019). Construção de diretrizes para orientar ações institucionais em casos de

- violência de gênero na universidade. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 23, p. 1–15.
- Mamaru, A.; Getachew, K.; Mohammed, Y. (2015). Prevalence of physical, verbal and nonverbal sexual harassments and their association with psychological distress among Jimma University female students: a cross-sectional study. *Ethiopian journal of health sciences*, v. 25, n. 1, p. 29–38.
- Martín-Baena, D.; Talavera, M.; Montero-Piñar, I. (2016). Interpersonal Violence and Health in Female University Students in Spain. *Journal of Nursing Scholarship*, v. 48, n. 6, p. 561–568.
- Mengo, C.; Black, B. M. (2016). Violence Victimization on a College Campus: Impact on GPA and School Dropout. *Journal of College Student Retention: Research, Theory and Practice*, v. 18, n. 2, p. 234–248.
- Mennicke, A. et al. (2019). Factors Associated With and Barriers to Disclosure of a Sexual Assault to Formal On-Campus Resources Among College Students. **Violence Against Women**. P.1-19
- Mingo, A.; Moreno, H. (2017). Sexismo en la universidad. **Estudios Sociológicos**, v. 35, n. 105, p. 571–595.
- Mingo, et al, (2015). El ocioso intento de tapar el sol con un dedo: Violencia de género en la universidad. *Perfiles Educativos*, v. 37, n. 148, p. 138–155.
- Moore, J.; Mennicke, A. (2019). Empathy deficits and perceived permissive environments: sexual harassment perpetration on college campuses. *Journal of Sexual Aggression*, v. 0, n. 0, p. 1–13.
- Morales, T; Fabiola. B. (2017). ¿Violencia o violencias en la universidad pública? Una aproximación desde una perspectiva sistémica. **El Cotidiano**, n. 206, p. 39–50, 201.
- Moreno et al. (2008). Factores psicosociales y presencia de mobbing en profesores universitarios. *Revista salud pública y nutrición*. v.9, n.3, p. 1-8.
- OEA. (2013). *Convenção do Belém do Pará*.
- ONU Mulheres. (2020). *Prevenção Da Violência Contra Mulheres Diante Da Covid-19 Na América Latina* E No. n. 2019.
- Ordorika, I. (2015). Equidad de género en la Educación Superior. *Revista de la Educación Superior*, v. XLIV, p. 11.
- Oswalt, et al. (2018). Sexual Assault Is Just the Tip of the Iceberg: Relationship and Sexual

Violence Prevalence in College Students. **Journal of College Student Psychotherapy**, v. 32, n. 2, p. 93–109.

Potter, S. et al. (2018). Long-term impacts of college sexual assaults on women survivors' educational and career attainments. *Journal of American College Health*, v. 66, n. 6, p. 496–507.

Ródenas, (2009). Violencia de género en el ámbito universitario. Medidas para su superación *Pedagogía Social. revista interuniversitaria de pedagogía social*, v. 16, p. 85–94.

Romito, P. et al. (2017). Sexual harassment and menstrual disorders among Italian university women: A cross-sectional observational study. *Scandinavian Journal of Public Health*, v. 45, n. 5, p. 528–535.

Romito, P. et al. (2016). Disordered eating behaviors and sexual harassment in Italian male and female university students. *Journal of Interpersonal Violence*. p.1-15.

Roso, A. et al. (2021). Trotes na universidade e violências: uma revisão integrativa. v. 39, p. 25-55.

Rothman, K. et al. (2019). Sexual Assault Among Women in College: Immediate and Long-Term Associations with Mental Health, Psychosocial Functioning, and Romantic Relationships. *Journal of Interpersonal Violence*. P. 1-23.

Smith, P, White, J. & Holland, L. (2003). A Longitudinal Perspective on Dating Violence among Adolescent and College-Age Women. *American Journal of Public Health*, 7, 1104-1109.

Turchik, J. A.; Hassija, C. M. (2014). Female Sexual Victimization Among College Students: Assault Severity, Health Risk Behaviors, and Sexual Functioning. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 29, n. 13, p. 2439–2457.

UNESP. (2019). Guia de prevenção assédio. Universidade Estadual Paulista.

Summers-Effler, (2002). The Micro Potential for Social Change: Emotion, Consciousness, and Social Movement Formation*. **Sociological Theory** 20:1

Sardenberg, (2019). pessoal é político: conscientização feminista e empoderamento de mulheres. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v. 14, n. 1, p. 15–29.

Soler. M, O. Rios, A. Flecha, M. A. S. Y C. P. (2020). Violencia de género en las universidades españolas. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 3, p. 13727–13740.

Treffry-Goatley et al, (2018). Treffy What Does It Mean to Be a Young African Woman on a

University Campus in Times of Sexual Violence? A New Moment, a New Conversation
Behav. Sci. **2018**, v.8, 67; doi:10.3390/bs8080067

Valls, et al. (2007) ¿Violencia de género también en las universidades? Investigaciones al respecto. **Revista de Investigación Educativa**, v. 25, n. 1, p. 219–231.

Varela, (2020). Las universidades frente a la violencia de género. El caso de la Universidad Autónoma de Guanajuato. **Revista Interdisciplinaria de Estudios de Género de El Colegio de México**, v. 6, p. 1.

Zinzow, H. et. al. (2011). Self-rated Health in Relation to Rape and Mental Health Disorders in a National Sample of College Women, *Journal of American College Health*, 59:7, 588-594.

Zotareli, v. *et al.* (2012). Gender and sexual violence among students at a brazilian university. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 12, n. 1, p. 37–46.

ESTUDO II - SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA EXPERIMENTADAS POR ESTUDIANTES EN EL CONTEXTO UNIVERSITARIO

RESUMEN

El presente estudio tuvo como objetivo describir las diversas situaciones de violencia de género y acoso experimentadas por estudiantes en el contexto universitario o por parte de la comunidad universitaria. La evaluación fue realizada a través de un formulario online, respondido por 29 estudiantes de graduación y posgraduación, con edades comprendidas entre 18 a 38 años ($M=24,2$; $DP=4,36$). Los datos obtenidos permitieron verificar una mayor frecuencia de violencia sexual (recibir besos y caricias sin consentimiento), violencia moral (comentarios sexistas) y psicológica; las cuales, de acuerdo con sus participantes, estaban relacionadas por la jerarquía (entre agresor y víctima), los hábitos/estilo de vida, características físicas e identidad de género de la víctima. Casi la mitad de los episodios reportados (42,2%) ocurrieron dentro del campus universitario y la mayoría (65%) vivió más de tres episodios. Se considera importante el reconocimiento institucional de dicho fenómeno y la implementación de acciones por parte de la gestión para prevenirlo.

Palabras claves: violencia de género; universidad; estudiantes.

RESUMO

O objetivo deste estudo foi descrever as diversas situações de violência e assédio de gênero vividas por estudantes no contexto universitário ou pela comunidade universitária. A avaliação foi realizada por meio de formulário online, respondido por 29 alunos de graduação e pós-graduação, com idades entre 18 e 38 anos ($M = 24,2$; $DP = 4,36$). Os dados obtidos permitiram verificar uma maior frequência de violência sexual (receber beijos e carícias sem consentimento), violência moral (comentários sexistas) e psicológica; que, segundo seus participantes, foram relacionadas por hierarquia (entre agressor e vítima), hábitos / estilo de vida, características físicas e identidade de gênero da vítima. Quase metade dos episódios relatados (42,2%) ocorreu dentro do campus universitário e a maioria (65%) viveu mais de três episódios. O reconhecimento institucional desse fenômeno e a implementação de ações por parte da administração para preveni-lo são considerados importantes.

Palavras-chave: violência de gênero; universidade; estudantes.

ABSTRACT

The objective of this article was to describe the different situations of gender violence and harassment experienced by students in the university context or by the university community. The survey was conducted using an online form, answered by 29 undergraduate and graduate students, aged between 18 and 38 years old ($M = 24.2$; $SD = 4.36$). The obtained data allowed to verify a higher frequency of sexual violence (receiving kisses and caresses without consent), moral violence (sexist comments) and psychological violence; who, according to their participants, were motivated by the hierarchy (between aggressor and victim), habits / lifestyle, physical characteristics and gender identity of the victim. Almost half of the reported episodes (42.2%) occurred within the university campus and the majority (65%) lived more than three episodes. Institutional recognition of this phenomenon and the implementation of actions to prevent it are considered important.

Keywords: gender violence; University; students.

INTRODUCCIÓN

La violencia de género (Araújo 2008), tiene su génesis y mantenimiento en las relaciones de poder sustentadas bajo un orden patriarcal y que en palabras de Heleieth Saffiotti (2004) podríamos llamar patriarcado: aquella forma de organización y dominación social que delega a los hombres el derecho de dominar y controlar a las mujeres (Castro de Carvalho Freitas e Oliveira de Morais, 2019), siendo la violencia la principal herramienta para concretar ese derecho. Por otra parte, este sistema patriarcal asigna atribuciones sobre lo que compete a un género y otro, generando una distinción y valoración entre ellos (Bertho,2020; Saffiotti, 2004).

En ese sentido, las universidades no son ajenas a las relaciones de poder, de manera que es posible vislumbrar prácticas violentas ejercidas dentro de ellas. Así, es factible delinear algunas argumentaciones que justifican su existencia y reproducción: primero, la presencia de estas estructuras de poder que posicionan a los hombres en una relación de superioridad frente a las mujeres, la hostilidad hacia las víctimas, la naturalización y tolerancia de la violencia y por último la presencia de estereotipos sexistas (Valls et.al., 2016).

El ambiente universitario se torna un espacio desfavorable para las mujeres, quienes constantemente se enfrentan con situaciones de acoso moral, humillaciones, violencia sexual, amenazas y una serie de otras violaciones que no siempre son identificadas como una violencia de género (d'Oliveira & d'Oliveira, 2019; Valls, 2008). Se considera que las estudiantes están más propensas de ser víctimas de una agresión sexual durante las primeras semanas de ingreso a la universidad y a inicios del segundo año de universidad, de hecho, durante 1988, Warshaw acuñó el concepto de “zona roja” para referirse a este período en que las mujeres al entrar a la universidad pueden estar envueltas en situaciones de peligro y exposición, sobre todo en contextos de fiestas universitarias (Flack, 2008). val

Algunos estudios demuestran que la violencia en la universidad no es una práctica reciente, un ejemplo de ello es un estudio prospectivo en Estados Unidos, realizado durante el año 2000 con 1569 estudiantes universitarias que respondieron una Encuesta de Experiencias Sexuales desde su 1er año y hasta el final de su 4to año de carrera, señalaron que ya en su primer año de universidad, el 31% de las mujeres había experimentado algún tipo de agresión sexual y el 6,4% pasaron por una violación. En el cuarto año de su carrera, el 24% de las estudiantes señalaron haber pasado por una agresión sexual, en tanto el 3,9% había sufrido una violación completa (Humphrey and White, 2000; Abbey, 2002).

Estudios similares desarrollados posteriormente, identificaron la prevalencia de violencia que experimentaron los estudiantes durante su paso en la universidad. En un estudio realizado por Zotareli (2012) identificó entre 2430 estudiantes de universidades públicas en Brasil que el 56,3% de las alumnas habían sufrido algún tipo de violencia y 9,4% sufrieron violencia sexual desde su ingreso, mientras 29,9% de los hombres dijeron haber cometido algún tipo de violencia. En el 2015, el Instituto Avon realizó un estudio con 1.823 estudiantes de graduación y posgraduación de universidades brasileñas señalando que el 67% de las mujeres entrevistadas habían sufrido algún tipo de violencia, el 52% reconocen haber sufrido agresión moral/psicológica, mientras que el 56% de las mujeres relataron haber sufrido acoso sexual, mientras tanto un 28% ya había experimentado violencia sexual que puede ir desde la violación hasta una tentativa de abuso (Instituto Avon, 2015). Finalmente, un estudio realizado en la Universidad Nacional de Colombia en el 2016, identificó que 54% de los 1.602 estudiantes que participaron de la encuesta declararon haber sufrido algún tipo de violencia sexual dentro de la universidad (Rozo & Torres, 2016).

La violencia en el contexto universitario puede ser ejercida por pares, profesores o incluso desde la propia institución como perpetradora o cómplice (Valls et. al, 2016). Las relaciones jerárquicas presentes en el ámbito académico, entre docente/alumna (o), son un medio recurrente de violencia de género que se manifiesta dentro de una relación asimétrica, acentuando todavía más las desigualdades entre los hombres y mujeres (Bergeron et al. 2020). Estos abusos pueden ocurrir dentro de las salas de aula, en los espacios de convivencia del campus o hasta mismo fuera del espacio físico de las universidades, como en fiestas, rituales de iniciación a la vida universitaria y residencias estudiantiles (d'Oliveira & d'Oliveira, 2019; Valls, 2016). Es en estos espacios de esparcimiento en donde la violencia de género puede verse incrementada por la ingesta de alcohol. Neilson et al (2018) relaciona la gravedad de las agresiones sexuales con el consumo de alcohol y de cómo esta se asocia positivamente a la incapacidad de percibir una situación de violencia y en la toma de decisiones.

La dificultad en ocasiones se debe a la no identificación de las situaciones de violencia y el miedo de reconocerlas como tal, obstaculizando una eventual denuncia o divulgación y, por consecuencia, el reconocimiento del fenómeno en el contexto académico como un problema que necesita de medidas de intervención (Bergeron *et al.*, 2020); Valls, 2008). Por otra parte, la institución no siempre reconoce cuánto es atravesada por jerarquías y desigualdades, por lo

contrario, de acuerdo con Nardi (2013) ella se presenta como un lugar de “razón” que busca proteger de lo que es violento, “ignorante” e “irracional”.

Así mismo, las dinámicas de violencia de género dentro del ámbito universitario pueden desencadenar consecuencias en las víctimas que van desde el bajo rendimiento académico, la modificación de elecciones académicas hasta incluso la deserción de la carrera universitaria (Valls et.al, 2016). Algunas desisten de asistir a clases para no ver a sus agresores, cambiando incluso de universidad o residencia (Fisher et. al 2010). Sin mencionar los efectos en la salud mental como trastornos de ansiedad, estrés post traumático, depresión y en la salud física en general (Ullman e Najdowski, 2009)

En consideración a lo anterior, el objetivo de este estudio fue describir las diversas situaciones de violencia de género que experimentan los (as) estudiantes dentro de la universidad o por parte de la comunidad universitaria. Dicho estudio es un recorte metodológico de la investigación de maestría de la primera autora, que tuvo como objetivo general: analizar el o los posibles impactos de la violencia de género en la relación corporal y sexual en estudiantes que hayan sido víctimas de violencia en el contexto universitario.

MÉTODO

El estudio es de carácter cuantitativo, descriptivo y transversal. Inicialmente la recolección de datos estaba estipulada de manera presencial, cuestión que no fue posible debido al contexto de urgencia sanitaria de Covid-19. Eso exigió una rápida modificación en el cronograma y su metodología, la cual fue adaptada a manera remota para seguridad de todos los participantes y la investigadora.

El estudio fue aprobado en el Comité de Ética en investigaciones con Seres Humanos de la Universidad Federal de San Carlos (UFSCar), SP. Brasil. (CAAE:15113119.6.0000.5504).

Participantes

Se realizó un muestreo probabilístico estratificado, en donde participaron 29 estudiantes, con edades que oscilaban desde los 18 a 38 años ($X=24,2$; $DP=4,36$), siendo 27 de género femenino (93,1%), 1 no binario y 1 de género masculino. La mayoría ($n=22$, 75,9%) fueron estudiantes de pregrado y los demás ($n=7$, 24,1%) de posgraduación, de universidades públicas de Brasil.

Instrumentos

Formulario de Caracterización - Se elaboró un formulario de caracterización de los participantes, que contenía 5 preguntas cerradas el cual buscaba identificar datos como: nombre, e-mail, edad, universidad actual de estudio, semestre que estaba cursando y 4 preguntas con única opción: género, ocupación, tipo de relación afectiva y si tenían hijos o no. Posteriormente se incluían preguntas respecto a la violencia sufrida dentro de la universidad o por parte de la comunidad universitaria. Aquellos que respondieron que “no” habían sufrido ningún tipo de violencia en la universidad, finalizaban su participación en el estudio y eran direccionados a un mensaje final de agradecimiento.

Formulario de Victimización en ambiente universitario - Por otra parte, aquellos que “sí” habían experimentado algún episodio de violencia, eran asociados a otro formulario realizado por la autora para identificar el tipo de victimización en ambiente universitario, compuesto por cuatro preguntas cerradas con opciones múltiples: **i)** identificando si la violencia había ocurrido en la universidad actual/anterior; **ii)** el tipo de violencia que habían sufrido, desplegándose una lista de 9 opciones, con posibilidad de seleccionar más de una alternativa (por ejemplo, agresiones físicas, violencia psicológica, recibir besos o caricias sin consentimiento, presiones para mantener relaciones afectivas o sexuales); **iii)** motivaciones que de acuerdo a las participantes contribuyeron a la ocurrencia de la violencia, considerando 13 opciones de las cuales podían escoger más de una alternativa (etnia/raza, jerarquía, hábitos e estilo de vida, situación socioeconómica, machismo, identidad de género, entre otras); **iv)** el lugar en donde ocurrió la violencia, dividido en tres lugares (áreas externa del campus: fiestas universitarias, residencias estudiantiles, bares, casa del docente, actividad de campo; áreas internas del campus: áreas abiertas del campus universitario, sala de aula, sala de reuniones, laboratorios; trayecto ida y vuelta hacia la universidad) donde igualmente podían marcar más de una alternativa; y finalmente **v)** el número total de episodios de violencia que presentaba cuatro opciones, teniendo que escoger una alternativa (Entre 1 y 2, entre 3 y 4, mayor a 5 y no recuerda).

Procedimientos

El reclutamiento de las (os) participantes comenzó con la divulgación de un póster online con los siguientes criterios de inclusión: a) ser estudiante universitario mayor de 18 años; b) haber experimentado algún episodio de violencia (actual o pasado) dentro de la universidad o por

parte de la comunidad universitaria; c) no tener síntomas psiquiátricos o trastornos de personalidad. Esta divulgación estaba acompañada de un link de acceso a un formulario online (Google Forms) construido específicamente para este estudio. La divulgación fue realizada durante un mes a través de redes sociales (*Facebook*), especialmente en grupos de universidades brasileñas y otras páginas de acceso por estudiantes universitarios. También fue compartida en el canal oficial de comunicación (e-mail) de la Universidad Federal de São Carlos y la red de contactos vinculados a las autoras.

Los participantes que ingresaban al link debían leer el Término de Consentimiento Libre y Esclarecido (TCLE) y elegir la opción “*Leí y acepto participar de la investigación*” para continuar de manera voluntaria en la investigación.

Análisis de datos

El estudio estuvo soportado en un análisis de estadística descriptiva de los datos (media, desviación estándar, valores mínimos y máximos mediana, frecuencia). Se elaboraron tablas de frecuencia en el software SPSS versión 22.0 para el tipo de violencia reportada por las (os) participantes (Tabla 1), opinión de las participantes al respecto de lo que motivó la violencia sufrida (Tabla 2).

RESULTADOS

Los resultados en relación con el semestre en curso y al tipo de relación afectiva en que se encontraban los participantes al momento de la investigación surgen a partir de 29 respuestas obtenidas en el formulario online. En seguida, los resultados vinculados a la temática de violencia son elaborados a partir de 27 respuestas, ya que dos participantes (1 de género femenino y 1 de género no binario) mencionaron no haber sufrido violencia dentro de la universidad o por parte de la comunidad universitaria.

Semestre en curso

La mayoría de los participantes (65,5%) estaba en la carrera hace más de cinco semestres (20,7% en el quinto; 24,1% en el séptimo; 3,4% en el octavo; 6,9% en el noveno; 6,9% en el décimo primero e 3,4% en el décimo tercero) y las demás (34,5%) en los primeros semestres de

la carrera (6,9% en el primer semestre; 3,4% en el segundo; 20,7% en el tercero e 3,4% en el cuarto).

Relación afectiva

En cuanto a la relación afectiva de los participantes, un (45%) de ellos (as) mantenían una relación al momento del estudio, pero no conviven, mientras que un (17%) que también estaban en pareja vivían juntos, por otro lado, un 34,5% manifestó estar solteras (os) y un 3,5% casados. Solo dos participantes informaron tener hijos (as).

Historial de violencia de género en la universidad.

En cuanto al historial de violencia, (93,1%) indicaron haber sufrido violencia en la universidad. Respecto al lugar en donde ocurrió la violencia, la mayoría (n=19; 67,9%) relató que fue en la universidad actual, un 17,9% relató que fue en universidad actual y en la anterior, mientras que un 7,1% informó que fue en un campus diferente del que frecuenta, finalmente el 7,1% no informó el lugar. La Tabla 1 describe el tipo de violencia reportada por las (os) participantes. Cabe destacar que los (as) participantes tenían la opción de marcar más de un tipo de violencia.

Según los datos de la Tabla 1, la mayoría de los participantes identificó recibir besos o caricias sin consentimiento (66,7%) y comentarios sexistas sobre la capacidad intelectual de la mujer o su rol en la sociedad o comentarios con connotaciones sexuales que disgustan o humillan (66,7%). Un 23,1% declaró haber sufrido algún tipo de agresión sexual y un 7,4% alguna agresión física, si bien el porcentaje es menor en comparación con otros tipos de violencia expuestos, sigue siendo un dato relevante de considerar en la medida que aún se reproducen estas situaciones de abuso hacia las estudiantes.

Tabla 1.

Tipo de violencia reportada por las (os) participantes (n=27)

	N	%
Recibir besos o caricias sin consentimiento	18	66,7
Comentarios sexistas sobre la capacidad intelectual de las mujeres o su papel en la sociedad o comentarios con connotaciones sexuales que disgustan o humillan	18	66,7
Comentarios desagradables sobre la forma de vestirse, y/o la forma de arreglarse el cabello	12	44,4
Presión para mantener relaciones afectivo-sexuales	12	46,2
Violencia psicológica	11	40,7
Sentirse perturbada (o) o con miedo por comentarios, miradas, correos electrónicos, notas, llamadas telefónicas o por haber sido perseguida (o) y/o vigilada (o)	10	38,5
Rumores sobre su vida sexual	8	30,8
Agresiones sexuales	6	23,1
Agresiones físicas	2	7,4

La Tabla 2 presenta los datos relacionados con la opinión de los participantes sobre lo que pudo haber motivado la violencia sufrida. La mayoría (59,3%) de los participantes informó que el principal motivo era la jerarquía y el 37% los hábitos / estilo de vida adoptados por el/la participante. Una estudiante informó que el ambiente junto a la ingesta de alcohol pudo haber contribuido a la violencia, 2 consideraron que era debido a la situación socioeconómica de él o ella, 2 mencionaron que tenía relación a la carrera, 3 que eran comportamientos sexistas presentes en la sociedad y 5 que apuntaban directamente a su etnia / raza.

Tabla 2.

Opinión de las participantes al respecto a la motivación de la violencia ejercida (n=27)

	N	%
Jerarquía	16	59,3
Hábitos/estilo de vida	10	37
Característica física	9	33,3
Identidad de género	8	29,6
Orientación sexual	6	22,2
Etnia/raza	5	18,5
Machismo	3	11,1
Área de curso	2	7,4
Situación socioeconómica	2	7,4
Ambiente	1	3,7

La Figura 1 muestra la frecuencia de episodios de violencia descritos por los participantes. Para la mayoría de ellos (63%) hubo más de tres episodios (33% entre 3-4; 30% más de 5).

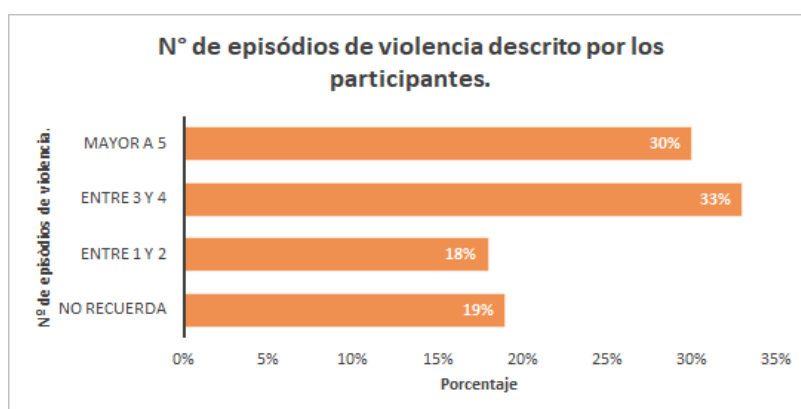


Figura 1.

Número de episodios de violencia descritos por las participantes.

La Tabla 3 describe los lugares donde ocurrieron episodios de violencia. Teniendo en cuenta que la cantidad de episodios para la mayoría de los participantes (ver Figura 2) fue más de tres, los participantes pudieron seleccionar más de una ubicación. La mayoría de los participantes indicaron que los episodios de violencia ocurrieron en zonas fuera de la universidad (N=14; 53,8% residencias estudiantiles; N=14; 53,8% fiestas universitarias; N=12; 44,4% en la calle camino a la universidad). Entre los espacios internos de la universidad, la mayoría de los participantes indicó áreas abiertas (N=12; 44,4%) y aulas (N=11; 40,7%). Es de destacar que 5 participantes informaron que el episodio de violencia ocurrió durante el transporte camino a la universidad.

Tabla 3. Áreas donde ocurrió la violencia de acuerdo con los participantes

	N	%		N	%		N	%
Áreas externas al campus			Áreas internas al campus			Trayecto hacia la universidad		
Residencia estudiantil	14	53,8	Área abierta del campus	12	44,4	En la calle camino a la universidad	12	44,4
Fiestas universitarias	14	53,8	Sala de aula	11	40,7	Transporte	5	18,5
Bares	5	19,2	Sala de reuniones	3	11,1			
Casa del docente	1	3,7	Laboratório	3	11,1			
Actividad de campo	1	3,7	Oficina del docente	2	7,4			
			Hogar estudiantil	2	7,4			
			Gimnasio	1	3,7			
			Canchas	1	3,7			
			Restaurante Universitario	1	3,7			
			Baño	1	3,7			
			Cafetería	1	3,7			
TOTAL	35	38,9	TOTAL	38	42,2	TOTAL	17	18,9

DISCUSIÓN

Teniendo en cuenta el objetivo de este estudio de describir las situaciones de violencia experimentadas por estudiantes universitarias, los resultados obtenidos permiten considerar el fenómeno como alarmante y que ocurre sistemáticamente. De acuerdo con los estudios mencionados la principal población afectada son mujeres.

Prevalencia de violencia en la universidad

La violencia de género dentro de las universidades debiera ser reconocida como un problema recurrente en las relaciones entre estudiantes, profesores y personal técnico, ya que es un espacio que reproduce dinámicas sociales como las que se presentan en el resto de la población, compartiendo los mismos valores de la cultura en la que están inmersos (d'Oliveira & d'Oliveira, 2019). En nuestro estudio, los participantes informaron que casi la mitad de los episodios de violencia (42,2%) ocurrieron dentro del campus universitario, lo que señala que para las estudiantes ese espacio geográfico no representa un lugar completamente seguro para su integridad física y emocional, además la mayoría (65%) de ellas había experimentado por lo menos más de tres episodios de violencia.

Tipos de violencia señaladas

La universidad es un espacio de transición hacia la vida adulta. Trae novedades, nuevas amistades, expectativas profesionales. Pero también a menudo terminan aceptando comportamientos y costumbres universitarias sin una comprensión clara de lo que significa y las relaciones de poder que están en juego (Bandeira, 2017). Por ejemplo, las novatadas universitarias deberían ser mecanismos de promoción de la sociabilidad y acogida, sin embargo, gran parte de ellas se fundan en expresiones de violencia machista, con el uso de palabras ofensivas, sexistas, irrespetuosas y humillantes, siendo asociadas a un continuo de violencia dentro de los campus universitarios, donde también se incluyen residencias universitarias (Bandeira, 2017).

Las expresiones en contextos universitarios pueden variar desde el acoso, las amenazas o la coerción para mantener relaciones sexuales. De igual modo, los rumores sobre la vida sexual de las estudiantes con un 30,8%, y que tienen ocurrencia en los espacios de vida universitaria y externos como en residencias estudiantiles y las fiestas universitarias (Valls et al. 2007).

Factores de riesgo

En este punto, podemos afirmar que en nuestros resultados más del 50% de los estudiantes encuestados sufrieron situaciones de violencia en fiestas y residencias estudiantiles, lo que nos hace reflexionar sobre cuáles son los factores de riesgo a los que se enfrentan los estudiantes en este contexto. Tal resultado concuerda con la literatura que señala al alcohol como un importante detonador en la generación de violencia física, sexual y emocional (Ramírez, 2019), sin embargo, Abbey (2002) enfatiza en que, a pesar de la coexistencia frecuente entre alcohol y agresión sexual, no es una justificación de facto. Puede haber otras variables que influyeran ciertos comportamientos y que lleven a los hombres a beber desproporcionadamente o a cometer una agresión sexual, sean algunos rasgos de personalidad, impulsividad, normas de grupo de pares, entre otros. También menciona que en promedio al menos el 50% de las agresiones sexuales de los estudiantes universitarios está asociada al consumo de alcohol. Un 97% de las agresiones sexuales relacionadas con el alcohol, tanto la víctima como el agresor habrían estado con ingesta de alcohol (Abbey, 2002).

Relaciones de poder

Los estudiantes con frecuencia no realizan la divulgación de lo sucedido con algún miembro de la universidad, aun más en los casos en que el docente ha sido el agresor, esto debido a la relación de poder del docente y al abuso de su autoridad sobre ellos, temiendo posibles represalias a futuro y consecuencias con situaciones más explícitas como presionar para mantener relaciones sexo afectivas no deseadas, como fue observado en el presente estudio, en el cual 46,2% declararon haber sufrido ese tipo de presiones. La misma línea de estudio en la Universidad de Manizales relató que los principales acosadores eran docentes (50%) y un 42,8% eran los propios compañeros de universidad, seguida a que un 8,3% de la población universitaria entrevistada declaró haber sufrido presiones de índole sexual a cambio de beneficios académicos (Castaño-Castrillón *et al.*, 2010).

En esta misma lógica, se establecen relaciones de poder y jerarquía entre los propios estudiantes, por ejemplo, la relación entre veteranos y novatos, donde la lógica es la docilidad de los nuevos estudiantes hacia los antiguos. Porque, los espacios académicos adoptan diversas formas para ejercer el poder, propias del sistema patriarcal. En ocasiones actúan de manera sutil,

lo que dificulta que los alumnos los identifiquen normalizando gran parte de la violencia (Echeverría *et al.*, 2017).

Estereotipos de género

Los estereotipos de género contribuyen con la perpetuación de la violencia y las desigualdades de género en el ambiente universitario, así dentro de la sala de aula se hacen visibles esas realidades, teniendo que lidiar con comentarios sexistas que afirman la menor capacidad intelectual de las estudiantes mujeres, o bien son objeto de bromas con contenidos machistas (d'Oliveira & d'Oliveira, 2019), dato que concuerda con los resultados del presente estudio, los cuales apuntan que el 40,7% declaró haber sufrido situaciones desagradables dentro de la sala de aula y un 22,2% en las salas de reuniones o laboratorios. La investigación del Instituto Avon en el 2015 ya planteaba esa pregunta, donde un 49% de las estudiantes mujeres declararon haber experimentado descalificaciones o bromas ofensivas, siendo un 19% de los estudiantes hombres quienes lo cometieron (Viana *et al.*, 2018). Los estereotipos están involucrados en todo el entorno de la vida universitaria, por lo que, en las fiestas universitarias del primer año, los prejuicios y los estereotipos de género degradan la vida universitaria, centrando la atención en la sexualización de las estudiantes y sus cuerpos pasan a ser un objeto de deseo y gozo colectivo (Bandeira, 2017).

El papel de las instituciones universitarias frente a la violencia de género.

Cabe mencionar que una de las razones por las que la universidad silencia e ignora la violencia sexual practicada en sus espacios, responde al hecho de preservar su imagen institucional (Bandeira, 2017, Severi, 2017). Es necesario medir y evaluar la responsabilidad de las instituciones de educación superior con respecto a los casos de violencia y abuso que ocurren no solo en el campus, debe fortalecerse un enfoque preventivo y solidario con sus estudiantes dentro y fuera del campus. En esta investigación se encontró que el 57,8% de las situaciones se vivieron en lo que llamamos “áreas fuera del campus y en el trayecto desde y hacia la universidad”, ya sea caminando o en transporte público.

Sin un esquema claro o protocolo de notificación de estos casos a nivel universitario, lo que finalmente sucede es que las o los estudiantes que son víctimas de abuso no quieren divulgar

y mucho menos realizar la denuncia en canales oficiales, ya sea por temor a que no crean en su historia, no recibir el apoyo institucional que proteja seguidamente su identidad. Además, la revictimización en el momento de realizar la denuncia policial o verbalizar el abuso, generando un clima hostil que tiende a culpar a la víctima por lo vivido (Valls et al., 2007). Frente a ese contexto han surgido los colectivos feministas de estudiantes que se organizan para exigir que se visibilicen los abusos y la creación de políticas públicas que cumplan con las condiciones necesarias para atender a los estudiantes en caso de cualquier tipo de abuso, agresión o violencia (Boyle, Barr e Clay-Warner, 2017). La tarea presente es trabajar con estrategias de sensibilización, concientización y divulgación de los tipos de violencia, de manera que puedan ser identificados rápidamente cuando se está cometiendo un comportamiento abusivo. Por parte de la institución, el compromiso debería ser crear un espacio de acogida, con escucha calificada y multiprofesional, dirigido a las víctimas y a acompañar el proceso judicial para que sea efectivo como garantía de un compromiso en contra de la violencia y vulneración de derechos.

Por ello, la universidad necesita implementar medidas para el enfrentamiento de la violencia de género en su entorno. A partir de la identificación del fenómeno en sus especificidades y, también las acciones dirigidas a las víctimas en lo que respecta a la recepción, asegurando sus derechos y atención de salud, bien como la creación de políticas institucionales para el combate, prevención y superación de la violencia (Bellini, 2018; Maito, Panúncio-Pinto, Severi e Vieira, 2019).

En este recorte no fue incluida la categoría raza/etnia en el formulario de caracterización de los participantes, lo que puede significar una limitación a la exploración y análisis de los resultados preliminares, discusión que se puede retomar en estudios futuros. Aun cuando en la etapa cualitativa de la investigación algunas estudiantes se identificaron como mujeres negras al momento de entrevistarlas. Considerando la relevancia de la articulación y visibilidad de la violencia de género en mujeres de raza negra, acompañada de las múltiples discriminaciones y vulneraciones que están expuestas no solo en Brasil, sino que a nivel mundial (Silveira, Nardi & Spindler, 2014).

Estudios futuros podrían verificar si hay relación entre la presencia de violencia sexual y el área de formación de los estudiantes. Por ejemplo, en ingeniería los profesores dicen abiertamente que se trata de un asunto para hombres y no mujeres, o por el contrario dan ventaja

a los estudiantes sólo porque son mujeres y son más exigentes con los hombres (Cortázar Rodríguez, 2019).

Finalmente, los datos aquí presentados pueden ser un aporte importante para visibilizar la violencia de género como un fenómeno ya instaurado en las instituciones de educación superior. Contar con datos científicos ayudará, por tanto, a tener sustento para la creación de políticas públicas y protocolos con perspectiva de género dentro de las universidades.

CONSIDERACIONES FINALES

En razón de la permanente búsqueda de mecanismos y políticas públicas que garanticen los derechos de las mujeres y ayuden al enfrentamiento de las violencias sufridas por ellas en la esfera civil, queda evidenciado el rol y la responsabilidad de la universidad en reiterar también los derechos de las mujeres en sus espacios y promover un ambiente más acogedor e igualitario, ya que es un lugar que igualmente reproduce desigualdades y jerarquías sociales marcadas por la diferenciación entre géneros (Maito, 2017).

Una de las principales manifestaciones de violencia en las universidades es aquella enlazada al género, por tanto, cuestionar las relaciones desde esa categoría, implica que sean debatidas ampliamente involucrando en ello a las instituciones de educación superior. Cuestión que en los últimos años se ha incrementado con la implementación de protocolos de acción frente al acoso y violencia de género en las universidades, sin embargo, existen varias aristas que destrabar para seguir avanzando, como lo es contar con personal capacitado en la materia que otorgue un recibimiento de la denuncia de manera acertada y acogedora, sin caer en la revictimización de quienes se atrevan a romper el silencio.

REFERÊNCIAS

- Abbey, A. (2002). Alcohol-related sexual assault: a common problem among college students. *Journal of Studies on Alcohol, Supplement, Nova Jersey, 14*, 118-128.
<https://doi.org/10.15288/jsas.2002.s14.118>
- Araújo, M. de F. (2008). Gênero e violência contra a mulher: O perigoso jogo de poder e dominação. *Psicologia para América Latina, 14*, 0-0.
- Bandeira, L. M. (2017). Trotes, assédios e violência sexual nos campi universitários no Brasil. *Revista Gênero, 17*(2). <https://doi.org/10.22409/rg.v17i2.942>

- Bellini, D. M. G. (2018). Violência contra mulheres nas universidades: Contribuições da produção científica para sua superação (Scielo e Web of Science 2016 e 2017). <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/9942>
- Bergeron, M., Goyer, M. F., Hébert, M. & Ricci, S. (2019). Sexual violence on university campuses: differences and similarities in the experiences of students, professors and employees. *Canadian Journal of Higher Education / Revue canadienne d'enseignement supérieur*, 49 (3), 88–103. <https://doi.org/10.7202/1066637ar>
- Bertho, M. A. C. (2020). A influência das relações de gênero na divisão de tarefas familiares e na violência entre parceiros íntimos. <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/12895>
- Castaño-Castrillón, J. J., González, E. K., Guzmán, J. A., Montoya, J. S., Murillo, J. M., Páez-Cala, M. L., Parra, L. M., Salazar, T. V., & Velásquez, Y. (2010). Acoso sexual en la comunidad estudiantil de la Universidad de Manizales (Colombia) 2008: Estudio de corte transversal. *Revista Colombiana de Obstetricia y Ginecología*, 61(1), 18-27. Retrieved September 30, 2020, from http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-74342010000100003&lng=en&tlng=es.
- Cortázar Rodríguez, F. J., & Cortazar Rodríguez, F. J. (2019). Acoso y hostigamiento de género en la Universidad de Guadalajara. Habla el estudiantado. *La ventana. Revista de estudios de género*, 6(50), 175–204.
- Côrtes, G. R. (2012). Violência doméstica: Centro de referência da mulher “Heleieth Saffioti”. *Estudos de Sociologia*, 17(32), Article 32. <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/4932>
- d’Oliveira, A. F., & d’Oliveira, A. F. (2019). Invisibilidade e banalização da violência contra as mulheres na universidade: Reconhecer para mudar. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 23. <https://doi.org/10.1590/interface.190650>
- Drezett, J. (2003). Violência sexual contra a mulher e impacto sobre a saúde sexual e reprodutiva. *Revista de Psicologia da Unesp*, 2(1), 15–15.
- Echeverría Echeverría, R., Paredes Guerrero, L., Evia, N. M., Carrillo, C. D., Kantún, M. D., Batún, J. L., Quintal López, R., Echeverría Echeverría, R., Paredes Guerrero, L., Evia, N. M., Carrillo, C. D., Kantún, M. D., Batún, J. L., & Quintal López, R. (2018). Caracterización del hostigamiento y acoso sexual, denuncia y atención recibida por estudiantes universitarios

- mexicanos. *Revista de psicología (Santiago)*, 27(2), 49–60. <https://doi.org/10.5354/0719-0581.2019.52307>
- Echeverría Echeverría, Rebelín, & Paredes Guerrero, Leticia, & Diódora Kantún Chim, María, & Batún Cutz, José Luis, & Carrillo Trujillo, Carlos David (2017). Acoso y hostigamiento sexual en estudiantes universitarios: un acercamiento cuantitativo. *Enseñanza e Investigación en Psicología*, 22(1), 15-26. [fecha de Consulta 30 de Septiembre de 2020]. ISSN: 0185-1594. Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=292/29251161002>
- Flack, W. F. (2008). The Red Zone”. Temporal risk for unwanted sex among college student. *Journal of interpersonal, violence*, 23 (9), 1177, 1196. <https://doi.org/10.1177/0886260508314308>
- Heilman, M. E. (2012). Gender stereotypes and workplace bias. *Research in Organizational Behavior*, 32, 113-135. <https://doi.org/10.1016/j.riob.2012.11.003>
- Humphrey, J.A., & White, J.W. (2000). Women’s vulnerability to sexual assault from adolescence to young adulthood. *Journal of Adolescent Health*, 27, 419-424.
- Koller, S. H.; Couto, M. C. P. P.; Hohendorff, J.V. (2014). *Métodos de pesquisa: manual de produção científica*. Porto Alegre, RS: Penso
- Maito, Vieira & Kono (2017) *Violência De Gênero Na Universidade: Como denunciar? Onde buscar ajuda*.
- Organização Mundial da Saúde. (2016). *Global plan of action: health systems address violence against women and girls*. Genebra.
- Pacheco, A. C. L. (2013). *Mulher negra: Afetividade e solidão*. EDUFBA. <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/16794>
- Quintero-Ramírez, O. A. (2019). Violencias de género e intervención institucional en la Universidad Nacional de Colombia. *Nómadas*, (51), 191-209. <https://dx.doi.org/10.30578/nomadas.n51a11>
- Rozo, L.; Torres, J.; Garzon, J. (2016) *Rompiendo El Silencio Análisis de encuesta sobre violencia sexual a estudiantes mujeres Universidad Nacional de Colombia Sede Bogotá*. *Nómadas*, 1–40.
- Sabina, C., Verdiglione, N., & Zadnik, E. (2017). Campus Responses to Dating Violence and Sexual Assault: Information from University Representatives. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 26(1), 88–102. <https://doi.org/10.1080/10926771.2016.1225143>

- Saffioti, H. (2004) *Gênero, Patriarcado e Violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Saffioti, H. I. B. (1999) Já se mete a colher em briga de marido e mulher. São Paulo em perspectiva. São Paulo, p. 82-91. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88391999000400009>.
- Severi, F. C. (2017). Enfrentamento à violência contra as mulheres e à domesticação da Lei Maria da Penha: Elementos do projeto jurídico feminista no Brasil [Text, Universidade de São Paulo]. <https://doi.org/10.11606/T.107.2017.tde-22062017-093152>
- Shaughnessy, J. J.; Zechmeister, E. B. & Zechmeister, J. S. (2012) *Metodologia da Pesquisa em Psicologia*. McGraw
- Silveira, R. da S., Nardi, H. C., & Spindler, G. (2014). Articulações entre gênero e raça/cor em situações de violência de gênero. *Psicologia & Sociedade*, 26(2), 323–334. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000200009>
- Valls, R. (2009). *Violencia de Género en las Universidades Españolas*. Memoria Final. 2006-2008. Exp. 50/05. Ministerio de Igualdad. Madrid: Secretaria General de Políticas de Igualdad. Instituto de la mujer.
- Valls, R., Oliver, E., Aroca, M. S., Eugenio, L. R., & Melgar, P. (2007). ¿Violencia de género también en las universidades? Investigaciones al respecto. *Revista de Investigación Educativa*, 25(1), 219–231.
- Valls, Rosa, & Oliver, Esther, & Sánchez Aroca, Montse, & Ruiz Eugenio, Laura, & Melgar, Patricia (2007). ¿Violencia de género también en las universidades? Investigaciones al respecto. *Revista de Investigación Educativa*, 25(1), 219-231. [fecha de Consulta 30 de Septiembre de 2020]. ISSN: 0212-4068. Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=2833/283321895013>
- Viana, A. L., Lira, M. O. de S. C. e, Vieira, M. C. A., Sarmiento, S. S., & Souza, A. P. L. de. (2018). Violência contra a mulher. *Revista de Enfermagem UFPE on Line*, 12(4), 923–929. <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v12i4a110273p923-929-2018>
- Whitaker, D. C. A. (2013). Violência de gênero: Poder e impotência. *Cadernos de Pesquisa*, 0(101), 184–186.

Zotareli, V., Faúndes, A., Osis, M. J. D., Duarte, G. A., & Sousa, M. H. de. (2012). Gender and sexual violence among students at a brazilian university. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 12(1), 37–46. <https://doi.org/10.1590/S1519-38292012000100004>

ESTUDO III - Meu consentimento desrespeitado: sequelas corporais e sexuais em estudantes universitárias vítimas de violência sexual.

RESUMO

As agressões sexuais nas instituições de ensino superior são expressões de violência de gênero enquadradas em relações hierárquicas, as quais podem ocorrer dentro e/ou fora do campus universitário e em espaços de convivência estudantil; e com diferentes atores (alunos, professores, técnicos administrativos, desconhecidos e parceiros íntimos). Tais situações podem levar a impactos no âmbito acadêmico, socioemocional, psicológico, físico e dificuldades na relação com seu corpo e sexualidade. A presente pesquisa buscou identificar possíveis consequências e impactos na corporeidade e sexualidade em estudantes que sofreram violência sexual dentro do contexto universitário. Onze estudantes de graduação e pós-graduação de uma universidade pública do interior do Estado de São Paulo participaram de uma entrevista online semi estruturada, baseada em métodos visuais. Os resultados mostram que as estudantes estavam expostas a diversos cenários de violência no contexto universitário, experiências que produziram diferentes níveis de impacto no âmbito físico, psicoemocional, acadêmico, relações interpessoais e dificuldades de conectar com sua sexualidade e seu corpo após a agressão. Estudos futuros devem visibilizar as consequências no âmbito sexual e do corpo desde a perspectiva e subjetividade das estudantes, contribuindo para a prevenção da violência nas universidades.

Palavras chaves: Violência; universidade; assédio sexual; consciência corporal; sexualidade.

ABSTRACT

Sexual assaults in higher education institutions are expressions of gender violence framed in hierarchical relationships, which can occur inside and/or outside the university campus and in student living spaces; and with different actors (students, teachers, administrative technicians, strangers and intimate partners). Such situations can lead to impacts in the academic, socio-emotional, psychological, physical and difficulties in the relationship with your body and sexuality. This research sought to identify possible consequences and impacts on corporeality and sexuality in students who suffered sexual violence within the university context. Eleven undergraduate and graduate students from a public university in the interior of the state of São Paulo participated in a semi-structured online interview, based on visual methods. The results show that the students were exposed to different scenarios of violence in the university context, experiences that produced different levels of impact in the physical, psycho-emotional, academic environment, interpersonal relationships and difficulties in connecting with their sexuality and their bodies after the aggression. Future studies should make visible the consequences in the sexual and bodily scope from the perspective and subjectivity of the students contributing to the prevention of violence in universities.

Keywords: Violence; university; sexual harassment; body consciousness; sexuality.

INTRODUÇÃO

Como resultado da desigualdade de gênero e o sexismo em nossa sociedade, o assédio sexual apresenta-se como uma das formas frequente de violência, amparada num sistema patriarcal que acredita e reproduz a superioridade dos homens em detrimento das mulheres (Saffioti, 2002). Este tipo de violência sexual na psicologia é compreendido como um conjunto de comportamentos sexuais, físicos, verbais e não verbais os quais são indesejados pela pessoa que os recebe e que os percebe como ofensivos ou ameaçadores, não sabendo como lidar com os mesmos (Ferrer-Pérez *et al*, 2014). O assédio pode se manifestar de duas maneiras: (1) com contato físico (com uso de força ou não), toques sem consentimento (apalpamentos, penetração com os dedos), carícias, felação, masturbação ou relações com penetração (genital ou anal); e (2) sem contato físico, tais como ligações telefônicas obscenas, ofensivas, voyeurismo, envio de imagens pornográficas e exibicionismo (Habigzang *et al.*, 2005).

Este tipo de violência acontece frequentemente como parte de uma cultura que normaliza relações abusivas em diversos ambientes sociais. A universidade além de atuar como um espaço de pensamento crítico e conhecimento não é isento da violência, sendo um ambiente propício para a disseminação de comportamentos, práticas e atitudes que podem se tornar abusivas, ainda mais quando estão motivadas pelas relações hierárquicas entre professores e alunos, a competição entre pesquisadores e a mercantilização da educação (Coelho, 2018).

Estudos feitos no contexto universitário brasileiro, mencionam que as pessoas identificadas como vítimas de violência, assédio ou abuso dentro das instituições de educação superior, mais do 70% são mulheres (Barroso & Lima, 2021), dessas mulheres uma grande porcentagem são mulheres negras que continuam sendo vítimas de diversas discriminações e violências. A desigualdade racial tem um histórico incluso de antes da escravidão, o racismo causa um forte impacto na vida das mulheres e da sociedade inteira onde as práticas culturais atreladas propiciam a violência de gênero (Penha, 2021). Atualmente, segue cobrando vidas, segundo o Atlas da violência (2021) um 68% das mulheres assassinadas eram negras.

Começando-se adentrar na universidade, os jovens vêm se enfrentados por exemplo a “ritual de passagem” ou chamados trotes, episódios legítimos pela comunidade universitária e aceitos na prática com atos abusivos dissimulados (Bandeira, 2017). Rituais amparados no preconceito e desigualdade, que inseridos na vida universitária atuam como rituais de iniciação, procurando justamente fazer a distinção dos grupos, veteranos e os calouros. As violências muitas

vezes são justificadas pelos estudantes, trazendo impactos negativos sobre o bem-estar físico e psíquico do indivíduo (Roso *et al.*, 2021). As festas universitárias são ambientes de fornecimento e circulação de álcool e drogas, espaço que vulnera o corpo das mulheres. Casos de estupro aconteceram nas festas universitárias numa universidade de São Paulo, em que as meninas foram embriagadas, ou abordadas por desconhecidos, passaram as mãos nas partes íntimas e outras foram estupradas. (Jusbrasil, 2015)

No mesmo sentido, a convivência estudantil e suas relações interpessoais acontecem em novos espaços como as republicas, salas de aulas, laboratórios, áreas abertas nos campi, ginásio, cafeteria, etc., Locais onde a violência persiste, destacando-se as numa pesquisa recente que as republicas alcançaram a maior porcentagem de ocorrências (55%), seguida das salas de aulas (52%) e por último as áreas abertas do campus (47%) incrementando-se se fosse de noite, pois a violência aumenta até um 67%. (Montrone *et.al*, 2020).

Por outro lado, com o início da vida universitária também é o começo das relações mais íntimas, podendo aparecer os primeiros indícios de condutas agressivas entre os parceiros íntimos. A relevância de prestar atenção a violência íntima neste estágio evolutivo, reside no fato de que um aumento gradual desse tipo de interação tem como consequência uma normalização desses comportamentos, sendo um fator predisponente para a violência doméstica posterior. O estudo feito numa universidade do sul do Chile em relação com a violência no namoro em estudantes universitários, declararam que um 57% da amostra total (7.479 estudantes) reportou ter sofrido violência psicológica, 26% sofreu violência física e um 20% sofreu violência leve descrita por eles mesmos como os empurrões e tapinhas, enquanto que um 60% recebeu chutes e socos (Vizcarra & Póo, 2011).

O estupro também pode acontecer nos relacionamentos íntimos, por meio da coerção, o consentimento pode ser forçado por ameaças, ou pelo uso de drogas ou álcool. Num relacionamento, por exemplo, o consentimento é normalmente fornecido por comportamentos não verbais potencialmente ambíguos, que nem sempre são fáceis de ler. Incluso durante o evento sexual, o plano inicial da pessoa pode mudar durante o ato, o que significa que é um processo contínuo (Hills *et al.*, 2020). Por outro lado, num contexto de sexo indesejado o consentimento também pode ocorrer por vários motivos: para construir intimidade, satisfazer o parceiro(a), flerte, evitar a tensão no relacionamento, evitar machucar os sentimentos do parceiro(a) e manter a relação, ou sentir-se obrigada a ter relação (Muehlenhard & Peterson, 2005).

A experiência do estupro num relacionamento é muito difícil de divulgar, pois a maioria acredita que é “normal”, não querem fazer público o acontecido porque isso pode lhes causar dano ou vergonha, ou simplesmente não se sentem preparadas para falar disso com outros. O tempo de divulgação a partir do episódio pode ser mínimo de seis meses, mas em aqueles relacionamentos de curto prazo são mais propensos a revelar com antecedência os fatos (Kouta et al., 2015).

Por outro lado, pensando nas consequências das vítimas da violência, estudos revelam impactos, por exemplo, no desenvolvimento da sexualidade (Navarro, 2021). A pesquisa de Turchik et al (2014) com uma amostra de 309 estudantes universitárias nos Estados Unidos, que aquelas mulheres que vivenciaram coerção sexual ou estupro eram mais propensas a relatar uma falta de desejo sexual posterior ao episódio. Assim, também tinham dificuldades de atingir o orgasmo. Outro estudo transversal com uma amostra de 9.145 entre estudantes de graduação e pós-graduação professores e funcionários expôs as dificuldades de manter relações afetivas sexuais com parceiros íntimos após a experiência traumática, questão ligada com as consequências psicológicas que traz (Bergeron *et al.*, 2019).

Alunos com histórico de violência na infância, são mais propensos de sofrer uma revitimização e agressões no contexto universitário, trazendo como consequências a ansiedade, depressão, baixo rendimento acadêmico, insônia, e/ou transtorno de estresse pós-traumático (Potter *et al.*, 2018). Sequelas nos sobreviventes podem incluir consequências psicológicas (Bergeron et al., 2019, Fielding-Miller et al., 2019; Rothman et al., 2019; Mennicke et al., 2019; Potter et al., 2018; Conley et al., 2017; DeLoveh et al., 2017; Zinzow et al, 2011; Fielding-Miller et al., 2019; Donde et al., 2018; Groff et al., 2016; Keefe et al., 2018; Mamaru et al., 2015; Jordan et al., 2014; Lindquist et al., 2013; Martin-Baena et al., 2016; Zinzow et al, 2011; Castaño-Castrillón et al., 2010); e acadêmicas/profissionais (Bergeron et al., 2019; Moore et al., 2019; Rothman et al., 2019; Oswalt et al., 2018; Mengo et al., 2016; Jordan et al., 2014; Eller 2016; Castaño-Castrillón et al., 2010); comportamentais (Bergeron et al., 2019; Rothman et al., 2019; Conley et al., 2017; DeLoveh et al., 2017; DeLoveh et al., 2017; Martin-Baena et al., 2016; Griffin et al., 2012); físicas (Mennicke et al., 2019;; DeLoveh et al., 2017; Romito et al., 2017; Zinzow et al, 2011); sexuais (Donde et al., 2018; Potter et al., 2018; DeLoveh et al., 2017; Turchik et al., 2014); sociais (Bergeron et al., 2019; Rothman et al., 2019; DeLoveh et al., 2017; Castaño-Castrillón et al., 2010) e alimentares (Groff et al., 2016; Romito et al., 2016).

As doenças sexualmente transmissíveis são consequências graves após violência sexual. Drezett (2003) menciona que entre as mais graves estão a gonorreia, clamídia, sífilis, hepatites B ou HIV. O problema da gravidez por estupro se agrava na medida em que menos de 10% das mulheres que sofrem violência sexual recebem a anticoncepção de emergência nos serviços de saúde, mesmo quando há risco de gravidez. Da mesma forma, o estudo de Potter et al (2018) destaca-se as consequências na saúde reprodutiva, relacionado também com problemas gastrointestinais. Em muitos casos após o estupro podem manifestar-se infecções sexualmente transmissíveis.

Estudos enfatizam as barreiras para a denúncia, como um fator que diminui a probabilidade da vítima de buscar ajuda (Allen et al., 2015). Uma das principais barreiras para a divulgação da violência refere-se ao medo de não ser acreditado, ser julgada e questionada quanto à vida sexual e íntima, sentindo vergonha e culpa (Bogen *et al.*, 2019). Isso poderia ser entendido como uma vitimização secundária que refere-se a atitudes que culpam a vítima pelo acontecido, comportamentos que vêm de profissionais de sistemas de saúde, legal ou até o entorno familiar e de amigas, causando um trauma adicional nas mesmas. Uma estudante que se atreve a denunciar no contexto da instituição acadêmica e não recebe o acolhimento esperado, pode ter uma exacerbação dos sintomas físicos ou emocionais associados ao trauma (Allen *et al.*, 2015).

Existe uma insatisfação dos estudantes pelas nulas respostas das instituições acadêmicas em relação com as denúncias a respeito dos abusos (Bashonga & Khuzwayo, 2017). E como resultado dessas múltiplas expressões de violência nas instituições de ensino superior, as estudantes determinaram organizar-se coletivamente com o fim de ter mais força e visibilizar as situações de abuso e negligência pelas quais muitas alunas eram vítimas, ações concretas que desafiaram as autoridades das universidades (Bustamante, 2019). De fato, há uma deficiência na geração de protocolos que preveem e sancionem o assédio e violência sexual no âmbito universitário. Um estudo (Distintas Latitudes, 2019)¹ analisou a existência desses protocolos em 100 universidades de 16 países pesquisados latino-americanos e do Caribe. O resultado foi que 60 universidades não tinham um protocolo, e no Brasil só a Universidade de São Paulo (USP)², até a

¹ <https://pasoenlau.distintaslatitudes.net/>

² <http://uspmulheres.usp.br/wp-content/uploads/sites/145/2017/05/cartilha-violencia-de-genero-na-universidade-para-ler-no-computador.pdf>

conclusão dessa pesquisa, contava com um documento público de orientação aos estudantes que foram vítimas.

Conceitos chaves: sexualidade e corporeidade.

A sexualidade está integrada em todas as expressões vitais do ser humano, pode se entender como a ferramenta que permite encontrar as chaves da vida nas pessoas (Aguirre & Jaramillo, 2020). É sobretudo um vínculo interpessoal, existe uma intencionalidade e um poder de significância; portanto é muito mais que genitalidade ou necessidade de satisfação. A sexualidade permite-nos comunicar, ser e estar com o outro; é corporeidade transformada em busca de fora em o dentro e o dentro para fora, o poder global e incorporação universal (Pintos, 2009).

Organismos internacionais enfatizam a incorporação das identidades e papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer e intimidade na definição. Tudo isso é expresso através dos pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relações. Menciona-se também que a sexualidade é influenciada por uma série de fatores, seja biológico, sociais, econômicos, políticos, culturais, éticos, religiosos, espirituais, históricos e legais (OMS, 2013).

Uma sexualidade consciente refere-se a estar presente no momento, com um e com outro, compartilhar-se, permitir sentir. A consciência corporal se percebe através dos sentidos, do tato, visão, cinestésico, acompanhada da afetividade que aparece como um processo de interação interpessoal, com trocas positivas, com demonstração de carinho, respeito, valorização de si e do outro de forma incondicional. Suas manifestações podem envolver toques carinhosos, gestos amáveis, olhares afetuosos, abraços, beijos, carícias (Damico, 2009).

A corporeidade constitui a essência do ser vivo com seu entorno, este relaciona sua existência com a cultura, questão que resulta do conhecimento adquirido por meio do movimento (Soares, 2001). Paralelamente, a conscientização é importante porque dela desprende a atenção do indivíduo sobre sua própria atividade, portanto a consciência corporal é entendida como o resultado das ações e experiências já vivenciadas e do próprio reconhecimento consciente. É esse movimento que pode sofrer alterações quando o indivíduo não sente a liberdade de interagir com seu meio, no caso das pessoas que sofrem violência muitas se afastam do círculo social, tem

deslocamento de espaços físicos e perdem essa liberdade de ação no meio, do mesmo jeito as vítimas de violência sofrem uma privação da afetividade, a desconexão do amor e aceitação de si mesmo e com as outras pessoas, a ausência de esperança e impossibilidade de planejar um futuro o que pode colocar em risco a convivência e bem estar delas. (Barbosa, 2018).

Quando mulheres sofrem qualquer tipo de violência, há um comprometimento na construção da imagem corporal, tendo repercussões negativas na percepção de seu próprio corpo e, como tal, em sua consciência corporal, entendida como a “*percepção consciente das estruturas e segmentos do próprio corpo*” (Lima *et al.*, 2015, p.85). A dissociação ou desagregação aparecem em contextos traumáticos e implica que dois ou mais processos mentais não estão associados ou integrados. Desde a psicologia clínica podem ser entendido desde três perspectivas diferentes, como expressa (Junior *et al.*, 2006): **1)** para caracterizar módulos mentais semi-independentes ou sistemas cognitivos não acessados conscientemente e/ou não integrados dentro da memória, identidade e volição conscientes do indivíduo; **2)** como representação de alterações de consciência do indivíduo, em situações em que certos aspectos do Eu e do ambiente desconectam-se; e **3)** como mecanismo de defesa associado a fenômenos variados, tais como amnésia psicológica, eliminação de sofrimento físico ou emocional, e não integração crônica da personalidade.

O corpo é o receptor final das experiências agradáveis e desagradáveis que com ele ocorrem, assim, originam emoções que são a base perceptiva e cognitiva do ser humano. As vítimas de violência dispersam o olhar com seu corpo, afastando-se dele como consequência do trauma vivido (Lima *et al.*, 2015). De acordo com o filósofo Merleau Ponty em Cardoso et al (2020) “*o corpo é o concreto da existência, a consciência encarnada, veículo do ser no mundo, conjunto de significações vividas, espaço e tempo, que manifesta sua essência mediante o corpo que vê e é visto, toca e é tocado, sente e é sentido, porque é sensível*” (p.77).

A imagem corporal captura essa representação do corpo desde a experiência psicológica, englobando atitudes e sentimentos relacionados com o próprio corpo da pessoa, sem deixar fora as experiências subjetivas com o corpo (Avoglia et al, 2015).

Considerando os possíveis efeitos da experiência de violência sexual em estudantes universitárias, a presente pesquisa teve como objetivo geral identificar possíveis consequências e impactos na corporeidade e sexualidade em estudantes que sofreram violência de gênero dentro

do contexto universitário, no específico abuso e violência sexual. Para isso foram considerados como objetivos específicos: **1)** Descrever as situações de violência de gênero (atual ou passado) das estudantes, dentro do âmbito universitário; **2)** Mencionar impactos da violência sexual na corporeidade e na percepção da sua imagem corporal. **3)** Identificar possíveis consequências no desenvolvimento sexual das estudantes universitárias.

MÉTODO

Participantes

Foram entrevistadas 11 estudantes do gênero feminino, a maioria de universidades federais do estado de São Paulo e uma estudante pertence a uma universidade do estado do Paraná. A idade variou entre os 21 e 36 anos ($M=22$; $DP=4,65$), sendo que 72,7% ($N=8$) de graduação e o 27,3% ($N=3$) da pós-graduação.

Instrumentos

1) *Questionário de caracterização das participantes*, elaborado pela pesquisadora. Composto por nove perguntas gerais, das quais cinco eram fechadas (nome, e-mail, idade, universidade que estuda e qual semestre), quatro perguntas com opção única (gênero, ocupação, qual é o seu relacionamento afetivo atual? Você tem filhos?) e seis perguntas a respeito da experiência de violência de gênero dentro do âmbito universitário (*se você já sofreu algum tipo de violência dentro da universidade ou por parte da comunidade universitária? em caso afirmativo especificar em qual.*).

2) Escala De Avaliação De Sintomas-90-R (Sympton checklist SCL 90 R Leonard R. Derogatis, PhD. (1994), traduzida e adaptada por Diana Tosello Laloní (1998). Inventário multidimensional de auto avaliação de sintomas, projetado para avaliar um amplo espectro de problemas psicológicos e sintomas psicopatológicos, ele contém 90 perguntas em Escala de Likert de 0 a 4, sendo 0 “Nenhuma”, 1 “Um pouco”, 2 “Moderadamente”, 3 “Bastante”, 4 “Muito” para questões como; Se você teve pensamentos ruins repetidos que não saem de sua mente (cabeça)? Sentir que os outros são culpados por muitos dos seus problemas? Sentir medo em espaços abertos ou nas ruas, chorar facilmente?

3) *Questionário de eventos estressores* (Van Houndenhove et al, 2001 traduzido por Rabelo, 2006) que busca rastrear os eventos vitimizadores estressores que se deram no decorrer da vida do indivíduo. O instrumento descreve dezoito situações que relatam eventos vitimizadores estressores. As situações dos 18 itens remetem às cinco categorias de vitimização propostas por Van Houndenhove et al. (2001): 1) **Negligência emocional**: itens que avaliam a ocorrência de sentimentos de abandono ou solidão, ausência de redes sociais de cuidado, falta de apoio por familiares ou pares (ex., Ninguém cuidou de mim em alguma situação em que eu precisava); 2) **Abuso emocional**: itens avaliando situação de perseguição, humilhação, intimidação ou vitimização por castigos verbais (ex., já fui ameaçada por alguém); 3) **Abuso físico**: descreve situação de maus tratos físicos, como ser espancado e/ ou torturado (ex. alguém já me bateu de tal forma que fiquei com hematomas ou vermelhidão no local); 4) **Assédio sexual**: apresenta situação descrevendo investidas sexuais desagradáveis, sem contato físico (ex. Alguém já me constrangeu com gestos obscenos ou palavras obscenas a fim de tentar uma relação sexual indesejada por mim); 5) **Abuso sexual**: itens que descrevem a ocorrência de atos sexuais indesejados, envolvendo contato físico, com ou sem intercuro sexual (ex. Já fui obrigada a ter relação sexual pelo uso de força física ou ameaça).

Para cada uma destas situações o respondente deve informar: 1) a ocorrência; 2) sua idade quando aconteceu; 3) o perpetrador da mesma; e 4) o impacto negativo do mesmo em sua vida. Se utiliza como corte a idade de 16 anos (Reis e Rabelo, 2010; Silva, 2015), aos moldes da caracterização proposta por Smith et al (2010).

Informações sobre o vitimizador (agressor) consideravam o grau de proximidade com o vitimado, a saber: (1) membro da família nuclear (ex., pai, mãe e irmãos); (2) outros membros da família e parceiro (ex., tio, sobrinho, namorado, marido); e (3) pessoas sem relação familiar (ex., desconhecidos, amigos de parentes). O grau do impacto negativo do evento era avaliado utilizando uma Escala Likert que variava de zero (nenhum impacto) a dez (um extremo efeito negativo) pontos.

4) *Escala de Percepção de Suporte Social (versão adulta) EPSUS*- A instrumento formulado por Cardoso e Baptista (2016) avalia questões como interações sociais, afetividade, processo de tomada de decisões, enfrentamento de problemas e relações sociais. O teste possui três perguntas: a primeira delas possui 36 itens e uma escala Likert de 4 pontos - nunca, poucas

vezes, muitas vezes, sempre- relacionados ao suporte de ordem emocional que o indivíduo percebe e pode contar como vindo de outras pessoas.; a segunda questão explora quantas pessoas o avaliado pensou para responder à questão anterior- nenhuma; 1 a 4 pessoas; 5 a 7; 8 a 10; mais que 10. Por fim, a terceira questão pede para que o avaliado assinale os grupos dos quais as pessoas as quais ele pensou fazem parte, por exemplo família, parentes, vizinhos, amigos da escola/ universidade, amigos em geral, outros (com espaço para descrição), entre outros. Atribui-se uma pontuação específica para cada um dos pontos da primeira questão, variando de zero até três pontos. Desse modo, a escala pode variar de 0 pontos a 108 pontos, no total, sendo considerado baixo valore entre 0-63, médio baixo 64-73, médio-alto 74-85 e alto de 86-108. Os 36 itens são distribuídos em quatro subescalas: (1) afetiva (baixo de 0-31; médio baixo 32-37; médio alto 38-43; alto 44-51); (2) interações sociais (baixo de 0-6; médio baixo 7-8; médio alto 9-10; alto 11-15); (3) instrumental (baixo de 0-10; médio baixo 11-13; médio alto 14-17; alto 18-21); e (4) enfrentamento de problemas (baixo de 0-10; médio baixo 11-12; médio alto 13-15; alto 16-21).

5) *Roteiro de entrevista semiestruturado*: O roteiro foi elaborado pela pesquisadora e continha perguntas abertas que garantem as dimensões no contexto da violência, revelação do abuso, redes de apoio, impactos da violência percebidos pelas entrevistadas em diversos âmbitos da sua vida, focando na relação com seu corpo e sexualidade. Algumas perguntas foram: Quem foi a primeira pessoa que você contou o que tinha acontecido? Quanto tempo depois você foi capaz de verbalizar o que aconteceu? Passou por períodos de depressão e / ou ansiedade? Você conseguiu lidar com isso? Você experimentou perda de interesse ou de prazer sexual após a experiência de abuso? É capaz de dizer quando algo incomoda ou se sente desconfortável?

Aspectos éticos

O projeto de pesquisa foi encaminhado e aprovado no Comitê de Pesquisa com Seres Humanos da UFSCar (CAAE:15113119.6.0000.5504).

Procedimentos

O recrutamento das participantes aconteceu prévia divulgação online de um cartaz (Anexo III) com os seguintes critérios de inclusão, a) estudantes universitárias (mulheres cis ou trans); b) com idade igual ou superior a 18 anos; c) que tinham experimentado ao menos um episódio de abuso, agressão e ou violência sexual (atual ou passado) dentro da universidade ou por parte da comunidade universitária, e d) não ter sintomas psiquiátricos ou transtornos de personalidade.

O convite foi feito em páginas abertas de redes sociais (*Facebook*). Além disso a pesquisa foi divulgada no e-mail institucional da universidade e compartilhado entre os grupos de WhatsApp, principalmente do laboratório do qual a pesquisadora fazia parte. Cabe mencionar, que antes da divulgação dos formulários foi feita uma simulação piloto com os membros do grupo de pesquisa, contribuindo com sugestões e comentários positivos para sua aplicação final.

No início do primeiro formulário estava inserido o Termo do Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que uma vez lido poderia clicar na opção “Li e aceito participar da pesquisa”. Em seguida, tinham o formulário de caracterização sociodemográfica dos participantes e outras com o intuito de abordar as situações de violência dentro do âmbito universitário. Caso a participante indicasse que ela havia sofrido algum episódio de violência, ela era direcionada à *Escala De Avaliação De Sintomas-90-R*. Vinte e nove pessoas atenderam aos critérios e responderam a *Escala De Avaliação De Sintomas-90-R*. Aquelas que tiveram um índice $T \geq 63$, que indicava indícios de problemas psiquiátricos, foram contatadas pela pesquisadora e foi realizado uma devolutiva e encaminhamento para profissionais de saúde mental. Nessa etapa foram excluídas sete participantes. As demais participantes foram elegíveis para a próxima etapa da pesquisa, a realização das entrevistas.

Para as participantes elegíveis para a próxima etapa, foi enviado um e-mail com dois links para preenchimento do *Questionário de eventos estressores* e a *EPSUS-A*. As participantes que não respondiam aos instrumentos foram desligadas da pesquisa. Das 22 estudantes elegíveis para a etapa das entrevistas, nove desistiram de continuar sua participação devido a: 1) não responder aos instrumentos e/ou 2) manifestaram diretamente não querer continuar pela dificuldade de falar da situação de violência e não contar com um espaço privado para se conectar na entrevista.

Onze participantes concordaram em fazer a entrevista online. No contato para agendar a entrevista, a pesquisadora solicitava que a participante garantisse condições básicas para sua realização online. Por exemplo, um espaço que se assegura o mínimo de interferências externas e/ou excessivo ruído ambiental, além de gerar privacidade e confiança para o relato das experiências, pelo menos por um tempo estimado de uma hora. Enquanto aos recursos necessários era indispensável um computador com conexão à internet, câmara web e microfone, lápis e papel. Na data agendada de acordo com a disponibilidade das mesmas, foi enviado o link do Google Meet via e-mail. As entrevistas ocorreram virtualmente. Além da pesquisadora, uma psicóloga com experiência no atendimento de mulheres vítimas de violência e que conhecia os objetivos da pesquisa participou da entrevista. O tempo de realização das entrevistas foi de cerca de uma hora e meia.

A entrevista foi conduzida a partir da técnica de Linha do Tempo. Por meio da percepção e experiência, busca descrever e explorar o que ocorreu a partir do ponto de vista da participante (Berends, 2011), favorecendo uma maior compreensão da história de vida e ênfase nos respectivos contextos (Callewaert, 2007). Adriansen (2012) e Kolar et al., (2015) destacam que a linha do tempo por ser uma representação visual dos principais eventos na vida das pessoas, permite que o entrevistado observe sua própria história e, ao mesmo tempo, veja o que está sendo observado pelo entrevistador. Ademais, ela favorece que o participante pense ativamente a respeito de si mesmo e, conseqüentemente, contribui para que ele tenha uma compreensão maior de suas próprias vidas. Finalmente, "a construção da linha do tempo é um esforço colaborativo compartilhado pelo entrevistador e pelo entrevistado". (Adriansen, 2012, p. 43).

Para executar de maneira positiva uma linha do tempo nas entrevistas foi o princípio organizador dos eventos e não ao pressuposto de linearidade e coerência. A seguir, foi preciso ter clareza da periodicidade da linha do tempo, ou seja, começar com a uma data X e terminar na data Y, seguindo com perguntas sobre eventos importantes. Como expresso por Kolar *et al* (2015) é benéfico se pensarmos que garante aos participantes conforto para falar e, assim, ter controle de uma certa maneira da entrevista; aspectos positivos e negativos devem ser privilegiados, deixando isso como parte da ética da ferramenta metodológica. Uma das estratégias que ele aponta era pedir aos participantes que pensassem em suas aspirações futuras para um fechamento positivo da entrevista (Kolar *et al.*, 2015).

A cartografia corporal foi utilizada como método de pesquisa biográfica, incorporando o corpo como elemento para evocar a memória. Essa fase é caracterizada por seu nível de densidade simbólica, pois a partir daí é construída uma representação dos sujeitos, oferecendo uma interpretação intertextual da construção de uma biografia corporal (Silva *et al*, 2013). A corporeidade como um espaço textualizado possibilita novas janelas de metodologia. Com os mapas corporais, então, conjugam-se preocupações sobre o significado de sua corporalidade, expressos como linguagem, incorporados na biografia de cada sujeito.

Análise de dados

Os dados obtidos com os instrumentos foram computados de acordo com as recomendações de cada instrumento e, posteriormente, foram realizadas análises de estatística descritiva. Já os dados qualitativos obtidos a partir das entrevistas, linha do tempo e cartografia corporal, foram organizadas segundo as indicações de Minayo (2011). Primeiro foi feita a transcrição das 11 entrevistas e das anotações da pesquisadora. Seguida de uma leitura íntegra das entrevistas e posterior codificação de acordo com as dimensões do roteiro de entrevistas (Anexo IV). Posteriormente, foi utilizado o software *Atlas.ti Cloud*, gerando categorias que concordaram com as dimensões estabelecidas e com a literatura revisada, além disso surgiram algumas categorias não consideradas previamente, mas que resultam complementares para a discussão.

De acordo com Bar-On (2006, p. 33) as análises da linha do tempo podem dar-se a partir de uma análise cronológica (história de vida). A extração de datas acompanhada de uma análise sequencial dos dados biográficos, como histórico de abusos, tipos de manifestações de violência, lugar de ocorrência, quem ou quem foram os agressores, redes de apoio e tempo de verbalização de violência. O mapa corporal foi analisado por meio de uma análise comparativa dos principais eixos: Consequências e impactos na sexualidade, relação com sua imagem corporal, desconforto do gênero feminino, consequências psicoemocionais, impacto no âmbito social e relações interpessoais, percepção da maternidade e reflexões finais.

RESULTADOS

A Tabela 1 apresenta os dados de caracterização das participantes. Seguindo as diretrizes éticas na pesquisa decidiu-se designar uma nomenclatura diferente para cada uma das participantes, assegurando dessa maneira o sigilo da informação. Foram escolhidos nome de flores para se referir as mesmas.

A maioria das participantes (N=8) estava cursando algum semestre na graduação e três estavam em cursos de pós-graduação. A idade variou entre os 21 e 36 anos de idade (M=23,9; DP=4,5). Apenas uma estudante manifestou ter um filho (Azaleia, 36 anos). No âmbito das relações afetivas cinco revelaram não estar em nenhum tipo de relacionamento no momento da entrevista, três estavam namorando e morando com o parceiro(a) e três estavam namorando, mas morando sozinhas.

A violência experimentada pelas estudantes entrevistadas foi categorizada em três grandes itens: **1)** Dentro do campus universitário, sendo as áreas mais nomeadas: salas de aulas, salas de professores, salas de reuniões, laboratórios de pesquisa, restaurante universitário, moradia; **2)** fora do campus universitário (Festas universitárias, repúblicas, bares etc.); e **3)** trajeto ida e volta na universidade: transporte público e privado. Todas relataram a ocorrência da violência em mais de um local, sendo que nove descreveram repúblicas e festas universitárias; sete relatou episódios de violência dentro do campus e quatro no trajeto para a universidade. Quanto a quantidade de ocorrência dos episódios de violência, seis relataram mais do que cinco episódios, duas entre três e quatro, duas entre um e dois, e uma participante não se lembrava.

Tabela 1.

Caracterização das participantes (N=11) segundo a ocupação, idade e tipo de relacionamento afetivo.

Identificação	Nível de escolaridade	Idade	Relacionamento afetivo no momento da entrevista.	Tem filhos	Número de ocorrências	Local/is em que a violência ocorreu
Jasmim	Pós graduação	22	Namorando e morando junto com meu(minha) parceiro(a)	Não	Maior que 5	Áreas abertas do campus universitário, Sala de aula, Restaurante universitário, Trajeto caminho ou voltando da universidade, transporte.
Girassol	Graduação	24	Namorando e morando junto com meu(minha) parceiro(a)	Não	Maior que 5	Sala de reuniões, Sala de estudos, Repúblicas, Festas universitárias
Lavanda	Graduação	21	Namorando, mas morando sozinha (o)	Não	Maior que 5	Áreas abertas do campus, Ginásio de esportes, Quadras poliesportivas, Repúblicas, Festas universitárias, Bares, trajeto caminho ou voltando da universidade, transporte
Lírio	Graduação	21	Solteira	Não	Entre 1 e 2	Repúblicas
Urze	Graduação	21	Solteira	Não	Entre 1 e 2	Repúblicas, Festas universitárias
Violeta	Graduação	22	Solteira	Não	Maior que 5	Áreas abertas do campus, Sala de aula, Sala de reuniões, Sala de professor, Repúblicas, Festas universitárias, Bares, trajeto caminho ou voltando da universidade, Moradia universitária e na casa de um professor.

Mimosa	Pós graduação	23	Solteira	Não	Entre 3 e 4	Áreas abertas do campus, Sala de aula, Repúblicas, Festas universitárias
Margarida	Graduação	21	Namorando, mas morando sozinha (o)	Não	Entre 3 e 4	Festas universitárias, trajeto caminho ou voltando da universidade, transporte.
Azaleia	Pós graduação	36	Namorando, mas morando sozinha (o)	Sim	Maior que 5	Sala de aula, Laboratório de pesquisa.
Orquídea	Graduação	25	Namorando e morando junto com meu(minha) parceiro(a)	Não	Não lembra	Repúblicas
Rosa	Graduação	27	solteira	Não	Maior que 5	Sala de aula, Laboratório de pesquisa, Sala de reuniões, Repúblicas, Festas universitárias

A Tabela 2 apresenta os resultados das participantes na escala EPSUS-A. Os dados indicam em cada subescala o seguinte: afetivo (M= 33,4), Interações sociais (M=6,7), instrumental (M= 14,5), enfrentamento de problemas (M= 12,4). Três dimensões (afetivo, interações sociais e enfrentamento de problemas) estão na escala de “médio baixo” na percepção de suporte social e somente a dimensão instrumental é valorada com um suporte “médio alto”.

Tabela 2.
Escores da Escala EPSUS-A das participantes.

<i>Participantes</i>	Afetivo	Interações Sociais	Instrumental	Enfrentamento de problemas	Escore total
Jasmim	51	12	21	19	103
Girassol	46	12	21	20	99
Lavanda	28	6	14	13	61
Lírio	24	3	19	13	59
Urze	32	7	12	8	59
Violeta	50	15	19	18	102
Mimosa	16	0	7	6	29
Margarida	38	4	16	11	69
Azaleia	34	6	13	14	67
Orquídea	24	3	11	6	44
Rosa	24	6	7	9	46

Olhando as participantes individualmente, os resultados demonstram que só três delas (Jasmim, Girassol e Violeta) percebem um “alto” suporte social em todas as dimensões do instrumento, considerando que a pontuação total para esse fator é entre 87 a 108. Em tanto, seis participantes (Rosa, Orquídea, Mimosa, Urze, Lírio, Lavanda) arrojaram “baixa” percepção de suporte social. Finalmente, as participantes Margarida e Azaleia percebem “médio baixa” seu suporte social.

A Tabela 3 apresenta dos dados obtidos a partir da escala de eventos estressores.

Tabela 3. Instrumento de Eventos Estressores, com as categorias e pontuação total para cada participante.

	Abuso emocional Máx.=60	Negligência emocional Máx.=30	Abuso físico Máx.=40	Assédio sexual Máx.=20	Abuso sexual Máx.=30	Total Máx.=180
Jasmim	32	24	7	7	6	76
Girassol	37	0	0	0	8	45
Lavanda	18	19	0	0	9	46
Lírio	26	4	0	10	0	40
Urze	11	10	23	12	7	63
Violeta	33	25	15	10	28	111
Mimosa	9	26	17	18	17	87
Margarida	38	23	40	13	8	122
Azaleia	43	7	6	8	6	70
Orquídea	27	15	10	0	30	82
Rosa	32	22	26	17	20	117
M	27,8	15,9	13,1	8,6	12,6	78,1
DP	11,0	9,3	12,7	6,5	9,7	29,1

Os dados da Tabela 3 permite identificar que todas as participantes indicaram ter sido vítimas de abuso emocional e abuso sexual ao longo do ciclo vital. Quase todas, com exceção de Girassol, relatou ter sofrido negligência emocional. A maioria das participantes relatou ter sido vítima de abuso físico (exceto Girassol, Lavanda e Lírio) e assédio sexual (exceto Girassol, Lavanda e Orquídea). Os resultados obtidos a partir da **Escala de Eventos Estressores** arrojou que as participantes vivenciaram diferentes experiências de violência, tanto no contexto universitário como em outros âmbitos da sua vida. As categorias mencionadas no instrumento foram: negligencia emocional, abuso físico, assédio sexual e abuso sexual.

A respeito de quem identificaram como os agressores da violência experimentada. As participantes sinalizaram uma lista de agressores que foi possível agrupar segundo sua proximidade em (1) membro da família nuclear (ex., pai, mãe e irmãos); (2) outros membros da

família e parceiro (ex., tio, sobrinho, namorado, marido); e (3) pessoas sem relação familiar (ex., desconhecidos, amigos de parentes).

Na categoria de *“abuso emocional”*, em que as participantes sofreram rejeito, ameaças, chantagem, desvalorização, discriminação e desrespeito, a violência provém de várias pessoas: entre elas familiares nucleares como pais e irmãos, no âmbito acadêmico os professores e colegas de turma, no âmbito das relações afetivo sexuais os namorados e ex-namorados ou pessoas com quem iniciavam algum tipo de relacionamento, por último os amigos/as e desconhecidos. Para a categoria de *“negligência emocional”*, daqueles que sentiram mais necessidade de carinho, atenção e cuidado, identificaram aos integrantes do seu círculo mais próximo familiar e ex-namorados/as. Na categoria de *“abuso físico”*, já seja que ficaram com a pele vermelhidão/hematomas, sofreram socos, espancamentos, chutes e além disso utilizaram algum tipo de objeto para agredir, as pessoas que mais se repetiram como os agressores foram os integrantes da família nuclear, pai e mãe principalmente, e uma participante (Rosa) menciona um colega da classe na escola no controle de comportamento.

Para a categoria de *“assédio sexual”*, onde as participantes mencionaram situações de abuso na relação de confiança, convencimento por pressão/insistência e uso de força física a agressão provê principalmente de pessoas no contexto de relacionamentos afetivo sexuais com ex-namorados e outros que estavam na etapa de conhecerem-se como em citas do App Tinder ou em festas universitárias, repúblicas, familiares direitos como primos, também pessoas que pertencem no âmbito acadêmico como colegas ou companheiros de laboratório. Na última categoria de *“abuso sexual”*, onde as estudantes sinalam ter sido alvo de palavras /gestos obscenos e insistência, são mencionados familiares próximos como primos e pessoas com quem estavam em uma relação afetivo sexuais, ex-namorados ou que estavam conhecendo recentemente (App Tinder), também sujeitos da mesma faculdade que estudavam ou da mesma universidade, companheiros e diretores de escola. Do mesmo jeito, estranhos na rua.

No mesmo instrumento dos Eventos Estressores, e para a pergunta de quanto isso afetou? as participantes apontaram as categorias de *“abuso emocional”* e *“negligencia emocional”* como as violências que mais provocaram afetação nas suas vidas. No contrário está a categoria de *“assédio sexual”*, embora seja a categoria que as estudantes manifestaram com a menor pontuação, de igual forma tem um impacto no desenvolvimento pessoal. Em tanto, os resultados

dizem que as estudantes que mais perceberam que a violência experimentada as afetou, foram Violeta, Margarida e Rosa, do contrário, que não outorgou pontuação de afetação e arrojou menor valor foi a participante Lírio.

Para os resultados das **Linhas do Tempo**, elaboradas pelas próprias participantes no transcurso das entrevistas (ver Anexo) evidenciaram diversas situações de violência de gênero acontecidas não somente no contexto universitário, mas também falaram de episódios na infância, familiar e com parceiros íntimos.

O excerto apresentado abaixo ilustra as situações de abuso sexual sofridos na infância/adolescência pela participante Mimosa.

“então eles tocaram em mim sem mim permissão quando era criança, já tive amigos dos meus pais que fizeram carinho em mim, que agora eu sei que não eram carinhos, sendo uma criança que não era nada sua, e já estava de certa forma acostuada que isso iria acontecer sempre comigo sabe, eu tinha isso da minha cabeça, que por ser mulher isso iria sempre terminar acontecendo”.

Mimosa

“e foi a pior experiência da minha vida, foi a experiência mais assustadora. Assim eu já sofri abuso por parte de meus primos quando era criança”. **Mimosa**

As manifestações de violência foram variadas e dependiam do contexto e do agressor. Os episódios relatados pelas estudantes eram situados tanto dentro dos campi universitários (moradias estudantis, laboratórios de pesquisa e salas de aulas), como fora dos campi universitários (repúblicas, calouradas e festas). Também aconteceram situações constrangedoras, por exemplo, o assédio de estranhos no trajeto ida e volta à universidade, perseguições em carro por parte de outros alunos da universidade de distinto curso. Os agressores no contexto universitário mencionados com maior frequência foram: professores, a maioria homens; colegas do laboratório; mestrandos, chefes do estágio obrigatório e também colegas do curso até inclusive mulheres que não acreditavam a versão das estudantes e revitimizavam o abuso e professoras mulheres que tentavam minimizar a situação. Nos casos de assédio na rua ou áreas abertas da universidade identificavam o agressor como pessoas desconhecidas, alguns deles não eram estudantes mesmo da universidade, mas rondavam pela cercania dos campi, outros eram estudantes de cursos diferentes.

Nas festas universitárias surgiram situações que ultrapassavam o consentimento das estudantes, assim atos de conotação sexual tais como carícias, toques e beijos, pressões para manter relações sexuais e comentários sexistas foram frequentes nesse espaço de encontro social. Situações de estupro também foram mencionadas nas festas pelas participantes (Lírio, Lavanda, Mimosa, Urze, Margarida) sendo elas vítimas ou ouvintes de alguma das situações descritas.

“No ano passado teve inclusive o caso de estupro foi depois da festa do leilão, isso foi muito comentado. O “leilão” também tem esse histórico da época da escravidão por conta dos leilões dos escravos das pessoas abençoadas e você é comprada por uma república e aí os valores que todo o mundo paga que a gente paga para comprar a essas pessoas é invertido nessas festas para o início do segundo semestre”. **Lírio**

“Tem uma vez que um cara me pegou forte e me asseguro na parede assim e me força na beijar sabe, então foi bem assim ruim, eu já vi também isso com amigas minhas eu já presenciei nas festas” **Lavanda**

“bom...ele se sentiu com o direito de me tocar, eu estava alterada havia bebido, mas isso não dava nenhum direito a ele de fazer nada, e ele...me tocou sem mim permissão, me levou para um lugar bem afastado da festa, eu não percebi...quando eu percebi já estava em um lugar, eu não percebi que ele me estava me afastando dos meus amigos e ele me tocou por baixo das minhas roupas e depois disso ele faz sexo comigo sem mim permissão. Eu pedi para ele parar, pedi para ele sair de cima de mim, pedi para ele não fazer aquilo e ele continuo fazendo e foi péssimo, foi uma experiência horrível, eu lembro que me senti suja, que me senti usada, foi uma experiência horrível e eu só queria sair dessa situação, eu não conseguia falar, não conseguia gritar, não conseguia andar, fiquei paralisada sabe”. **Mimosa**

O assédio sexual por parte dos professores apareceu como insinuações de conotação sexual, piadas e comentários sexistas, além de falas que possuíam relação direta com o corpo da

participante ou sua forma de vestir. Algumas atitudes que reforçam a relação de hierarquia entre professores e alunos referiram-se a pedir favores sexuais em troca do sucesso acadêmico e consequências em seu histórico acadêmico quando recusavam as investidas

“um professor que fui a falar sobre a disciplina dele e ele...não lembro exatamente o que ele falou mais que eu poderia ir mais vezes, que a gente poderia falar outras coisas insinuando que poderia ser sexo”. **Azaleia**

“e ele fez insinuações, sabe! foi bem chato, foi bem desagradável eu fiquei sem graça, não sabia o que falar, só fui embora, mas ele foi bem assim... pergunto para mim o que eu poderia fazer por ele sabe, foi bem tenso porque ele é um professor sabe...isso foi o 2017, foi a primeira vez que eu vivi uma situação dessa na universidade”. **Mimosa**

Foram relatadas situações em que os professores tocavam em partes do corpo sem o consentimento das alunas.

“um professor que pediu para sair como modelo para explicar um exercício e aí foi um menino e ele falou! ah não tem que vir uma mulher! e ele falou: vem você, e aí eu fui não lembro se foi para calcular não sei na verdade. Mas ele falou as mulheres tem cintura e apertou minha cintura frente na sala inteira e foi muito constrangedor assim, e não tinha nada ver apertar minha cintura para fazer o exercício sabe, o formato do corpo masculino ou feminino não afetava em nada para fazer o exercício, mas ele podia usar um menino como modelo, mas ele queria usar uma mulher modelo”. **Azaleia**

Outros também humilhavam as alunas com injúrias que minimizam sua capacidade intelectual, pelo fato de estar num curso que historicamente foi ocupado por homens. Ademais, havia comentários racistas que desvalorizavam a origem geográfica e socioeconômica das estudantes. Menciona-se uma normalização destas atitudes por parte dos professores e colegas.

“Meu primeiro dia de aula, falavam de forma pejorativa para as pessoas que estavam fora de São Paulo, numa região que eles consideravam muito pobre, seus

comentários eram bem racistas e pela cor da minha pele e também a forma de falar”. **Rosa**

Focando no lugar que me impactou o máximo por isso que foi a UFSCar: Piadas de (origem geográfico) feitas incessantemente por alunos e alguns professores durante a graduação (os piores anos foram os 2 primeiros) e durante o primeiro semestre de estágio (pedi para me mudarem de setor por isso), o mesmo rapaz da sacudida me cercou durante 2 anos dizendo que gostava de mim, mas nunca teve coragem de me assumir. **Rosa**

“...professores colegas é horrível, sabe. Os colegas do curso tinham até grupo de WhatsApp para comentar sobre as meninas, compartilhavam piadas muito escroto, de mulher pelada, chamando as meninas de puta, eu descobri porque um amigo. (o grupo era só de homens rejeitavam também aqueles que eram visivelmente gays), ele me comentou e ele era gay, aah e tinha uma menina que sabia ela achava engraçado isso”. **Rosa**

Nos relacionamentos entre parceiros as participantes relataram ter sofrido violência sexual e manipulação emocional, além da violência psicológica que fazia parte do cotidiano no relacionamento. Assédio sexual por parte de desconhecidos no trajeto na universidade também foi mencionado pela estudante Margarida, cito a continuação:

“eu estava mais perto da universidade e estava de pé com uma amiga e aí passou um cara com um carro e aí chamou a gente, só que aí minha amiga respondeu ela falou assim xingando a ele” **Margarida**

“Em relação nas festas e o transporte público ainda não sei dizer, mas eu ainda me sinto muito insegura, muito, muito eu fico sem graça de sair com determinada roupa nas ruas, fico falando “nossa vão chamar a atenção, vão me seguir, vão acontecer alguma coisa ruim” eu me sinto culpável por usar alguma roupa...”

Lavanda

Redes de apoio

Esta categoria descreve, primeiro, a importância de contar com uma rede de apoio e suporte no contexto de violência, e, segundo, identifica quais foram essas pessoas que estiveram perto no momento de tentar verbalizar os abusos. A maioria nomeou as amigades em geral como a primeira rede de apoio, seguida dos seus pais ou familiar de confiança, seu parceiro (a), também alguma professora ou professor que consideraram poderia escutá-las. Outras optaram por falar com a psicóloga nas sessões de terapia.

“eu acho que foi por conta das conversas com as amigas, porque elas assim, quando a gente está em um relacionamento abusivo a gente não consegue enxergar muito...”. **Lavanda**

“eu falei para três amigas que elas eram do meu grupo de graduação e para um amigo também e eles ficavam mais perto quando eu tinha que ir embora mais tarde ou uma delas ficava na universidade me esperando até ir-me a buscar”

Rosa

Tempo de verbalização da violência.

As estudantes relataram as dificuldades de verbalizar os episódios de violência acontecidos, o tempo em alguns casos foi até um ano depois do ocorrido.

“Um ano depois conversei com um amigo e como era um processo de mediação com aquela situação, procurei a psicóloga universitária, mas realmente não foi uma boa experiência porque esperava como ter apoio ou o que poderia fazer”.

Violeta

“Eu fui para fazer um Boletim de ocorrência e o policial que me atendeu falou assim, “não tem como a gente registrar o B.O. porque você queria né”, ele falou assim desse jeito, e aí eu não registre B.O.”. **Mimosa**

“se eu acho que me afetou mais, de certa forma foi bom porque foi a primeira pessoa que contou pra ele tudo o que tinha acontecido, mas ao mesmo tempo me fez mal porque não senti o apoio que queria ou alguém assim poderia

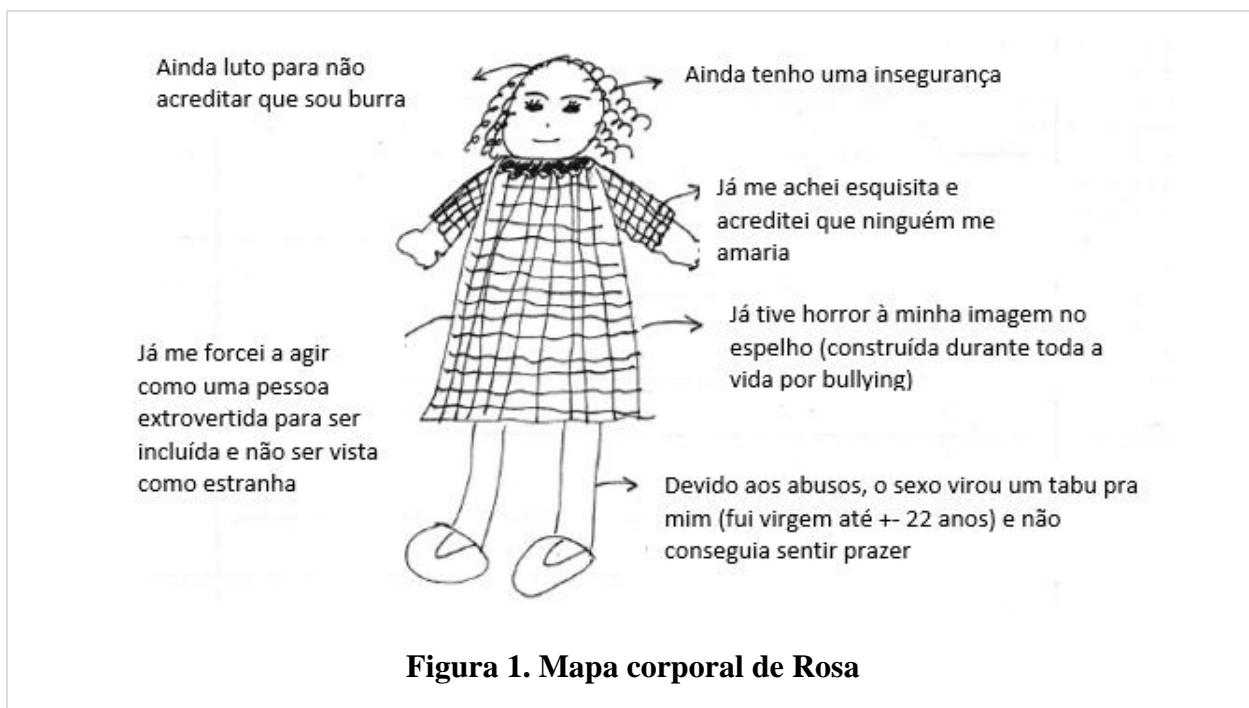
acompanhar o que eu estava começando a superar depois de um ano, pois foi depois de um ano que contei e procurei ajuda e conversei com os amigos, aí foi uma frustração pois as pessoas não davam importância ao que tinha acontecido”

Violeta

MAPAS CORPORAIS

As Figuras 1 a 11 são as representações gráficas elaboradas pelas participantes durante a entrevista síncrona feita com a pesquisadora. Os comentários foram transcritos a modo de garantir o sigilo das participantes. As instruções dadas nessa etapa foram as seguintes:

- A partir do relato da violência experimentada, e através da identificação pessoal do (s) impacto (s) percebido em nelas. A ideia era que identificaram esse impacto na relação com seu corpo e sua sexualidade. Logo, com essa informação o objetivo era levar no papel sua experiência e desenhar um mapa corporal (do jeito que elas quisessem) que marcara em nele as emoções, sensações e/ou consequências da violência de gênero.



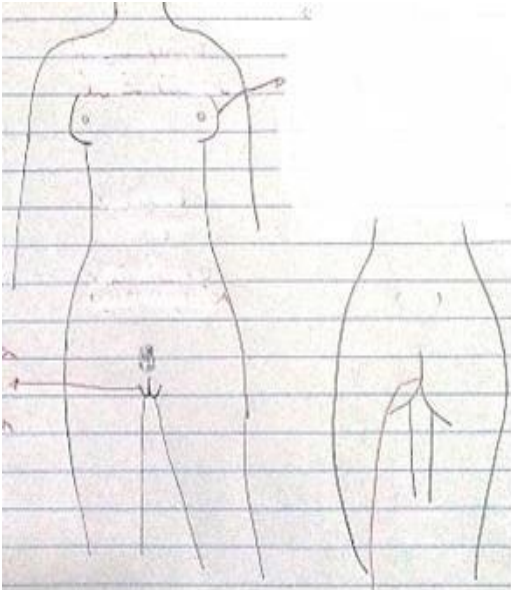


Figura 2. Mapa corporal de Orquídea

- Antes quem quisesse tinha meu corpo, ele sempre estava disponível para outros que não fosse eu.
- Quando fazia sexo era como se saísse do meu corpo, algumas vezes eu me tornava outra pessoa só para satisfazer a outros.
- Meu corpo era só uma casca
- Muito pequenos (indica seus seios)
- Muito magra, não tem que apertar.
- Não me conhecia e não me dava prazer
- Hoje eu sei dizer não
- Todo homem queria, mas só me trazia lembranças ruins quando tentei ceder senti dor e percebi aos poucos como o meu prazer era negligenciado por mim e pelos homens
- Hoje meu corpo é um templo que sente prazer e deve ser respeitado. Hoje eu gozo e busco meu prazer no sexo



Figura 3. Mapa corporal de Azaleia

- Pesadelos c/assédio e perseguição
- Angústia, dúvida
- Medo de me relacionar
- Medo/angústia de ter um abusador na minha vida
- Negação da sexualidade
- Falta de desejos, falta de interesse nos outros. Ao mesmo tempo vontade de namorar, ou me sentir acolhida, de companheirismo
- Raiva
- Dor de cabeça, enxaquecas graves, nó na garganta
- Dor no peito, ansiedade
- Queria não continuar com meu projeto
- Pensamentos angustiantes em que objetifico meu próprio corpo

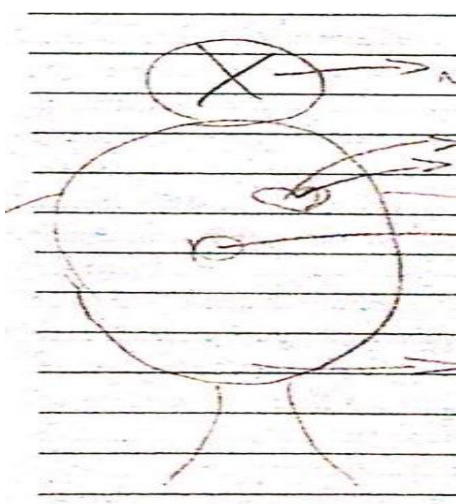


Figura 4. Mapa corporal de Urze

- Vergonha corpo e pessoas
- Medo de relacionamentos
- Culpa
- Ansiedade
- Medo de violência sexual



Figura 5. Mapa corporal de Girassol

- Amar sexo. Medo de sexo. Saúde, medo (frases indicadas na imagem geral)
- Cabelo seco (indica seu cabelo)
- Bonita? (indica seu rosto)
- Gostoso. Genitais imperfeitas (indica seus genitais)
- Peitos grandes (indica seus peitos)



Figura 6. Mapa corporal de Violeta

- Sentir que o corpo não me pertence
- Força para ter passado por tudo e continuado (frases indicam na parte superior do corpo)
- Vulnerabilidade
- Exposição
- Eu gostaria que ninguém mais se aproveitasse de mim
- Agora posso definir limites quando quero fazer algo e quando não (frases que indicam na parte inferior do corpo)



Figura 7. Mapa corporal de Lírio

- Será que estou feliz aqui?
- Pressão psicológica
- Indecisão
- Hoje as pessoas me ouvem mais do que antes
- Medo de magoar as pessoas, mas sabendo que eles estavam me magoando (frases indicam na maioria na cabeça)
- Sou mais responsável com meu psicológico
- Hoje reconheço muito mais meus erros e acertos (frases indicam na parte inferior do corpo)

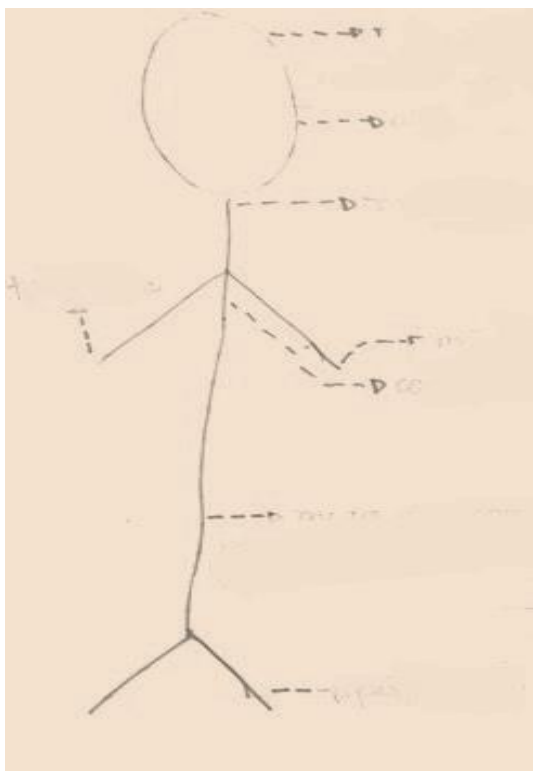


Figura 8. Mapa corporal de

- Muitos pensamentos ansiosos a respeito de homens desconhecidos. Angústia (indica na cabeça)
- Nó na garganta (indica na garganta)
- Mãos suando frio (indica suas mãos)
- Coração acelerado (indica seu peito)
- Medo de expor algumas partes do meu corpo quando andar sozinha (indica suas extremidades inferiores)
- Tremedeira (indica suas mãos)
- Pês suando (indica seus pês)

Margarida

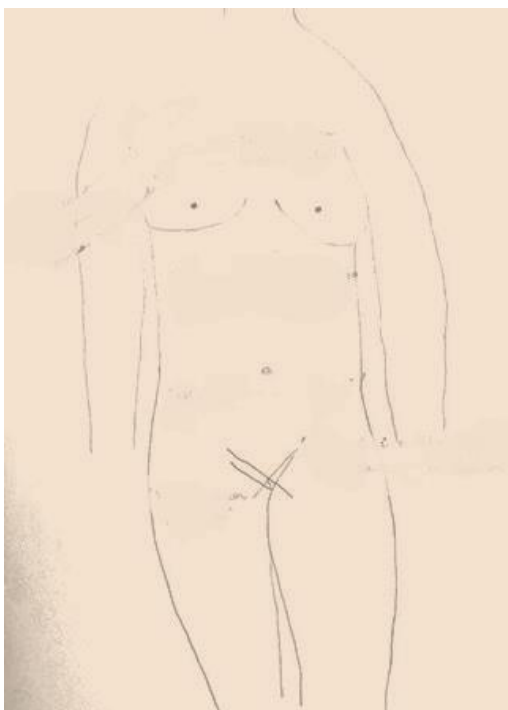


Figura 9. Mapa corporal de Mimosa

- Já fui tocada sem meu consentimento (indica acima dos peitos)
- Cansada, mas determinada a mudar minha realidade (indica perto do braço esquerdo na sua imagem)
- De que vale um corpo se ele não é seu? (indica no centro do ventre)
- Não quero ser mulher (indica baixo do umbigo)
- Se você é mulher está sujeita a ser tocada. Minha maior fraqueza. (indica seus genitais)

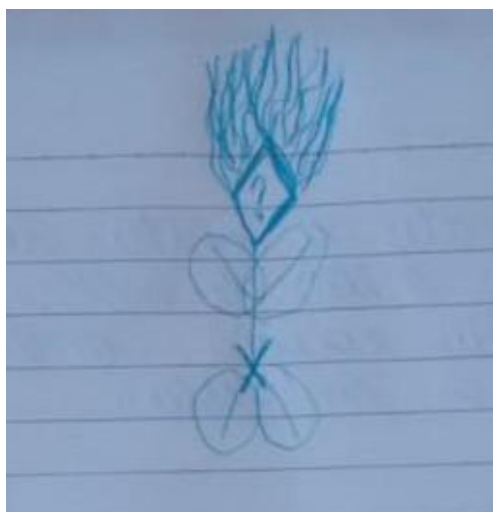


Figura 10. Mapa corporal de Lavanda

- Após sofrer violência no transporte público e violência física do meu ex namorado, me senti acanhada, com medo, nojo de mim, do homem, do meu pai. Comecei a ter medo dos homens e pensar nas minhas vestimentas.

- *Quando olho no espelho: Preciso melhorar algo (físico, como cabelo ou pele, ou humor, como animação).*
- *Sempre vejo as alterações estruturais do meu corpo (joelho, coluna, ombros).*
- *Me sinto bem quando faço maquiagem. Faço bastante exercícios.*
- *Gostaria de ser suficiente para mim mesma.*
- *Sou muito tímida e “fechada”, gostaria de conseguir me abrir mais, falar dos meus sentimentos sem fazer tanto esforço.*
- *Preciso focar nas coisas boas primeiro, e não no que considero defeito.*

Figura 11. Mapa escrito de Jasmim

A partir da revisão inicial dos mapas corporais, algumas estudantes identificaram a dificuldade de estabelecer qualquer tipo de relação interpessoal, posterior a sua experiência de abuso e violência sexual, enfatizando na complexidade de se- envolver em novas relações afetiva sexuais, (Rosa, Fig.1; Azaleia, Fig.3; Urze, Fig. 4; Girassol, Fig. 5; Lavanda, Fig. 10; Jasmim, Fig. 11). Do mesmo modo, uma estudante manifestou claramente de ter vontade de começar uma nova relação priorizando o carinho, respeito e compreensão mutua (Azaleia, Fig.3).

A estudante Rosa (Fig.1) falou da dificuldade de se conectar com outras pessoas, depois das experiências de abuso, que motivou nela começar sua vida sexual mais tarde isto em comparação com outras meninas da sua mesma idade. Olhando a sexualidade como um tabu do qual ela (s) preferia não falar é mesmo assim, esquecer esse aspecto da sua vida (Mimosa, Fig.9).

O sentimento de medo emergiu de maneira recorrente no relato dos seus desenhos, sendo o principal obstáculo na hora de marcar um encontro sexual com outro (a) ou estabelecer formalmente relações afetivas sexuais (Azaleia, Fig.3; Urze, Fig.4; Girassol, Fig.5; Violeta, Fig.6; Lírio, Fig.7; Margarida, Fig.8; Lavanda, Fig.10; Jasmim, Fig.11). Também o medo de se envolver novamente uma relação abusiva (Azaleia, Fig. 3).

A falta de desejo e impossibilidade de sentir prazer na intimidade, seja com sigo mesma ou com outros (as), foi descrita como um dos impactos na sexualidade produto da violência sofrida (Orquídea, Fig. 2; Azaleia, Fig. 3), mesmo com a dificuldade para atingir ao orgasmo.

Questão que se pode vincular de acordo a seus relatos também, com a falta de conhecimento que elas sentiam com seu próprio corpo e sexualidade (Orquídea, Fig. 2). Algumas descreviam seu corpo como uma casca (Mimosa, Fig.9), um objeto distante e fora delas (Violeta, Fig.6) (Lavanda, Fig.10).

A participante Orquídea (Fig. 2) manifestou contrariamente as demais, que sua vida sexual sempre foi muito ativa. De fato, após os abusos sofridos a frequência dos encontros sexuais aumentaram, argumentando que sentia seu corpo alheio pelo que simplesmente era utilizado como um instrumento para dar prazer a um outro (a), ficando ela “fora” dessa interação.

“...ter o corpo disponível para outros que não fosse eu” Orquídea.

"Hoje em dia a gente já não se enamora mais, e eu vejo que não, eu não gostava de aquilo, eu não colocava o corpo para aquilo e desde então eu não me relaciono com ninguém. Eu terminei o relacionamento em outubro e estou fugindo de relações e de qualquer pessoa que se aproxime a mim, não estou receptiva. Na verdade, que hoje quero não me relacionar mais com homens, eu sinto que quero me relacionar com mulheres eu vou investir em isso, e assim eu trabalho isso com minha psicóloga, trabalho essa questão, e inclusive eu tenho transtornos de personalidade” Mimosa

Pode-se identificar uma imagem corporal e uma subjetividade que discorda em ocasiões com a imagem real delas. Expressam “horror” em palavras delas de se olhar no espelho, que em alguns casos eram justificadas por situações de bullying acontecidas no percurso da sua vida (Rosa, Fig. 1).

“eu sempre vim alguma característica minha muito angustiada eu acho que está muito relacionado com isso, com a ideia do masculino, do que homem não gosta, ou simplesmente não me sinto confortável com meus peitos. sempre tive muita angústia com meu cabelo porque não é o cabelo mais fácil de lidar do mundo e aí eu acho que me sexualize muito então eu

fiquei isolada dos homens porque desde pequena eu acho que fui sexualizada pelos homens e eu acho que isso percebi recentemente por isso me incomoda ser bonita ser considera uma mulher bonita às vezes me gera muita angústia ir para os lugares” Girassol.

As apreciações pessoais do seu próprio corpo chegam a sinalizar uma lista de imperfeições e reparos com seu corpo. Assim, alguns estudantes mencionam a imperfeição do seus genitais, o grande dos seus seios, outras diziam que eram muito pequenos, não se sentiam “bonitas”, criticavam seu cabelo, sua pele (Girassol), (Azaleia), (Orquídea), (Jasmim).

Desconforto do gênero feminino

Observando os desenhos pode-se observar por exemplo (Fig. 9, Mimososa) a rejeição de ser mulher ou pertencer ao gênero feminino. Os questionamentos sobre ser mulher vão diretamente com o sinônimo de vulnerabilidade, pensando que ter genitais femininos significam fraqueza, sendo mulher estão expostas a que demais pessoas possam transpassar seus limites, tocar sem sua permissão.

Outras sentem medo de expor seu corpo em público, em situações que gostariam de usar peças de roupa mais leves como os shorts ou blusinhas pequenas, sentem-se muito observadas, constrangidas e intimidadas, pelo que evitam fazer uso desse tipo de roupa já que causa um prejuízo para elas (Margarida, Fig.8).

"Não me sentia mais confortável com ser mulher, não sentia confortável com ter uma vagina sabe, foi algo bem perturbador, meu desejo era poder ser assim homem para ver se me tratariam de igual a igual, sabe..." Jasmim

"não sei, acho que eu vejo uma carcaça mesma, uma carcaça dura envolta assim, como se eu tentasse sempre de me proteger de tudo os espaços” Urze

Consequências psicológicas e emocionais

As estudantes manifestam sentir vergonha e culpa após os episódios de violência (Urze). Ansiedade, insegurança, medo e angústia, depressão e pesadelos constantes (Azaleia, Margarida, Urze, Lavanda, Girassol, Orquídea). O medo joga um papel decisório no bem-estar e

desenvolvimento futuro das estudantes. Muitas questionam suas capacidades, dizendo que não são suficientes ou capazes de desenvolver-se na vida pessoal, acadêmica e profissional (Jasmim, Mimosa).

“eu chorava às vezes ficava tremendo um pouco com o coração acelerava” Margarida

“estava triste mesmo acho que me sentia um pouco culpada porque eu pensava meu deus eu estava muito bêbada se não houvesse estado bêbada houvesse reagido, mas depois eu comecei a perceber que não era minha culpa e hoje em dia eu só sinto raiva eu acho” Margarida

“A universidade como eu não fiz nada ou nada fiz nesses casos, então foi isso que também caí em depressão, por causa de tudo isso. Afetou muito minha autoestima, sexualmente me afetou igual, me afetou muito em todo, sentir que as pessoas podiam fazer qualquer coisa comigo”. Violeta

Consequências e sintomas no físico

Estudantes refletem e lembram os sinais do seu corpo após sofrer o abuso ou experiência de desconforto. Algumas mencionaram sentir uma tremedeira geral em seu corpo, suor nas mãos e pés, nó na garganta, dor de cabeça, enxaquecas graves, dor no peito (Margarida, Azaleia). Inclusive ao momento de reviver os fatos, as estudantes voltaram a somatizar.

Impacto no âmbito social e relações interpessoais.

No âmbito social as estudantes mencionaram dificuldades para poder comunicar-se e estabelecer qualquer tipo de relações com outras pessoas. A incapacidade de não confiar nos outros era o principal limitante nessas interações, outras justificavam esse bloqueio pela timidez para concretizar uma aproximação.

“sim, eu acho que eu fiquei assim um pouco mais afastada assim, até acabei um tempo sem festa e de se relacionar com as pessoas também, depois de o último relacionamento eu não tive um relacionamento assim longe, eu sai com outras pessoas, mas nada duradouro assim” Urze

*“Eu senti que não podia fazer nada sobre isso, eu não fui capaz de falar com ninguém sobre isso por um longo tempo, então o que eu fiz foi me isolar, como se eu não quisesse mais falar com ninguém, eu não fiz nada, eu estava lá fora e fui embora da moradia” **Violeta***

*“eu pelo menos fiquei com muito medo de se a pessoa é muito parecida assim agressiva de se parecer em alguma forma com a pessoa, acho que a gente vai se fechando assim por algumas coisas, acho que o relacionamento é de umas coisas que eu me fechei” **Urze***

Violeta menciona que após ter sofrido o abuso, não teve maior impacto no âmbito acadêmico. Argumenta que a estratégia que ela achou para lidar com o trauma foi colocando toda sua atenção nos estudos.

*“O psicóloga me fez sentir que como se ela considerasse não ser algo importante o estupro porque eu não estava indo mal na faculdade, então ela estava se perguntando se isso estava afetando meu desempenho acadêmico. E não realmente, porque o que eu fiz para cuidar de mim foi estudar...” **Violeta***

Percepção da maternidade

A categoria emergente da maternidade esclareceu como alguns participantes não tinham vontade de ser mãe (Violeta), outras não negaram a possibilidade, mas depois da experiência de abuso ficaram com medo de não ter a capacidade de entregar a proteção a seu filho (a) pensando em que a história de abuso fosse a repetir-se (Mimosa). Outras rejeitam com segurança, ficando uma opção não viável, seja por uma desvalorização como mulheres e medo de não encontrar um “companheiro bom” ou contrariamente relacionar-se com um parceiro íntimo que exerça violência sobre elas ou medo de que aconteça o mesmo com seus filhos (as) no futuro.

“e, eu tenho medo, sei lá...se eu tivesse uma filha, sabe, não quero um ser humano feminino neste mundo sinceramente... e aí a gente fica o tipo com medo pelas relações futuras, eu imagino como era antes, imagino como vai ser depois e eu vejo muito isso nas meninas que já sofreram uma situação assim, já não querem

*ter filhos, não querem se casar. Isso meio que destrói nossos sonhos, nossas expectativas para o futuro, é triste, é uma realidade muito triste” **Mimosa***

*“desde antes, minha opinião sobre isso é como se eu não quisesse, mas isso também tem a ver com a minha infância e a maneira como eu como eu cresci, minha família é só de mulheres, meus pais separados tão bem, como vou ver as mães solteiras e ver o que elas têm que passar tendo filhos como eu não quero essa vida e o que a maternidade acarreta, não sei se tem a ver com isso o que passe pero sigo pensando que não quero” **Violeta***

Apesar das dificuldades que tiveram que experimentar e que ainda estão enfrentando, as estudantes foram capazes de refletir sobre seu presente e futuro, ressaltando aspectos que gostariam melhorar tanto fisicamente como no âmbito emocional ou questões que já colocaram em prática (Girassol, Lavanda, Urze, Jasmim). Mencionaram o estabelecimento de limites como uma estratégia de autocuidado que estavam adotando. Novos hábitos de cuidado com seu físico, fazendo exercícios, preocupando-se com sua aparência pessoal, alimentando-se mais saudavelmente. Trabalhando numa comunicação não violenta consigo mesma, desde a empatia, não sentindo culpa do acontecido. Mencionaram ter vontade de focar a atenção nas coisas boas dela e não ressaltar seus defeitos. Outras gostariam de relacionar-se com mais confiança com as pessoas e não ser tão tímidas.

Em relação com sua sexualidade, algumas mencionaram que hoje estão cuidando de seu corpo como um “templo”, assim também pensando que o prazer não depende só de outras pessoas (Orquídea), que é uma questão de conhecimento individual e de amor próprio.

A seguir uma série de falas das estudantes:

*“Eu gostaria que ficasse bem com minhas decisões, sabe, confiar em mim, principalmente com profissionais eu acho que é conseguido aceitar melhor as coisas que eu quero, sabe, tem sido muito bom...” **Girassol***

*“eu fico tão feliz porque estou fazendo coisas que antes não fazia e é muito legal, mas gente e muito esforço, e muito esforço, eu precise de muito ouvir as minhas amigas falando, mas assim é muito legal quando acontece” **Lavanda***

“eu pretendo trabalhar um pouco os traumas que eu tenho, espero que melhorem porque a gente fica sempre se isolando e se privando das coisas e se protegendo, para mim é muito difícil, então não sei assim na mesma área de atuação do meu

trabalho, na área da saúde muitas vezes acolhendo situações como estas, então apesar de ser difícil eu acho que a gente tenta estar preparado para saber o que fazer, como lidar, como ajudar aos outros, como se ajudar” Urze.

“eu espero que isso continue e que eu acabei melhorando, eu sinto que eu estou é um constante processo de aprendizado que eu erro também, ou que eu errei isso me deu para reconhecer essas situações e outras que eu já vivenciei o que eu posso aprender ou ensinar para outras pessoas, acho que são lições que eu vou levando e que eu espero que pelo resto da minha vida possa ir aprendendo” Lírio
“...por exemplo daqui para frente o que gostaria de fazer qual seria essa imagem que você quiser a futuro não sei, eu acho que me sentir suficiente para mim mesma...”. Jasmim

"conseguir ter prazer por mim mesma..."Orquídea

“bem o que eu mais gostaria hoje e o que estou tentando fazer é nunca permitir que alguém se aproveite de mim de novo...” Violeta

DISCUSSÃO

O objetivo do presente estudo foi identificar possíveis consequências e impactos na corporeidade e sexualidade em estudantes que sofreram violência sexual dentro do contexto universitário. Observou-se que a maioria das participantes que cursavam estudos de graduação, relataram ter sofrido algum tipo de violência no contexto universitário, critério fundamental para a continuidade desta pesquisa. A amostra deste estudo, a idade média das estudantes entrevistadas foi de 22 anos.

É sabido que o ingresso na universidade traz benefícios além da aquisição de conhecimento no âmbito de relações interpessoais, amplia o círculo social, experimentam-se novas experiências, situações novas, sentimentos de alegria e excitação, além de insegurança e ansiedade (Sant’Anna *et al.*, 2008). O início da vida acadêmica, sobretudo nas festas universitárias de bem vinda, em palavras das estudantes percebia-se como locais de alta vulnerabilidade para elas e que estava fortemente relacionada com o consumo de álcool nas festas. Entendendo que sempre a culpa é de quem exerce a agressão e não da vítima, mas o fator

do álcool pode desenvolver situações de risco para as mulheres porque aumenta a probabilidade de ser alvo de agressões, o álcool pode restringir habilidades cognitivas, portanto, pode diminuir a percepção de risco (Testa et al., 2009), situação que várias estudantes se questionaram dizendo “*se eu não houvesse bebido tanto talvez poderia ter reagido de outra forma*”. Outros autores mencionam que o álcool limita a capacidade física de agir ante uma agressão sexual (Neilson et al., 2017). Nos relatos das estudantes pode apreciar-se como isso aconteceu nos espaços de conglomeração e diversão, onde as agressões iniciavam com toques em seu corpo sem permissão delas, beijos forçados até episódios de estupro que vivenciaram alguns estudantes e que ao momento de verbalizar conheceram também outras histórias similares.

A desigualdade de gênero manifesta-se num ciclo de violência continua existindo, questão que é cristalizada no contexto das instituições de educação superior através de práticas institucionalizadas como o assédio sexual universitário e a manutenção de políticas de discriminação racial (Calafell, 2014). Por exemplo, as situações que vivenciaram nos chamados “troles” e que faziam a réplica da época da escravidão no Brasil. Apesar dos diversos relatos de violência e abusos nos trotes e as consequências nas vítimas, apenas a partir do 1999 com a morte de um aluno na Universidade de São Paulo, que foi vítima de afogamento num trote, começou a ser considerado como uma prática que deve ser questionada e punida para erradicação de toda a violência acontecida (Bandeira, 2017). Mas que ainda é insuficiente, pois continuam situações de humilhações e preconceitos na convivência universitária. Os dados coletados indicaram situações de estupro acontecidas anos anteriores no contexto universitário, de fato uma das ações a modo de prevenção por parte de uma universidade no interior de São Paulo, foi a criação de uma comissão anti-trote, mais infelizmente pela situação sanitária da pandemia seu funcionamento não continuou como era esperado.

Com o mesmo objetivo e sendo parte de uma estratégia de prevenção terciária, foram criados vários coletivos de estudantes que trabalham desde a redução de danos com a perspectiva do antiproibicionismo. Com o foco na importância de contar com a informação necessária sobre as substâncias que ingere e os riscos que pode ter seu consumo abusivo. Alguns grupos colocam o foco na criação do *setting*, espaços de acolhimento e segurança para os usuários que estão baixos os efeitos do álcool ou drogas e precisam ajuda sem seres julgados. São justamente este tipo de grupos que trabalham na erradicação das violências acontecidas nas diversas festas universitárias. (Dos Santos et, al, 2021).

Pelo anterior, o sentimento de culpa é bastante recorrente e apareceu nos relatos das estudantes como uma barreira no momento de revelar o abuso. Dados de pesquisas realizadas com estudantes, indicaram que àquelas que decidem revelar para algum funcionário do campus universitário, psicóloga ou até a própria polícia, logo se arrependeram expressando que se sentiram re traumatizadas (Eisenberg et al., 2019). Cumpre destacar que no momento em que a vítima recebe uma reação negativa de sua fonte de apoio, por exemplo, culpando-a diretamente do acontecimento ou minimizando a violência, dizendo que melhor esqueça, essa atitude pode ser extremamente prejudicial.

A vergonha também surgiu como uma emoção frequente. Muitas participantes relataram se sentir inadequada, defeituosa, com medo de ser rejeitada por outros, assumindo uma atitude submissa e isolando-se do mundo. Existe uma vergonha corporal relacionada com as vítimas de abuso, que sentem que seus corpos machucados são diferentes e as outras pessoas pode perceber isso, autores falam que a vergonha passa finalmente a ser parte da identidade da sobrevivente (Crempien, & Martínez, 2010).

Estudos também demonstram que mulheres com histórico de agressões sexuais têm maior probabilidade de risco de vitimização do que aquelas que não têm um histórico de violências. Outros descrevem que as mulheres com histórico empregam uma variedade de métodos comportamentais e estratégias cognitivas para lidar com emoções e pensamentos negativos relacionados com seu ataque (Neilson et al., 2017). Isso concorda com os resultados obtidos pelas participantes, pois, a maioria relatou episódios de violência em cenários diferentes do acadêmico, como, por exemplo, as agressões dentro dos relacionamentos afetivos sexuais, abusos acontecidos durante a infância e adolescência no contexto intrafamiliar e abusos perpetrados por desconhecidos em espaços públicos.

Experiências sexuais sem consentimento e traumas por violência sexual, como abuso sexual na infância e estupro, têm um impacto negativo superior a outros tipos de violência que vão direto detrimento da relação com sua sexualidade (Cardoso et al, 2020). Segundo o instrumento de eventos estressores que foi aplicado as estudantes, revelou a relação que pode existir entre o impacto da situação abusiva com a identificação de quem é agressor. Assim, a negligência emocional e o abuso físico provêm principalmente do núcleo familiar direito (mãe, pai e irmãos), na categoria de assédio sexual e abuso emocional estava envolvido um amplo espectro de agressores, como familiares, ex-namorados, amigos, mas incluía-se personagens do

contexto universitário identificando como agressores a professores e colegas de turma e laboratório. Isso é concordante com o estudo de Teixeira-Filho, (2013) que menciona mãe e pai como os principais agressores da violência no espaço íntimo.

Em seguida e tentando fazer uma correlação entre as categorias e dimensões avaliadas de ambos instrumentos (EPSUS e eventos estressores), mostrou que as estudantes com maior pontuação nas categorias de **abuso sexual** (abuso de relação de confiança, convencimento por pressão/insistência, uso de força física), **abuso físico** (controle de comportamentos, vermelhidão ou hematomas, soco, espancamentos, chute, uso de objetos), **negligência emocional** (carência de cuidados, atenção e carinho) e **abuso emocional** (rejeição, desvalorização, chantagem, ameaça, discriminação e desrespeito) mostraram uma baixa percepção de suporte social, ou seja, sentem falta de verbalizar com alguém que possa ajudar-lhes em diversas situações, se precisar de suporte econômico, emocional, afetivo ou questões mais praticas do cotidiano.

A literatura destaca que o suporte social pode atuar como um precursor do crescimento pessoal, isto porque influencia no comportamento de enfrentamento das situações traumáticas e promove uma adaptação bem sucedida às crises da vida (Schaefer & Moos, 1998). Procurar apoio social melhora os recursos sociais, provendo de simpatia ou reduzindo sentimentos no indivíduo de solidão e isolamento (Prati & Pietrantonio, 2009). A mesma importância é ter redes de apoio no momento da divulgação da experiência traumática, ficando cientes da difícil decisão de revelar o trauma sexual. Neste estudo, as pessoas que mais foram mencionadas como ouvintes da experiência de abuso, foram amigos (as), familiares ou alguma professora que consideravam de seu círculo de confiança. De fato, Hassija e Turchik, (2016) assinalam que num estudo de vitimização sexual em estudantes universitárias em Estados Unidos, mais do 80% divulgou para seus pares, 10% divulgou para seus familiares, 8% para o parceiro íntimo e só 1% para o serviço de acolhimento. Uma vez que tem a oportunidade de divulgar detalhes de sua experiência de agressão em um contexto de suporte, às sobreviventes de violência sexual podem fornecer uma oportunidade de receber feedback corretivo, incentivando assim a reavaliação cognitiva, bem como facilitando o processamento emocional (Hassija & Turchik, 2016). Assim, o papel que tem a rede de apoio é fundamental na prevenção e tratamento da angústia, depressão e ansiedade após o trauma (Borja & Callahan, 2006).

Demonstra-se que as experiências traumáticas (agressão sexual, tortura, violência intrafamiliar, etc.) gera uma quebra nos sentimentos de segurança de uma pessoa e uma perda de

confiança nos outros (Echeburúa & Amor, 2018). Questão que é confirmada pelos relatos das participantes que mencionaram a dificuldade de estabelecer a confiança com outro, sem sentir medo ou desconfiança das intenções dos demais. Considerando que os impactos são transversais e que atua em diferentes níveis, as estudantes mencionaram uma série de consequências no curto, médio e longo prazo das violências experimentadas.

Nas 11 entrevistas realizadas evidenciou-se mais uma correlação das violências sexuais com o desenvolvimento da sexualidade. As estudantes manifestaram sentir rejeição ou aversão com o sexo e com tudo o que implica a sexualidade. Começando por uma evitação do contato físico e sexual com os demais pelo menos por um tempo, que algumas especificaram até um ano. O estudo de Pereira (2007) menciona como algumas mulheres que foram vítimas de violência sexual, após seis meses da agressão sexual não tinham reiniciado a prática da vida sexual. Ter relações sexuais ou afetivas sexuais representava, em palavras delas, como um espaço de vulnerabilidade que rememorava as lembranças hostis. De fato, em Pereira (2007) as fortes lembranças da ocorrência eram frequentes nas mulheres sobreviventes de violência sexual. Nessa mesma linha, a perda do desejo sexual e do prazer foi apontada de forma recorrente por alguns estudantes. Observa-se que tais comportamentos são coincidentes com estudos anteriores (Turchik et al, 2014; Donde et al, 2018; Bergeron et al, 2019).

A anorgasmia também aparece como impacto na sua sexualidade que elas podem identificar, pois falam de uma ausência de orgasmo após a violência sexual, situação mencionada no estudo de Cardoso et al (2020). A experiência traumática quita possibilidade de tornar-se autônomo enquanto a sua sexualidade, a forma de agir nos relacionamentos e gera uma percepção subjetiva limitada da sua imagem corporal que, no geral, foi bastante negativa. Deixando vestígios da experiência de abuso que acompanham as estudantes e que irrompem com pensamentos disruptivos que limitam sua liberdade de movimento espacial e nas relações sociais. Em nossos resultados foi possível distinguir pelo menos em uma estudante (Mimosa) que falou abertamente de sua disforia sexual, gerando nela essa discordância entre a identidade de gênero e seu sexo físico.

A presença de estados emocionais negativos como a raiva, depressão, ansiedade ou medo são frequentes e vem acompanhado de fatores individuais. A estudante Orquídea manifestou ter uma sensação de dissociação com seu corpo, um distanciamento tanto psíquico como corporal, que vinha justo depois do trauma da violência sexual e começavam quando tentavam interatuar

sexualmente com outros ou até incluso consigo mesmas. como resultado da violência sexual apresenta-se uma dissociação como mecanismo de defesa em algumas participantes. É possível encontrar na literatura como a dissociação pode obstaculizar o processamento cognitivo e afetivo das experiências traumáticas, isso significa que o sujeito vive com fortes incongruências, sem atingir a consciência dele (Rodríguez et al, 2005). Segundo a teoria psicanalítica esse mecanismo é considerado proposital, ainda que inconsciente. Mas segundo Pierre Janet, descarta que seja proposital, mas surgiria quando o indivíduo tem experiências veementes que levariam ao estreitamento do campo atencional e desorganização das funções usuais de integração da consciência (Junior *et al.*, 2006).

Os impactos na autoestima após uma experiência de agressão sexual foram mencionados pelas estudantes, e vão à direção de julgar continuamente sua imagem corporal, seu desempenho no plano sexual e indicar as incapacidades que elas acham para desenvolver-se abertamente com outras pessoas ou em outros espaços. É bem sabido que a autoestima e a auto aceitação são pontos diretamente relacionados com a sexualidade. Ter um bom entendimento da nossa sexualidade e de suas implicações em nossa vida, faz com que consigamos estabelecer uma relação saudável e positiva com ela e também uma boa relação interpessoal e sexual com outras pessoas. A saúde sexual, segundo a Organização Mundial da Saúde (2010), *“é um estado de bem-estar físico, mental e social em relação à sexualidade. Requer uma abordagem positiva e respeitosa da sexualidade e das relações sexuais, bem como a possibilidade de ter experiências sexuais agradáveis e seguras, livres de toda coerção, discriminação e violência”* (OMS, 2010). Por outro lado, a autoestima sexual elevada atua como um fator de proteção contra a perpetração de agressão sexual, tendo menos comportamentos sexuais de risco, definidos em termos de sexo casual, comunicação pouco clara e uso de álcool em situações sexuais. A literatura também evidencia que uma autoestima sexual positiva está relacionada com o conhecimento das doenças sexualmente transmissíveis vinculadas com os comportamentos sexuais de risco (Schuster & Krahe, 2018).

Apesar dos diversos danos e impactos mencionados pela estudante Violeta, ela é grata de mencionar seu sucesso acadêmico com tudo as dificuldades que experimentou depois da situação de estupro. Ao invés de baixar seu rendimento acadêmico e segundo ela como uma forma de evadir e como estratégia de defesa, conseguia focar sua energia em seus estudos permitindo-lhe

manter o tempo todo ocupada em outras atividades que não trazerem lembranças do sucesso traumático.

O último enunciado dos resultados destacou reflexões futuras das participantes, em direção a um fechamento das entrevistas em que pudessem imaginar cenários ótimos e mais agradáveis do seu ponto de vista. Embora seja um processo que está sendo encaminhada, a narrativa de auto percepção e de reconstrução do indivíduo já leva a mudanças no plano cognitivo e resulta num crescimento posterior. Entendendo o crescimento pessoal como um ponto de resolução do trauma (Splevins et al., 2010). Ressaltar a concepção da maternidade na fala das entrevistadas permitiu refletir e questionar que a ideia mais primária e original da maternidade está numa constante relativização, pois atualmente muitas mulheres preferem o desenvolvimento pessoal antes que olhar o a maternidade como o fim do seu desenvolvimento como mulher.

Sobre a coleta de dados remota, imposta em virtude do contexto de pandemia da COVID-19 e consequente necessidade de isolamento social, embora tenha sido satisfatória, no sentido de possibilitar o compartilhamento de informações, a escuta empática e a troca de experiências, trouxe algumas limitações. Por exemplo, não ter o contato físico com as participantes, dificultando a leitura da linguagem não verbal delas, pois só era possível observar por meio da tela do computador a parte de seu rosto e mãos, o que talvez apagasse alguns sinais na interação.

Por conta do contexto global da pandemia, alguns estudantes que tinham preenchido o formulário e aceitado participar da entrevista, posteriormente desistiram, argumentando não contar com um espaço físico adequado que permitisse sigilo de seus relatos sem intervenção de terceiros. Entanto, outras comunicaram perto na hora da entrevista, não se sentir emocionalmente preparadas para compartilhar sua experiência e relembrar os acontecimentos de violência. Nesse sentido também, e para não revitimizar as participantes se decidiu que fosse um critério de exclusão pontuaram mais que a média estabelecida, isso poderia deixar fora relatos importantes, mas a ideia era não revitimizar as estudantes. Não foi adicionada a categoria raça/cor no formulário inicial nesta pesquisa, embora tenha acontecido isso, não foi impedimento para fazer um análises desde essa perspectiva, pois tivemos a presença de estudantes que se autodenominam como mulheres negras nas entrevistas e aportou informação relevante.

É necessário que estudos futuros considerem uma amostra mais ampla, incluindo professoras, técnicas, e população dissidente e dentro do possível com um tamanho maior de participantes, um número abrangente ajuda na melhor compreensão dos fenômenos sociais. A

instituições universitárias precisam com urgência implementar programas e políticas que tentem diminuir a cultura de violência e estupro dentro do seu âmbito, tanto como ampliar o resguardo dos seus estudantes nos contextos de republicas e festas que são alcançadas na vida universitária.

CONCLUSÕES

A utilização de métodos visuais nas entrevistas possibilitou que as participantes tivessem um espaço de reflexão e diálogo com suas experiências, no momento de reorganizar os diversos cenários de violência e observar seus próprios desenhos. A dificuldade dessa tarefa é indiscutível, as lembranças traumáticas interferem em algum plano da sua vida e a maioria das pessoas potência a capacidade de esquecer as questões ruins da vida e lembrar as positivas como um mecanismo de sobrevivência. Porém é importante destacar a coragem e valentia que tiveram as estudantes ao verbalizar parte da sua biografia, a bondade de compartilhar tentando que outras mulheres consigam quebrar com o silêncio.

O fator determinante que atua em cada uma das violências acontecidas e relatadas pelas participantes, é o desrespeito do consentimento das mulheres ou o mal entendido consentimento e até muitas vezes forçado. A maior parte do trauma vivenciado revela-se no corpo, com somatizações que se fazem persistentes no tempo e com comportamentos de evitação do contato físico com outros. O relato foi só uma parte que emergiu como lugar de fala e de expressão destas experiências. Para superar um trauma deve haver uma escuta ativa por parte de alguém que acredite na história e um reconhecimento simbólico de quem é o abusador e quem é a pessoa abusada. Minimizar os impactos na sexualidade ou na corporeidade é justificar a violência que acontece nos espaços educativos e cometidos também por parte da comunidade universitária fora de seu limite físico, como nas festas que durante o ano acadêmico são celebradas em várias oportunidades.

O intuito das universidades deve estar dirigido a reduzir o impacto dos traumas, evitando a re-vitimização, trabalhando na prevenção de qualquer dano a população mais vulnerável da universidade (Bakken & Kruse, 2019). Espera-se o engajamento de mais pesquisadores que queiram contribuir nesta linha de pesquisa, é preciso gerar clamor nas autoridades que tenham poder de decisão nas instituições de educação superior, para que assim se tomem as medidas de prevenção e punição para quem corresponda. Precisam-se espaços exclusivos de educação nos

quais se fale abertamente dos tipos de violência e as estudantes possam distinguir quando estão frente a uma situação de assédio ou violência, de maneira que ao identificar vem a possibilidade de solicitar a ajuda no momento necessário.

REFERÊNCIAS

- Adriansen, H. K. (2010). Life-history interviews: on using a time line. n. November, p. 1–13.
- Aguirre, J. & Jaramillo, L. (2020). La presencia de Merleau-Ponty en los Estudios del cuerpo y la Motricidad humana. *Cultura, Ciencia y Deporte*, 15(45), 331-340.
- Alvarenga, M. D. S. *et al.* (2010). Insatisfação com a imagem corporal em universitárias Brasileiras. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 59, n. 1, p. 44–51.
- Avoglia, et al. (2015). Violência sexual: as marcas na representação da imagem corporal da criança vitimizada. **Boletim de Psicologia**, v. 65, n. 142, p. 29–43.
- Bakken, N. W.; Kruse, L. M. (2019). An Examination of Sexual Victimization, Self-Injurious Behaviors, and Suicidality Among Female College Students. **Journal of Interpersonal Violence**.
- Bandeira, L. M. (2017). Trotes, assédios e violência sexual nos. *Gênero*. v. 17, n. 2, p. 49–79.
- Barbosa, D.; Heitzmann, D. (2018) Privação afetiva e suas consequências na primeira infância: Um estudo de caso. **InterScientia**, v. 6, n.2, p. 90-111.
- Barroso, M. & Lima, R., (2021). Universidade sem violência: um direito das mulheres -), Manaus: EDUA / São Paulo: Alexa Cultural.
- Bashonga, R.; Khuzwayo, Z. (2017) “This thing of the victim has to prove that the perp intended to assault is kak!”: Social media responses to sexual violence on South African university campuses. **Agenda**, v. 31, n. 3–4, p. 35–49.
- Bergeron, M. *et al.* (2019). Sexual Violence on University Campuses: Differences and Similarities in the Experiences of Students, Professors and Employees. **Canadian Journal of Higher Education**, v. 49, n. 3, p. 88–103.
- Berends, L. (2011). Embracing the visual: Using timelines with in-depth interviews on substance use and treatment. **Qualitative Report**, v. 16, n. 1, p. 1–9.
- Bogen, K. W. *et al.* 2019. Supporting students in responding to disclosure of sexual violence: a systematic review of online university resources. **Journal of Sexual Aggression**, v. 25, n. 1,

- p. 31–48.
- Bustamante, S. V. F. (2019). In the face of violences against female university students: A student-based and feminist collective action. **Nomadas**, v. 51, p. 243–255.
- Borja, S. E., Callahan, J. L., & Long, P. J. (2006). Positive and negative adjustment and social support of sexual assault survivors. *Journal of Traumatic Stress*, 19, 905–914.
- Castaño-Castrillón, J. J. et al. (2010). Sexual harassment in the University of Manizales' student community. (Colombia), 2008. A cross-sectional study. **Revista Colombiana de Obstetricia y Ginecología**, v. 61, n. 1, p. 18–27.
- Cardoso, et al. (2020). O corpo feminino invadido: recortes da construção social de um corpo público / objetificado. n. 2009, p. 70–90.
- Coelho, P.; O. (2018). O assédio moral entre alunos e professores universitários na visão dos tribunais brasileiros e da psicologia forense. **Universidade Tuiuti do Paraná**, n. 4, p. 49.
- Conley, A. H. et al. (2017). Prevalence and predictors of sexual assault among a college sample. **Journal of American College Health**, v. 65, n. 1, p. 41–49.
- Crempien, Carla; Martínez, V. (2010). El sentimiento de vergüenza en mujeres sobrevivientes de abuso sexual infantil. v. XIX, n. 3, p. 237;246.
- Deloveh, H. L. M.; Cattaneo, L. B. (2017). Deciding Where to Turn: A Qualitative Investigation of College Students' Helpseeking Decisions After Sexual Assault. **American Journal of Community Psychology**, v. 59, n. 1–2, p. 65–79.
- Dos Santos, et al. (2021). Combate à Violência e Redução de Danos: Corpo Político da Mulher nas Festas Universitárias. *Psicologia e Saúde*, v.13, n. 2, p.165-179.
- Drezett, J. (2003). Violência sexual contra a mulher e impacto sobre a saúde sexual e reprodutiva. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 2, n. 1, p. 36–50.
- Eisenberg, M. E. et al. (2019). Sexual Assault Reporting and Emotional Distress among College Female-Identified Victims/Survivors. **Journal of Forensic Nursing**, v. 15, n. 4, p. 222–230.
- Eller, A. (2016). Transactional sex and sexual harassment between professors and students at an urban university in Benin. **Culture, Health and Sexuality**, v. 18, n. 7, p. 742–755.
- Ferrer-Pérez, V. A.; Bosch-Fiol, E. (2014). The perception of sexual harassment at university / La percepción del acoso sexual en el ámbito universitario. **Revista de Psicología Social**, v. 29, n. 3, p. 462–501.
- Fielding-Miller, et al. (2019). Epidemiology of campus sexual assault among university women

- in Eswatini. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 0, n. 00, p.1-26.
- Groff Stephens S. Wilke, D. (2016) Sexual violence, weight perception, and eating disorder indicators in college females, *Journal of American College Health*, 64:1, 38-47.
- Habigzang, L. F. *et al.* (2005). Abuso sexual infantil e dinâmica familiar: aspectos observados em processos jurídicos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 21, n. 3, p. 341–348.
- Hassija, C. M.; Turchik, J. A. (2016). An Examination of Disclosure, Mental Health Treatment use, and Posttraumatic Growth Among College Women Who Experienced Sexual Victimization. **Journal of Loss and Trauma**, v. 21, n. 2, p. 124–136.
- Hills, P. J. et al. (2021). Understanding How University Students Use Perceptions of Consent, Wantedness, and Pleasure in Labeling Rape. **Archives of Sexual Behavior**, v. 50, n. 1, p. 247–262. doi.org/10.1007/s10508-020-01772-1
- Jordan, C. E.; Combs, J. L.; Smith, G. T. (2014). An Exploration of Sexual Victimization and Academic Performance Among College Women. *Trauma, Violence, and Abuse*, v. 15, n. 3, p. 191–200.
- Jusbrasil. (2015). Alunas denunciam estupros em festas da Medicina da USP. <https://akina.jusbrasil.com.br/noticias/150973214/alunas-denunciam-estupros-em-festas-da-medicina-da-usp>.
- Keefe, K. M. et al. (2018). Recent Sexual Assault and Suicidal Behaviors in College Students: The Moderating Role of Anger. *Journal of College Counseling*, v. 21, n. 2, p. 98–110.
- Kolar, K. *et al.* (2015). Timeline mapping in qualitative interviews: A study of resilience with marginalized groups. **International Journal of Qualitative Methods**, v. 14, n. 3, p. 13–32.
- Lima, C. T. S. *et al.* (2015). Enfrentamento de repercussões físicas e psicossociais em mulheres vítimas de violência através da consciência corporal: Experiência da fisioterapia. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde/Brazilian Journal of Health Research**, v. 16, n. 2, p. 84–92.
- Lindquist, C. H. *et al.* (2016). Disclosure of sexual assault experiences among undergraduate women at historically black colleges and universities (HBCUs). **Journal of American College Health**, v. 64, n. 6, p. 469–480.
- Lindquist, C. H. et al. (2013). The Context and Consequences of Sexual Assault Among Undergraduate Women at Historically Black Colleges and Universities (HBCUs). *Journal of Interpersonal Violence*, v. 28, n. 12, p. 2437–2461.

- Lizama-Lefno, A.; Quiñones, A. H. (2019). Sexual harassment in the university context: Projective diagnostic study of gender situation at the Universidad de Santiago de Chile. **Pensamiento Educativo**, v. 56, n. 1, p. 1–14.
- Mamaru, A.; Getachew, K.; Mohammed, Y. (2015). Prevalence of physical, verbal and nonverbal sexual harassments and their association with psychological distress among Jimma University female students: a cross-sectional study. *Ethiopian journal of health sciences*, v. 25, n. 1, p. 29–38.
- Martín-Baena, D.; Talavera, M.; Montero-Piñar, I. (2016). Interpersonal Violence and Health in Female University Students in Spain. *Journal of Nursing Scholarship*, v. 48, n. 6, p. 561–568.
- Mengo, C.; Black, B. M. (2016). Violence Victimization on a College Campus: Impact on GPA and School Dropout. *Journal of College Student Retention: Research, Theory and Practice*, v. 18, n. 2, p. 234–248.
- Mennicke, A. et al. (2019). Factors Associated With and Barriers to Disclosure of a Sexual Assault to Formal On-Campus Resources Among College Students. **Violence Against Women**. P.1-19.
- Minayo. (2011). **Teoria, método e criatividade. American Gear Manufacturers Association Fall Technical Meeting 2011.**
- Muehlenhard, C. L.; Peterson, Z. D. III. (2005) Wanting and not wanting sex: The missing discourse of ambivalence. **Feminism and Psychology**, v. 15, n. 1, p. 15–20.
- Montrone, A. et. al. (2020). Violência de gênero numa universidade pública brasileira: saindo da invisibilidade. *Gênero*, v. 21, n. 1, p. 6-23.
- Moore, J.; Mennicke, A. (2019). Empathy deficits and perceived permissive environments: sexual harassment perpetration on college campuses. *Journal of Sexual Aggression*, v. 0, n. 0, p. 1–13.
- Organización Mundial de la Salud. (2013). La salud sexual y su relación con la salud reproductiva: un enfoque operativo. **Human Reproduction Programme**, p. 1–12.
- Penha, M. (2021). A violência contra a mulher negra no Brasil. Como o racismo influencia nessa problemática? *Revista Jus Navigandi*.
- Pintos, M. (2009). La interpretación de Freud recuperada desde la mirada fenomenológica de Merleau-Ponty. **En-claves del pensamiento**, 3 (6), 41-60.
- Potter, S. *et al.* (2018). Long-term impacts of college sexual assaults on women survivors'

- educational and career attainments. **Journal of American College Health**, v. 66, n. 6, p. 496–507.
- Prati, G.; Pietrantonio, L. (2009). Optimism, social support, and coping strategies as factors contributing to posttraumatic growth: A meta-analysis. **Journal of Loss and Trauma**, v. 14, n. 5, p. 364–388.
- Qu, S. Q.; Dumay, J. (2011). The qualitative research interviews. **Qualitative Research in Accounting and Management**, v. 8, n. 3, p. 238–264.
- Reavey, P. (2011). The return to experience. *Psychology and the visual*. v. 1360, n. July 2001, p. 1357–1360.
- Rodríguez Vega, B.; Fernández Liria, A.; Bayón Pérez, C. (2005). Trauma, disociación y somatización. **Anuario de psicología clínica y de la salud = Annuary of Clinical and Health Psychology**, v. 1, n. 1, p. 27–38.
- Romito, P. et al. (2016). Disordered eating behaviors and sexual harassment in Italian male and female university students. *Journal of Interpersonal Violence*. p.1-15.
- Rothman, K. et al. (2019). Sexual Assault Among Women in College: Immediate and Long-Term Associations with Mental Health, Psychosocial Functioning, and Romantic Relationships. *Journal of Interpersonal Violence*. P. 1-23.
- Saffioti, H. (2002). Gênero, Patriarcado e Violência. **Acta Cirurgica Brasileira**, v. 17, p. 9–152.
- Schaefer, J., & Moos, R. (1998). The context for posttraumatic growth: Life crises, individual and social resources, and coping. In R. Tedeschi, C. Park, & L. Calhoun (Eds.), *Posttraumatic growth: Positive changes in the aftermath of crisis* (pp. 99–126). Mahwah, NJ: Erlbaum
- Schuster, I.; Krahe, B. (2018). Predictors of Sexual Aggression Perpetration Among Male and Female College Students: Cross-Cultural Evidence From Chile and Turkey. **Sexual Abuse: Journal of Research and Treatment**, v. 31, n. 3, p. 318–343.
- Silva, J.; Barrientos, J.; Espinoza-Tapia, R. (2013). A methodological model for studying the body in biographic research: Body maps. **Alpha**, n. 37, p. 163–182.
- Splevins, K. et al. (2010). Theories of Posttraumatic Growth: Cross-Cultural Perspectives. **Journal of Loss and Trauma**, v. 15, n. 3, p. 259–277.
- Testa, M., & Livingston, J. A. (2009). Alcohol consumption and women's vulnerability to sexual victimization: Can reducing women's drinking prevent rape? *Substance Use & Misuse*, 44(9–10), 1349–1376. <http://dx.doi.org/10.1080/10826080902961468>.

- Turchik, J. A.; Hassija, C. M. (2014). Female Sexual Victimization Among College Students: Assault Severity, Health Risk Behaviors, and Sexual Functioning. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 29, n. 13, p. 2439–2457.
- Vizcarra, M. B & Póo, A. M. (2011). Violencia de pareja en estudiantes universitarios del sur de Chile. *Universitas Psychologica*, v. 10, n. 1, p. 89-98.
- Warren, P. et al (2015). Comprehension of sexual consent as a key factor in the perpetration of sexual aggression among college men. **Journal of Aggression, Maltreatment and Trauma**, v. 24, n. 8, p. 897–913.
- Zinzow, H. et. al. (2011). Self-rated Health in Relation to Rape and Mental Health Disorders in a National Sample of College Women, *Journal of American College Health*, 59:7, 588-594.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O interesse na promoção de estratégias dirigidas na prevenção da violência em todas suas manifestações, fazem parte da minha trajetória profissional quanto pessoal. Trazer essas inquietações no centro da pesquisa científica permitiu trabalhar em conseguir o objetivo, embora a complexidade da contingência sanitária tentando levar a pesquisa a uma ótima qualidade, além de manter a saúde mental enquanto pesquisadora.

A presente dissertação buscou visibilizar a violência de gênero que acontece no interior das instituições de educação superior, centrando a análise nas possíveis consequências no corpo e sexualidade das estudantes. Para isso foram realizados três estudos, dos quais os dois primeiros serviram como base para a consecução do terceiro estudo. Finalmente pretende-se submeter os estudos em formato de artigos científicos para sua divulgação.

A prevalência de agressões no contexto acadêmico está fortemente relacionada com a desigualdade de gênero na sociedade e que perpassa a outros espaços em que os indivíduos se desenvolvem. Os contextos de insegurança nas estudantes em espaços acadêmicos As descobertas do primeiro estudo baseado numa revisão sistemática da literatura possibilitaram identificar o estado da arte em relação à violência de gênero em estudantes universitárias, com especial interesse nas consequências da mesma para aquelas que foram expostas a essas situações. Os resultados indicaram a escassez de publicações da área no Brasil e a predominância de estudos em países norte-americanos. Tal constatação nos incita a um envolvimento, tanto nacional como em outros países da América latina, a gerar conhecimento científico nesse tema. Em relação às consequências, os dados das pesquisas analisadas nos indicam a magnitude que os episódios de violência acarretam na vida das pessoas e a dificuldade de conseguir um bem-estar tanto físico, emocional e psicológico uma vez que sofrem uma experiência de abuso. Cumpre destacar que nas pesquisas há um predomínio de sintomas psicológicos, os quais estão associados aos sintomas físicos e à imagem corporal.

No segundo estudo, um dos grandes achados é confirmar que existem contextos de violência dentro do espaço universitário e por parte da comunidade universitária. As dinâmicas de poder muitas vezes veladas no interior das aulas de classes passam despercebido para o resto da comunidade, porém os resultados foram claros, deixando os laboratórios, as áreas abertas do campus, as moradias e salas de professores como um lugar que não entrega uma completa

seguridade tanto em sua integridade física quanto emocional. Do mesmo modo, as experiências de violência acontecidas fora do campus fazem parte deste cenário, para algumas aterrorizantes pois se desenvolvem constantemente nelas. Identificando assim as festas universitárias, repúblicas e no trajeto ida e volta da universidade como espaços que são alvo de sentir-se vulneráveis. Os fatores de risco como as bebidas alcoólicas são um potencial em contextos de abusos. Os agressores que mais se repetem são professores, colegas do laboratório e companheiros de turma nas salas de classes, logo vem os indivíduos desconhecidos que embestem de maneira surpresa sobre as vítimas.

Em nosso terceiro e último estudo, fazendo um enlace com as informações dos estudos anteriores, se pode constatar a frequência com que acontecem os comportamentos abusivos nas relações de hierarquia entre professor-aluno ou entre os mesmos alunos de diferentes níveis ou não necessariamente. A violência não tem distinção entre alunos de graduação ou pós-graduação, nem enquanto a idade das vítimas. A diferença está nas consequências ou impactos que pode gerar a violência que dependerá do tempo de exposição ao trauma, ao tipo de violência que sofreu e por parte de quem comete essa agressão. Assim as descobertas em nossos resultados demonstraram uma relação evidente entre os fatos de violência sexual e a percepção que as estudantes têm de sua corporeidade, imagem corporal e de sua sexualidade. O dano ocasionado logo de um estupro ou abuso sexual significa muitas vezes um rejeito do próprio corpo, um sentimento de desprezo por aquilo que se torna num objeto longe, uma despersonalização, restando-lhe importância e valoração ao corpo, o que se traduz em um descuido por parte delas com seu próprio cuidado tanto em sua integridade emocional, higiene pessoal, em sua alimentação, no estabelecimento de limites inter pessoais, entre outras. A imagem corporal, por tanto, é alcançada por uma distorção da percepção corporal, achando milhares de imperfeições em sua estrutura física e mental, o que tem como resultado inseguridades, situações de ansiedade, estresse pós-traumático, angústia e depressão.

Por outro lado, a sexualidade que deve ser um aspecto central na conformação como indivíduos, passa a ser nas sobreviventes um âmbito que incomoda, que desagrada de abordar na dialética e na prática. Assim muitas das participantes falaram da dificuldade de poder encaixar numa relação sexo afetiva novamente após o abuso, o difícil que é tentar confiar nas outras pessoas e em sim mesmas e como isso perpassa outras capas de sua vida, seja para ter sucesso no âmbito acadêmico, profissional ou para estabelecer relações de amizade. Uma relação positiva

com a sexualidade vai interferir em sua autoestima e autopercepção, do contrário uma relação conflitiva tem problemas na integridade do sujeito. Não podemos pensar no corpo como um conjunto de partes separadas que não tem afecção uma parte com outra. O cuidado de nosso bem estar emocional vai gerar um bem estar físico também, diminuindo as reações somáticas que produzem altos níveis de estresse por exemplo.

Para diminuir o trauma numa vítima também podemos constatar a importância de contar com uma rede de apoio que atue como suporte em momentos que seja necessário o auxílio de um externo. Muitos dos casos aqui expostos precisaram de uma amiga (o) que sinalaram para a vítima que estava sendo negligenciada de alguma forma ou violentada, e conscientizar dessa forma o que acontecia e tentar pedir ajuda, mas como foi enxergado também a divulgação da violência não é uma decisão fácil e o tempo de demora pode se estender em anos até que tenham a coragem de revelar o acontecido.

A falta de ações concretas com as denúncias e reclamos da violência e desigualdade dentro das universidades, em ocasiões é justificada pela "ignorância" que atua como uma maneira de evadir a realidade preferindo não enxergar. Ante isso é chamada uma ignorância deliberada, como um processo sistemático de auto engano por parte das posições de privilégio e que tem um papel ativo na violência de gênero, pelo qual o processo que vem em seguida é o silêncio atribuível às mulheres que são vítimas de violência.

A expectativa é que possa ser uma contribuição significativa nas áreas de conhecimento abordadas em estudar o grave problema da violência de gênero acontecida nas instituições de educação superior, que como assunto inquestionável devesse ser um espaço de cuidado e segurança para com seus estudantes, pensando a grande quantidade de horas que os alunos (as) passam dentro do recinto. Por outro lado, que seja como um insumo para o engajamento de outros profissionais que se interessem em verter seus conhecimentos e capacidades pessoais e profissionais em direção desta problemática.

Os instrumentos permitiram que a voz das participantes fosse ouvida, espera-se então que a pesquisa possa ter o impacto nas autoridades da universidade e em outras estudantes para que se encorajem a falar.

ANEXO I. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA / PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM
PSICOLOGIA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Resolução 510/2016 do CNS)

Nos reconhecendo: Cartografia do corpo em estudantes vítimas de abuso, agressão e ou violência sexual no âmbito universitário

Você está sendo convidada para participar da pesquisa “Nos reconhecendo: Cartografia do corpo em estudantes vítimas de abuso, agressão e ou violência sexual no âmbito universitário” realizada pela pesquisadora Giselle Alejandra Pincheira Navarro, mestranda do Programa de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos (USFCar) e vinculada ao Laboratório de Prevenção à Violência (LAPREV) desta universidade.

O objetivo deste estudo é identificar os possíveis impactos no corpo de estudantes que sofreram abuso, agressão e/ou violência sexual dentro do âmbito universitário. Você foi selecionada por (a) ser maior de 18 anos; (b) ter experienciado ao menos um episódio de abuso, agressão e ou violência sexual (atual ou passado) dentro da universidade ou por parte da comunidade universitária; e (c) ter disponibilidade para responder aos instrumentos *Questionário de experiências adversas na infância* e *Escala de suporte social (EPSUS)*, além de participar de uma entrevista virtual com a pesquisadora em horário previamente agendado. A sua recusa não trará nenhum prejuízo na sua relação com a pesquisadora ou com a instituição que forneceu os dados. Você tem o direito garantido a solicitar o registro do consentimento a qualquer momento da pesquisa.

A coleta de dados será totalmente online. Inicialmente, você irá preencher um formulário com dados pessoais. Posteriormente será encaminhado um e-mail com link de acesso a um formulário google forms com o *Questionário de experiências adversas na infância* e *Escala de suporte social (EPSUS)*, com uma duração de cerca de 15-20 minutos. Em seguida, você será consultada a respeito de um dia/horário para participar de uma entrevista com a pesquisadora, a qual terá uma duração de uma hora na plataforma de sua preferência (google Meet, hangouts, WhatsApp ou Skype).

Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento o (a) senhor irá (a) decidir se deseja participar e preencher o questionário, se deseja desistir da participação durante o

preenchimento do questionário ou após o preenchimento e retirar seu consentimento, poderá fazer sem nenhuma penalização ou prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

Cumpra destacar que ao aceitar participar da pesquisa você irá: 1. Eletronicamente aceitar participar da pesquisa, o que corresponderá à assinatura deste termo (TCLE), o qual poderá ser impresso ou solicitado ao pesquisador via endereço de email (gis.pincheira@gmail.com; samazo@ufscar.br) se assim o desejar; e 2. Responder ao questionário on-line que terá tempo gasto para seu preenchimento em torno de 10-15 minutos. Caso não concorde, basta fechar a página do navegador.

Caso desista de participar durante o preenchimento do questionário e antes de finalizá-lo, os seus dados não serão gravados, enviados e nem recebidos pelo pesquisador e serão apagados ao se fechar a página do navegador. Caso tenha finalizado o preenchimento e enviado suas respostas do questionário e após decida desistir da participação deverá informar o pesquisador desta decisão e este descartará os seus dados recebidos sem nenhuma penalização.

Suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial. Ou seja, em nenhum momento será divulgado seu nome em qualquer fase do estudo. Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade será assegurada. Os dados coletados poderão ter seus resultados divulgados em eventos, revistas e/ou trabalhos científicos.

O preenchimento destes questionários não oferece risco imediato ao (a) senhor (a), porém considera-se a possibilidade de um risco subjetivo, pois algumas perguntas podem remeter à algum desconforto, evocar sentimentos ou lembranças desagradáveis ou levar à um leve cansaço após responder os questionários. Caso algumas dessas possibilidades ocorram, o senhor (a) poderá optar pela suspensão imediata do programa. Caso o(a) senhor(a) relate desconforto durante ou após aplicação dos instrumentos, a pesquisadora e a equipe do LAPREV estarão preparadas para acolhimento e breve intervenção a fim de garantir que não haverá maiores danos.

O senhor (a) não terá nenhum custo ou compensação financeira ao participar do estudo. Entretanto, todas as despesas com o transporte e a alimentação decorrentes da sua participação na pesquisa, quando for o caso, serão ressarcidas no dia da coleta. Você terá direito a indenização por qualquer tipo de dano resultante da sua participação na pesquisa.

Este trabalho poderá contribuir de forma indireta na ampliação do conhecimento sobre o violência em contexto universitário.

Você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação agora ou a qualquer momento. A pesquisadora compromete-se a compartilhar com o(a) senhor(a) os resultados da pesquisa após a finalização da coleta, da análise de dados e da redação destes resultados obtidos.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade

Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8028. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br.

O CEP é um colegiado interdisciplinar e independente, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. É dever deste comitê cuidar dos aspectos éticos das pesquisas envolvendo seres humanos, tendo como referenciais básicos da bioética: autonomia, não maleficência, beneficência e justiça, entre outros.

Endereço para contato (24 horas por dia e sete dias por semana):

Pesquisador Responsável: Giselle Alejandra Pincheira Navarro

Endereço: LAPREV, UFSCar, Rodovia Washington Luiz, Km 235, São Carlos-SP.

Contato telefônico: (16) 991153073

e-mail: gis.pincheira@gmail.com

() Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

São Carlos, _____ de _____ de 20__.

Assinatura do(a) participante

**ANEXO II. (PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
COM SERES HUMANOS)**



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: Nos reconhecendo: histórias de mulheres sobre abuso sexual, relação com o corpo e sexualidade pós-evento traumático

Pesquisador: Sabrina Mazo D Affonseca

Área Temática:

Versão: 5

CAAE: 15113119.6.0000.5504

Instituição Proponente: CECH - Centro de Educação e Ciências Humanas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.285.687

Apresentação do Projeto:

A pesquisadora solicita emenda com a justificativa: "Devido as condições de distanciamento social decorrentes da pandemia de Covid19, a pesquisadora está adequando o projeto para coleta de dados não presencial".

Acerca do projeto, o mesmo está bem estruturado e apresenta metodologia rigorosa, apesar de sua redação apresentar erros ortográficos e, sobretudo, gramaticais. O resumo está escrito da seguinte maneira:

"A violência sexual inclui um dos mais detestáveis atos praticados por nossa sociedade, onde a dominação é exercida de forma deliberada, sempre dirigida para a apropriação sem vontade de um corpo. Um corpo que geralmente é feminino e que, como resultado, gera danos no curto, médio e longo prazo. O presente projeto tem o avaliar o impacto no corpo e no desenvolvimento sexual de pessoas que sofreram situações de abuso dentro do ambiente universitário. Participarão da pesquisa 10 estudantes universitárias (graduação ou pós graduação), com idade superior a 18 anos e sem transtorno de personalidade ou sintomas psiquiátricos. As participantes serão recrutadas por convites em redes sociais e responderão ao SCLR 90, ao Questionário de Eventos Estressores e a Escala de Suporte Social – EPSUS A e participarão de uma entrevista online com a pesquisadora. Os dados obtidos serão analisados qualitativamente e quantitativamente. Espera-se que as mulheres possam verbalizar suas experiências, de modo que haja um registro fiel como insumo disponível para pesquisas futuras".

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235	CEP: 13.565-905
Bairro: JARDIM GUANABARA	
UF: SP	Município: SÃO CARLOS
Telefone: (16)3351-9695	E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 4.285.987

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo primário:

"Identificar a percepção de mulheres adultas vítimas de abuso sexual ao longo do ciclo vital quanto a sua corporeidade e sexualidade, entendendo isso como seu espaço mais íntimo".

Objetivos secundários:

- 1) Descrever, com base em histórias de mulheres, a percepção que elas têm do ato de abuso sexual.
- 2) Identificar o conceito de sexualidade que cada mulher vítima de violência ou abuso sexual atribui antes e depois do evento traumático.
- 3) Identificar possíveis dificuldades psicossociais e no desenvolvimento da sexualidade em mulheres vítimas de abuso sexual.
- 4) Descreva o tipo de relacionamento que estabelecem com o corpo, após abuso sexual".

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

1) Avaliação dos riscos

- a) Descrição: "Durante o processo, o participante pode se sentir desconfortável em fornecer as informações solicitadas, além de estresse e ansiedade causados pela lembrança de episódios desagradáveis".
- b) Medidas de cautela: não foram apresentadas.
- c) Providências: "A pesquisadora estará atenta a essas situações e, caso identifique problemas associados a essas questões, além de interromper a pesquisa, acolherá a participante e encaminhará para serviços especializados".

2) Avaliação dos benefícios:

- a) Benefícios diretos: "A pesquisadora poderá dar uma devolutiva para a participante. Caso seja identificado a necessidade de apoio psicológico após a coleta de dados, a pesquisadora poderá encaminhar a participantes para os serviços da rede".
- b) Benefícios indiretos: "Participar de uma investigação científica que contribua para gerar maior conhecimento sobre as situações de abuso sofridas pelas mulheres. Além de contribuir em estudos corporais Gerar informações necessárias para futuras pesquisas sobre o assunto do abuso sexual e sua relação com sua corporeidade e sexualidade. Insumo para o planejamento de políticas públicas, bem como informações para profissionais que atuam na área de saúde em geral".

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa possui relevância acadêmica e social, na medida em que visa dar visibilidade e voz a

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
 Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905
 UF: SP Município: SÃO CARLOS
 Telefone: (16)3351-9685 E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 4.285.687

mulheres que sofreram violência sexual no contexto universitário, bem como verificar as consequências de tal evento em suas vidas, sobretudo nas dimensões da sexualidade e do corpo.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de consentimento livre e esclarecido foram retificados de acordo com as indicações apresentadas no parecer anterior.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Considerando o exposto, e entendendo que o projeto está em consonância aos dispositivos normativos que regem a pesquisa em seres humanos, recomendo sua aprovação.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1509081_E1.pdf	10/08/2020 09:30:44		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_online2.docx	10/08/2020 09:30:02	Sabrina Mazo D Affonseca	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	cepgiselle.docx	22/07/2020 15:40:11	Sabrina Mazo D Affonseca	Aceito
Folha de Rosto	folharosto.pdf	04/06/2019 12:28:55	Sabrina Mazo D Affonseca	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 18 de Setembro de 2020

Assinado por:
ADRIANA SANCHES GARCIA DE ARAUJO
(Coordenador(a))

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905
UF: SP Município: SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685 E-mail: cephumanos@ufscar.br

ANEXO III - DIVULGAÇÃO DA PESQUISA EM MEIOS DIGITAIS

Nome do Site	Data da publicação	Link do acesso
Site Portal UFSCar	04/05/2020	https://www2.ufscar.br/noticia?codigo=12668&fbclid=IwAR3R79i0gsBpv0fAcRRhV3KMTN1v4Y
Coordenadoria de Comunicação Social UFSCar	04/05/2020	http://www.saci.ufscar.br/servico_clipping?id=66413
São Carlos em rede	04/05/2020	https://saocarlosemrede.com.br/pesquisa-da-ufscar-analisa-impactos-de-abuso-agressao-e-violencia-sexual-no-ambito-universitario/ https://radiosanca.com.br/details/tag/agress%C3%A3o?start=10
Quiminas site que reúne mulheres para discutir/levantar medidas de prevenção com a finalidade de combater o assédio no dep. de Química-UFSCar		http://www.findglocal.com/BR/S%C3%A3o-Carlos/367441027108541/Quiminas

PRINTS IMAGENS DA DIVULGAÇÃO NO E-MAIL INSTITUCIONAL.

Notícias UFSCar



Edição 04/05/2020

- [UFSCar cria espaço de acompanhamento docente para atividades online](#)
- [UFSCar lança edital e busca projetos para enfrentamento da Covid-19](#)
- [UFSCar promove a distância 1ª Jornada das Licenciaturas no dia 9 de maio](#)
- [UFSCar promove curso de especialização em Cuidados Palliativos](#)
- [Engenharia de Produção do Campus Sorocaba recebe inscrições em seleção para mestrado](#)
- [Pesquisa da UFSCar analisa impactos de abuso, agressão e violência sexual no âmbito universitário](#)
- [Iniciativa busca ampliar visibilidade de pesquisas em Engenharia Urbana](#)
- [Informe RUs: Pesquisa de demanda por refeições passará a ser semanal](#)
- [Informe PU: Reestruturação organizacional](#)
- [Clipping](#)

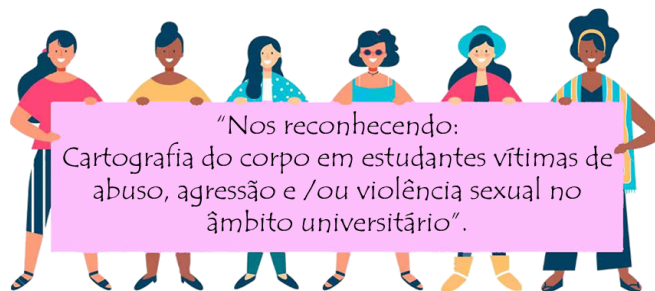
Pesquisa da UFSCar analisa impactos de abuso, agressão e violência sexual no âmbito universitário

A pesquisa "Nos reconhecendo: Cartografia do corpo em estudantes vítimas de abuso, agressão e/ou violência sexual no âmbito universitário", desenvolvida na UFSCar, está buscando voluntárias para avaliar o impacto no corpo e no desenvolvimento sexual de pessoas que sofreram situações de abuso dentro do ambiente universitário. Podem participar universitárias mulheres (cis, trans), com idade igual ou superior a 18 anos e que tenham experienciado ao menos um episódio de abuso, agressão ou violência sexual durante o período em que estiveram na universidade. As voluntárias não podem apresentar sintomas psiquiátricos ou transtornos de personalidade diagnosticados. O estudo é realizado por Giselle Alejandra Pincheira Navarro, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPs) da UFSCar, sob orientação de Sabrina Mazo D'Afonseca, docente do Departamento de Psicologia (DPSI) da Instituição.

As voluntárias responderão a [este questionário online](#), que contém perguntas relacionadas à caracterização do caso e para rastreamento de sintomas psicológicos. O tempo estimado de resposta é de aproximadamente 25 minutos. Posteriormente, a pesquisadora poderá entrar em contato com as participantes para a realização de uma entrevista individual. O sigilo é assegurado. Após a coleta de dados, caso seja identificada a necessidade de apoio psicológico, as voluntárias poderão ser encaminhadas para serviços de saúde.

Mais informações estão disponíveis no [formulário](#) e dúvidas podem ser esclarecidas pelo e-mail gis.pincheira@gmail.com. Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSCar (CAAE: 15113119.6.0000.5504).

[índice](#)



Os critérios de inclusão são:

- Ser estudante universitária, igual ou superior a 18 anos;
- Ter experienciado ao menos um episódio de abuso, agressão e ou violência sexual (atual ou passado) dentro da universidade ou por parte da comunidade universitária.
- Não ter sintomas psiquiátricos ou transtornos de personalidade.

Pesquisa de Mestrado em Psicologia UFSCar.
Contato: gis.pincheira@gmail.com

Cartaz divulgado nas redes sociais. Elaboração própria.

ANEXO IV - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS SEMI ESTRUTURADAS

Objetivos específicos	Variáveis	Dimensões	Perguntas	Atividade
<p>1. Descrever as situações de abuso, agressão e ou violência sexual (atual ou passado) das estudantes, dentro do âmbito universitário.</p>	<p>Violência de gênero</p> <p>Tempo de verbalização do abuso.</p>	<p>Contexto da violência</p> <p>Revelação do abuso</p> <p>Redes de apoio</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. O que te motivou a querer contar sua história? 2. Em que momento você ficou ciente de que estava experimentando violência? 3. Quem foi a primeira pessoa que você contou o que aconteceu? 4. Quanto tempo depois você foi capaz de verbalizar o que aconteceu? 	<p>Linha do Tempo</p>

	<p>Consequências</p> <p>Psicológicas, sociais, simbólicas, institucionais.</p>	<p>Impactos no curto, mediano e longo prazo</p> <p>Medo de se relacionar com outros.</p>	<p>Você sentiu em algum momento que você era culpado pelo que aconteceu? Deixo de ir a alguns lugares para evitar olhar certas pessoas depois do que aconteceu? No nível emocional, você tem dificuldade em expressar o que sente claramente? Passou por períodos de depressão e / ou ansiedade. Sim sim Como você pode lidar com isso?</p>	<p>Linha do Tempo</p>
--	---	--	---	-----------------------

<p>2. Mencionar impactos da violência experimentada em seu corpo e na imagem corporal</p> <p>3. Identificar possíveis impactos no desenvolvimento sexual das estudantes universitárias.</p>	<p>Relacionamento pessoal com seu corpo e sexualidade.</p>	<p>Estabelecimento de limites interpessoais.</p> <p>Autoconhecimento do nosso corpo e sexualidade.</p> <p>Percepção da imagem corporal.</p> <p>Falta de desejo</p> <p>Perda de prazer sexual</p> <p>Negação da sexualidade.</p> <p>Não consegue atingir ao orgasmo</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Você experimentou perda de interesse ou de prazer sexual após a experiência de abuso? 2. Sentiu rejeito de partes do seu corpo após a agressão sexual? 3. É capaz de dizer quando algo incomoda ou se sente desconfortável? 4. Quais práticas de autocuidado devemos implementar depois de uma situação de abuso? 5. Como você se sente com seu corpo hoje? Se olhar no espelho com frequência? O que você vê nele? 6. É capaz de dizer não, se você não quer realizar alguma atividade em geral. Ou prefere dizer sim para evitar problemas? 	<p>Cartografia corporal</p>
---	--	--	---	-----------------------------

ANEXO V: LINHAS DO TEMPO DAS PARTICIPANTES.

Os nomes que aparecem descritos nas linhas do tempo são fictícios, com o objeto de manter o sigilo das pessoas envolvidos em cada situação.

Figura 1. Linha do Tempo Participante Orquídea.

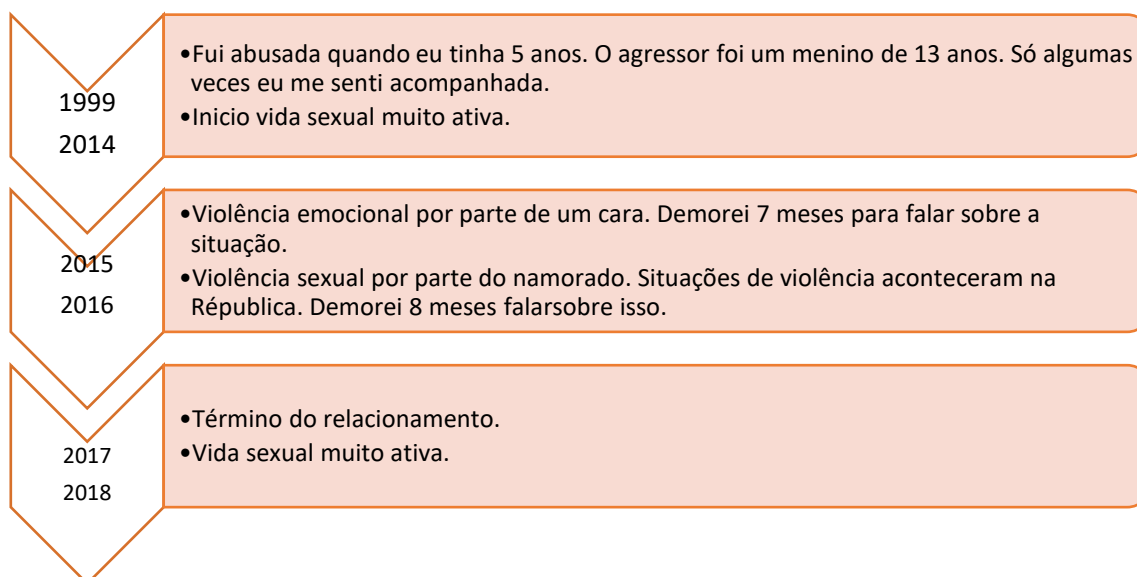


Figura 2. Linha do Tempo Participante Girassol.

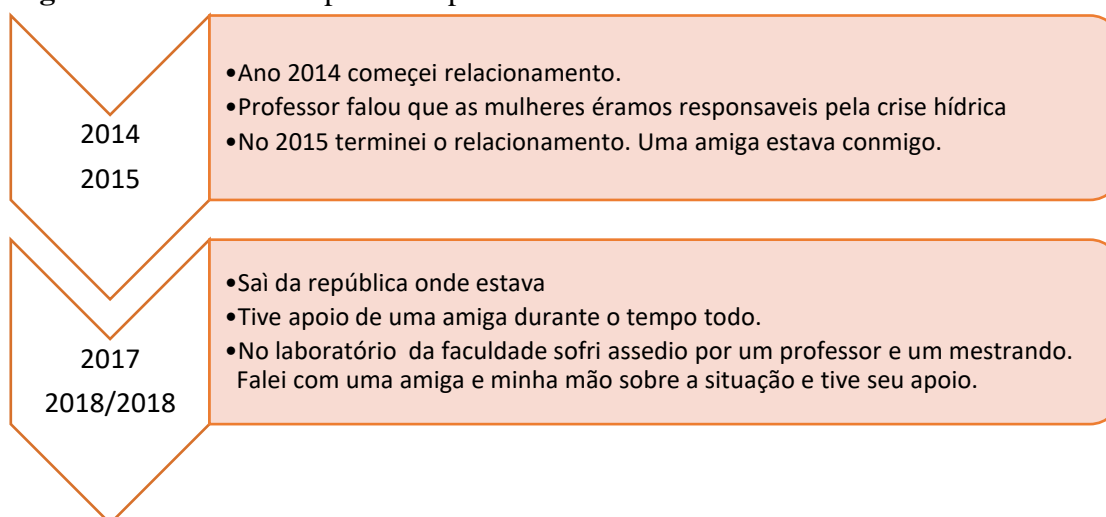


Figura 3. Linha do Tempo Participante Urze.

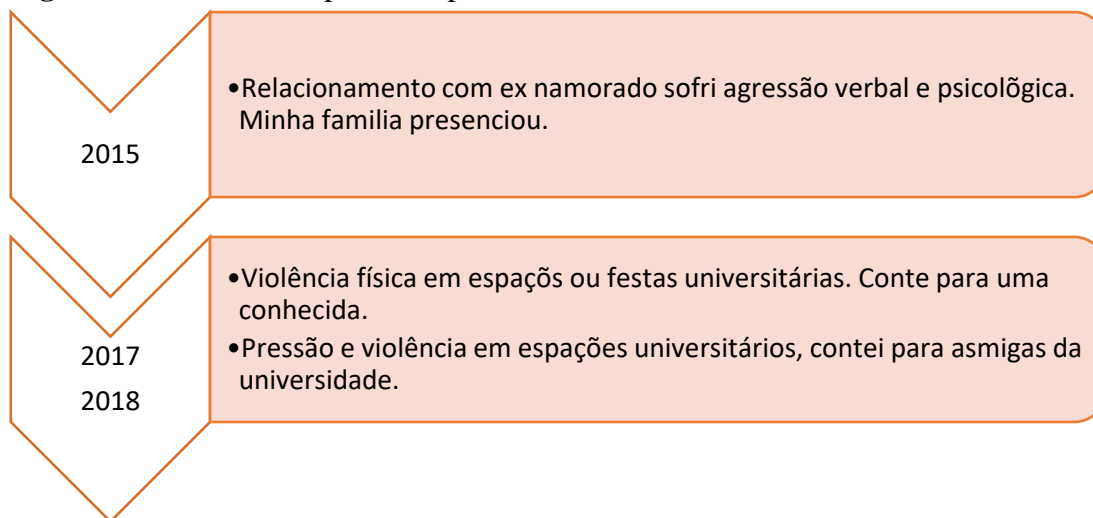


Figura 4. Linha do Tempo Participante Lavanda.

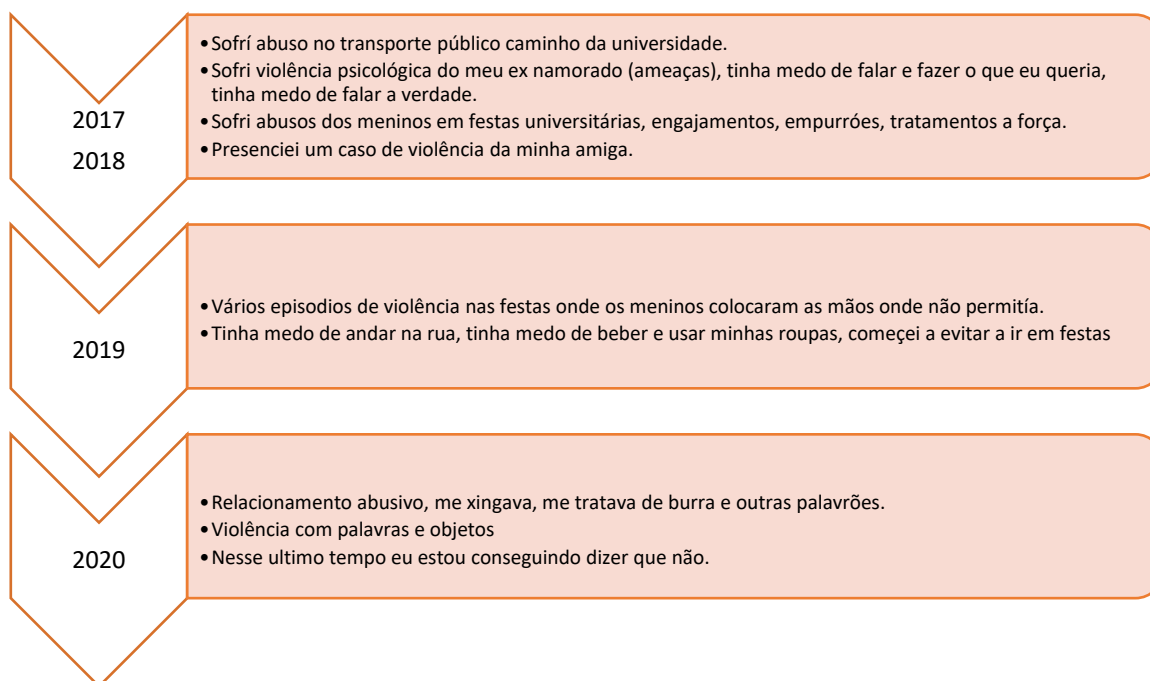


Figura 5. Linha do Tempo Participante Margarida.

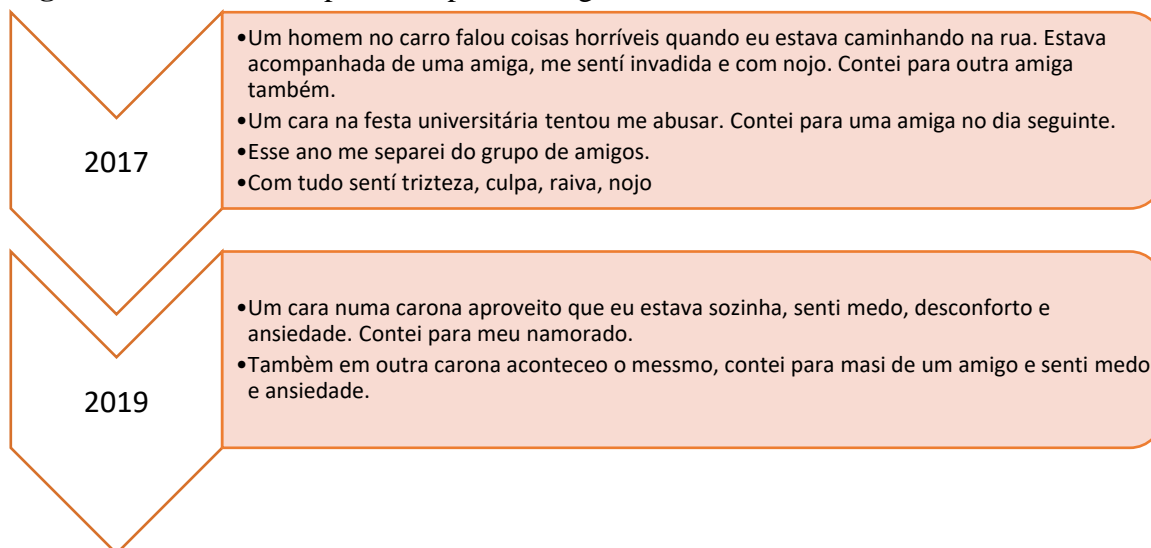


Figura 6. Linha do Tempo Participante Mimosa

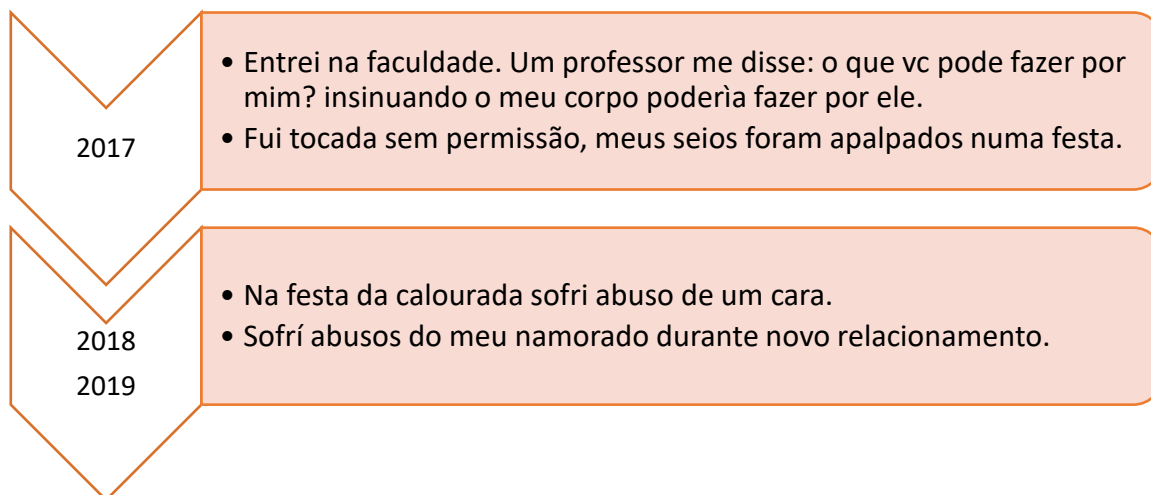


Figura 7. Linha do Tempo Participante Violeta.

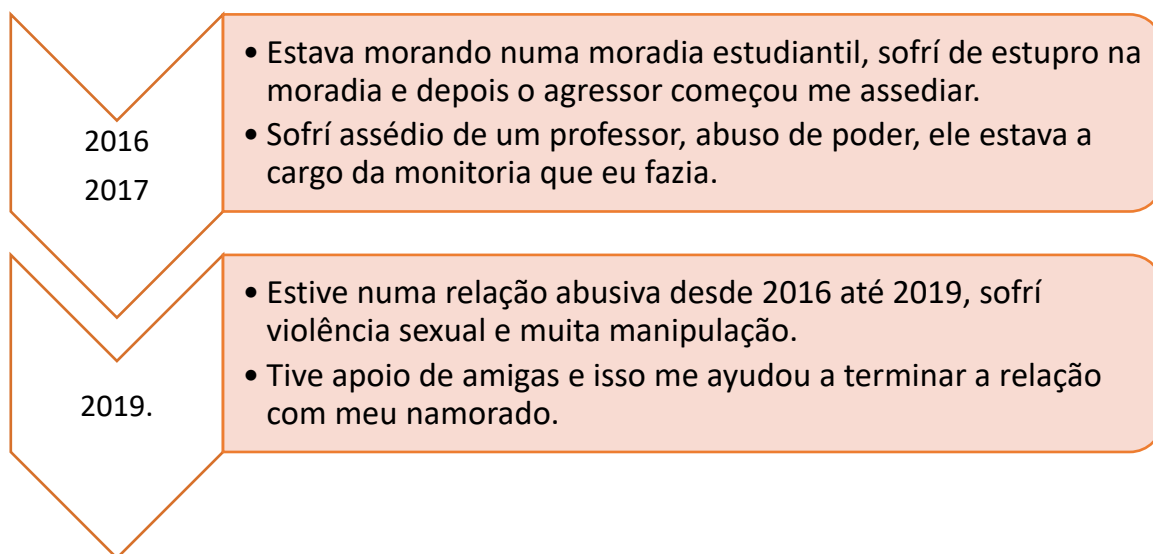


Figura 8. Linha do Tempo Participante Azaleia.

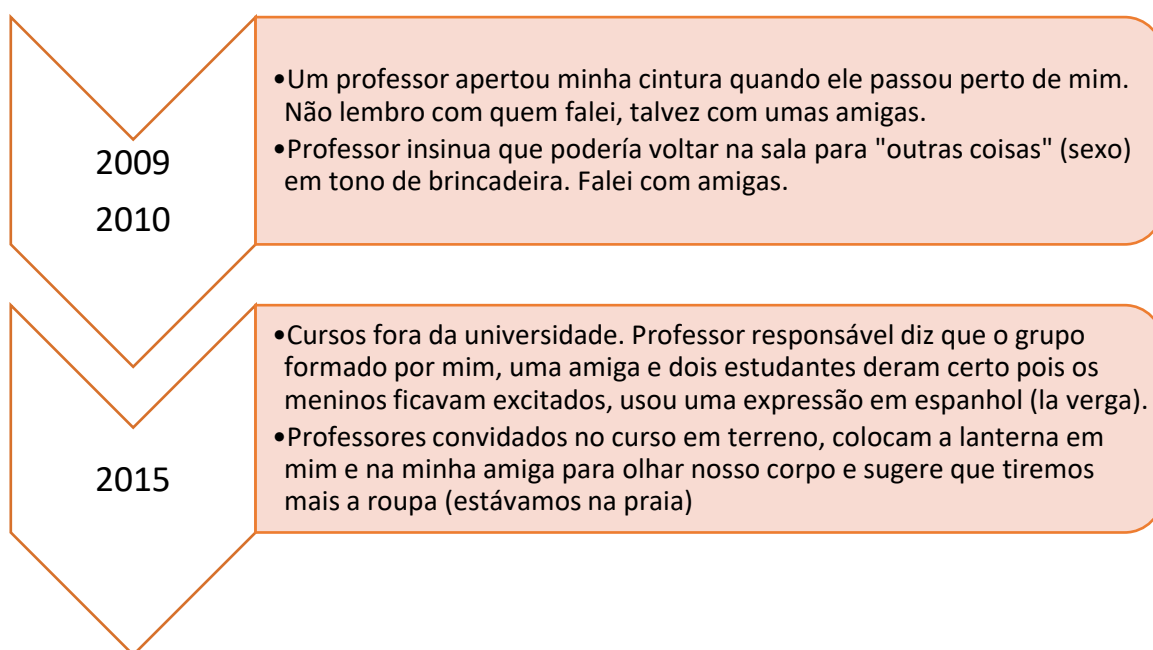


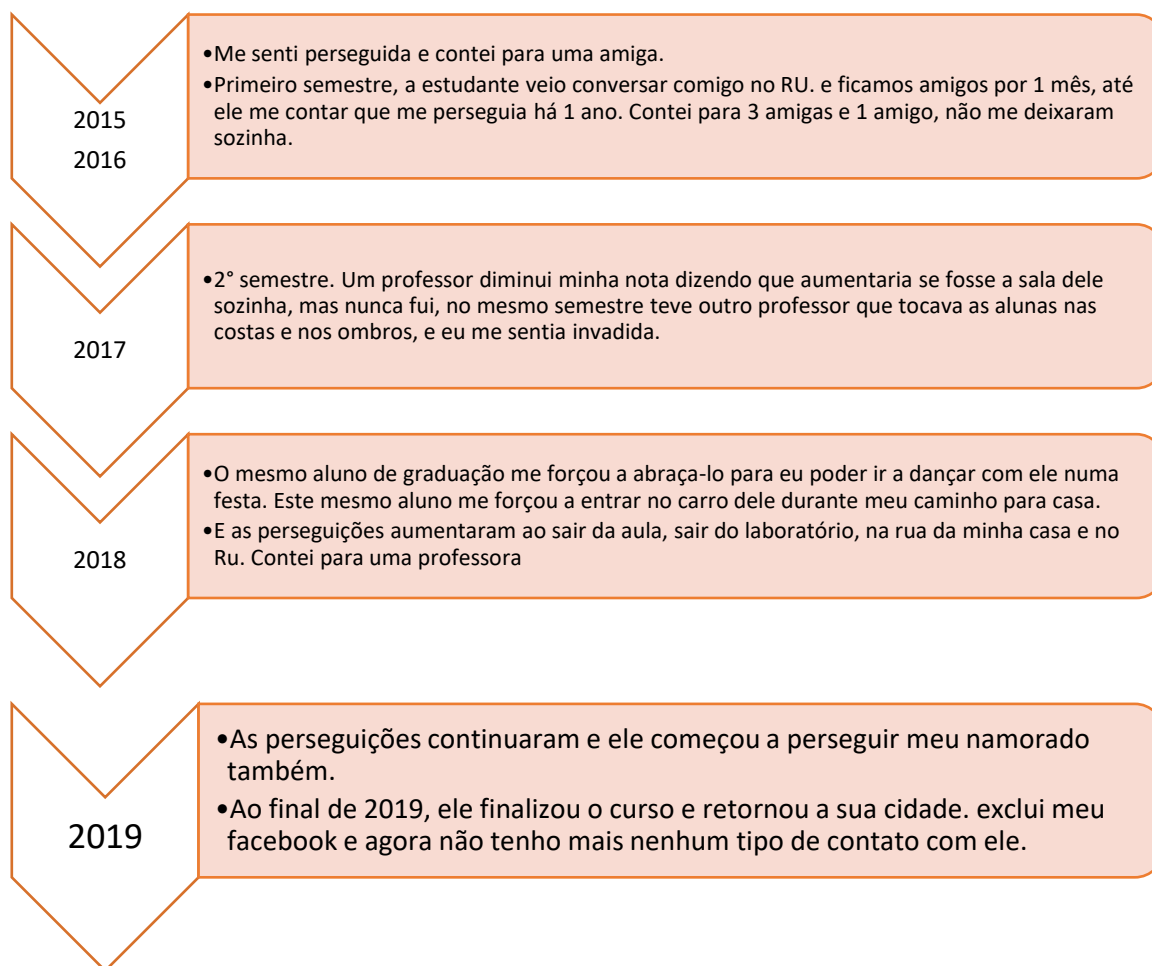
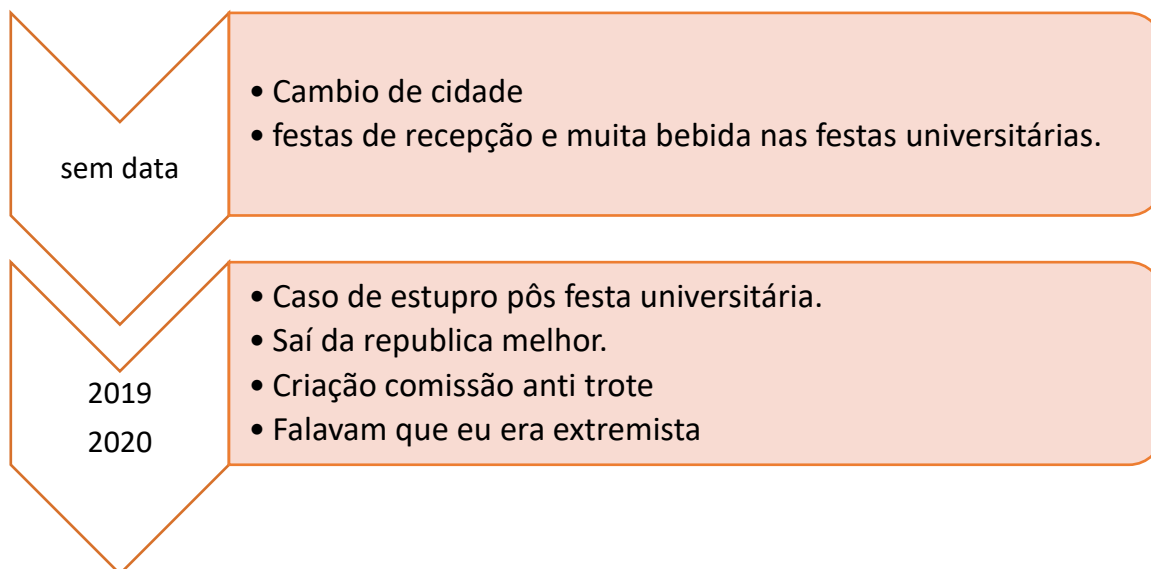
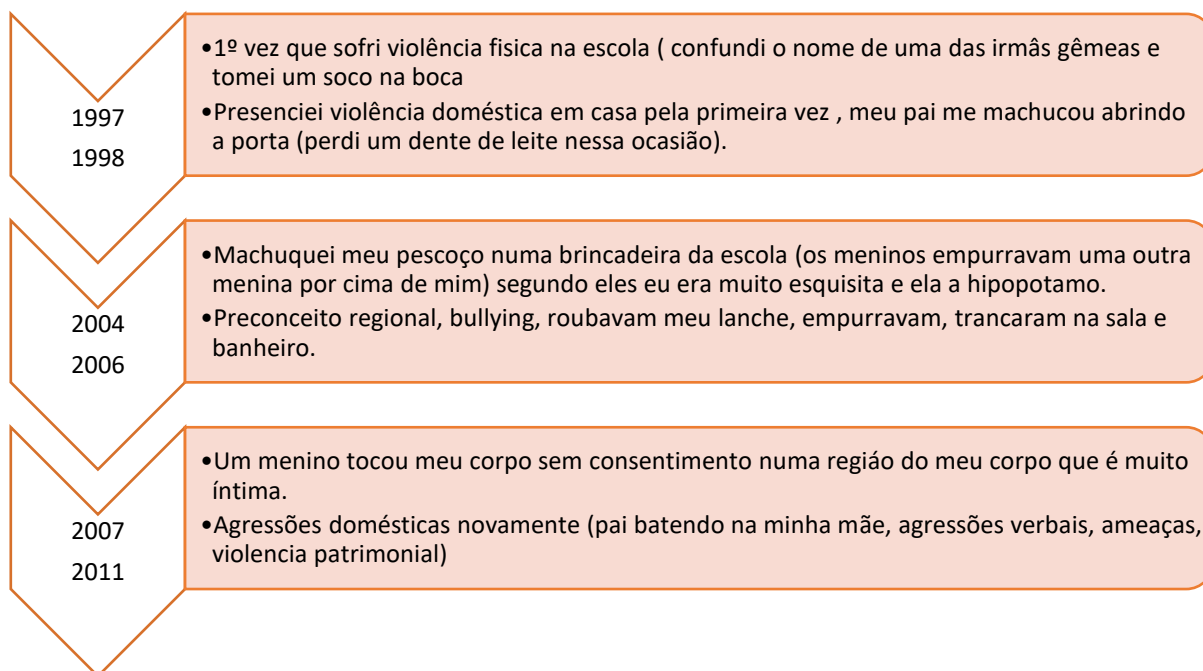
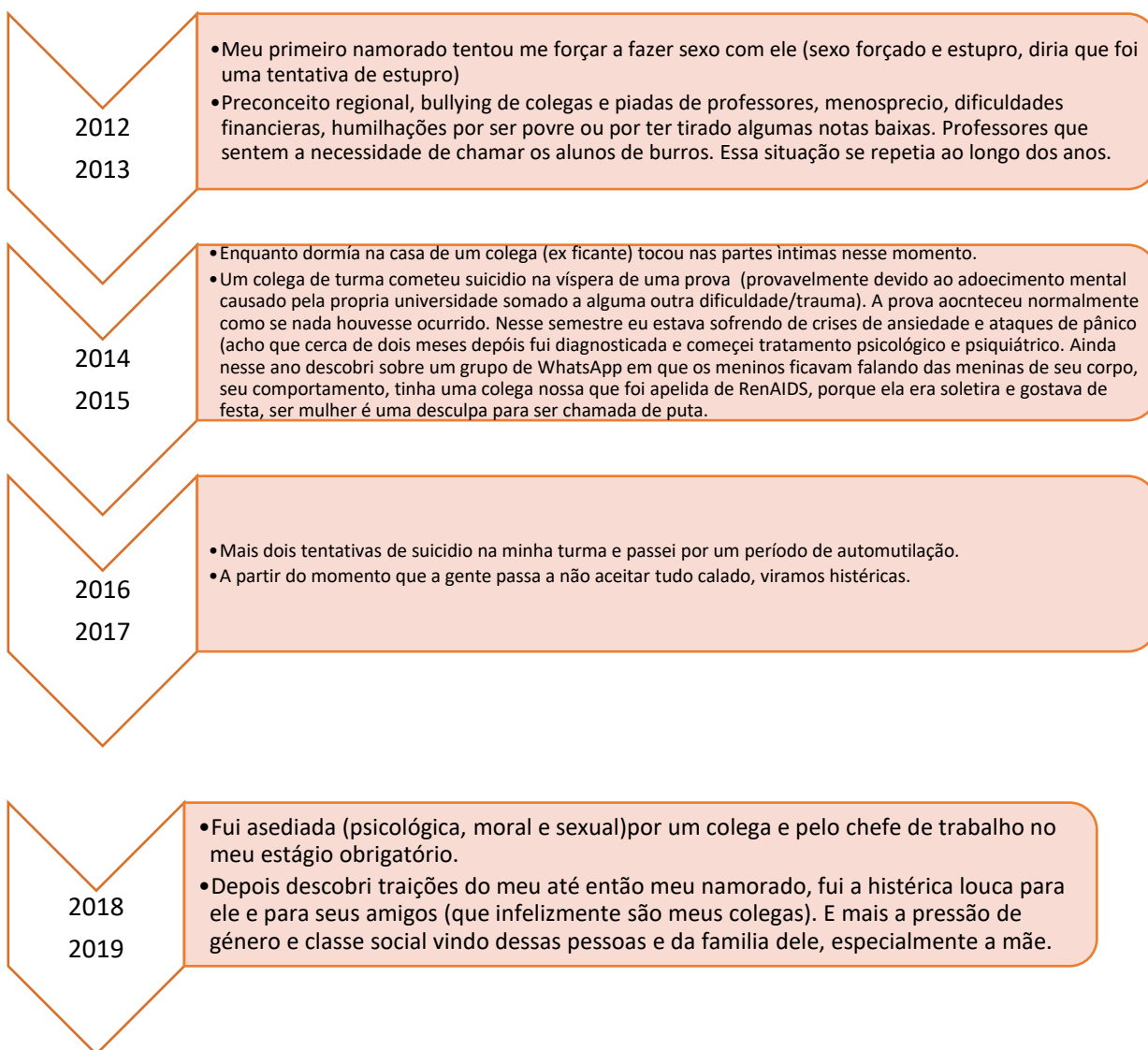
Figura 9. Linha do Tempo Participante Jasmim.

Figura 10. Linha do Tempo Participante Lírio**Figura 11.** Linha do Tempo participante Rosa.



APÊNDICE I- REGISTRO DO PARECER DA PESQUISADORA NO PROCESSO DE ENTREVISTAS.

Em conjunto com minha orientadora Sabrina, consideramos adequado deixar um espaço nesta dissertação dedicado a expor as dificuldades enfrentadas durante o processo da aplicação das entrevistas online, feitas durante o primeiro semestre de 2020, no contexto do vírus SARS-CoV-2d, e a conseqüente pandemia que infelizmente ainda atinge ao mundo todo.

O primeiro desafio foram as entrevistas em si mesma, que buscavam indagar temas tão complexos e íntimos como aquelas experiências marcantes na vida das estudantes que sofreram algum tipo de violência no contexto universitário. Logo, a mudança na modalidade das entrevistas tendo que continuar com o processo online, poderia limitar a comunicação não verbal principalmente, pois não existiam as condições de biossegurança para realizá-las presencialmente como foi disposto num início. E por último, os efeitos emocionais que surgem no momento de lembrar os episódios experimentados pelas participantes traz, não só tribulações que atingem como pesquisadora se não também as participantes que voluntariamente acederam a contar suas histórias.

Das onze estudantes entrevistadas todas tiveram alguma manifestação emocional ou corporal durante a entrevista, sendo evidente o choro muitas vezes desgarrador ao relatar alguns episódios que elas descreveram como os mais prejudiciais. Silêncios e respirações profundas ao re vivenciar os detalhes, risadas sem sentido aparente entre as falas, mas que conectam com um nervosismo e ansiedade intrínseco de quem experimentou uma situação traumática e volta a mencionar esse momento tão difícil. Ao início das entrevistas, algumas das meninas falaram de sentir sudorese, palpitações, dor de cabeça dias antes da entrevista pelo fato de ter que tomar a decisão de participar ou não.

Pessoalmente, escutar ativamente cada um dos relatos exigia uma disposição mental e corporal necessárias para entregar a contenção indispensável para o feedback. Houve algumas entrevistas em que eu também me vi ultrapassada pela história e que ainda com as ferramentas que eu considerava importantes para manter a serenidade era complexo. Quero dizer que você como pesquisador (a) não é um super-herói que poderá mudar a vida de todos, nem sempre será neutro em suas opiniões, somos humanos simplesmente querendo avançar na ciência, então por favor não se cobre demais.

O intuito é transparentar nossa prática como pesquisadoras, para que mais profissionais possam ter a coragem como ponto de partida para se adentrar neste mundo, a ética para com nossas pesquisas e com cada um dos voluntários (as) que têm a necessidade de ser escutado com respeito, sem julgamentos, com admiração de quem consegue mudar sua própria realidade. Faço o convite para que outros possam continuar e tenham a capacidade profissional, emocional, e de autocuidado conosco e com os outros.